RB136, 388

Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by

Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil

ANATOMICO
JOCOSO,

QUE EM DIVERSAS OPERAC,OẼS
manifeſta a ruindade do corpo humano,
para emenda do vicioſo.

ANATOMICO JOCOSO,

QUE

Em diverſas operaçoẽs manifeſta a ruindade do corpo humano, para emenda do vicioſo.

DADO Á LUZ

PELO DOUTOR

PANTALEAÕ DE ESCARCIA RAMOS,

Que á cuſta do ſeu trabalho ajuntou de varios Authores eſtes divertidos fragmentos.

TOMO I.

* * * * *
* * * *
* *
*

Con Privilegio: EN MADRID, en la Imprenta de Franciſco del Hierro. Año de 1752.

DEDICATORIA

AO SENHOR

JOACHIM JOZÉ VERMUELE,

Cavalleiro profeſſo na Ordem de Chriſto, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Eſcrivaõ do Regiſto das Merces, e da Chancelaria de Eſtado da Sereniſſima Caſa de Bragança, Juiz Cõmiſſario da Meza da Conſciencia, e Ordens, Adminiſtrador Geral dos Direitos da Alfandega deſta Cidade, por Decreto de S. Mageſtade

D. JOZÉ O I.

NOSSO SENHOR.

OFFEREC, O a V. M. eſta Obra intitulada Anathomico Jocoſo, *na certeza de que achará no ſeu patrocinio aquelle meſmo aſylo, que nunca coſtumaõ negar aos*

profeſſores das letras os peitos generoſos. Por eſta razaõ naõ duvidey que as literarias fadigas, que dou a ler neſtes Volumes, appareceſſem condecoradas com o nome de V. M.: nem os Authores, que engenhoſa, e diſcretamente as eſcreveraõ, ſe hoje viveſſem, buſcariaõ outro Mecenas, a quem as dedicaſſem. Do acerto deſta minha eleiçaõ reſulta grande gloria ás frias, e mudas cinzas, a que elles ſe achaõ reduzidos; pois V. M., amparando agora a ſua fama, lhes augmenta, a pezar da morte, a veneraçaõ, e os cultos, que eſtavaõ quaſi eclipſados entre as ſombras da ſepultura; aonde hia eſcondendo o tempo a ſua illuſtre memoria. A erudita poſteridade agradecerá a V. M. a generoſidade, com que protege eſtes Eſcritos, para que ſe lêaõ emendados, correctos, e reſtituidos á ſua original inteireza, depois de andarem desfigurados em taõ diverſas copias, e fragmentos: e ſem dûvida ſe perderiaõ com o lapſo dos annos, ſe V. M. naõ concorreſſe com a ſua protecçaõ para ſe immortalizarem na Republica das letras, preſervando-os do eſquecimento pelo beneficio da eſtampa. Eu tambem, quando os dedico a V. M., tenho a honra de que conheça o mundo que ſey eſtimar os brilhantes predicados, que ennobrecem, e adornaõ a ſua

Peſ-

Peſſoa, e que o fizeraõ benemerito de tantos empregos politicos. Mas como o deſcrevê-los ſeria profaná-los, e avultaria mais que o livro a Dedicatoria; ſuſpendo os voos da officioſa, mas naõ liſongeira penna, porque he mais elegante quando emmudece nas aras do reſpeito, e do ſilencio, do que quando eſcreve elogîos, ainda que ſeja em laminas de bronze. Deos guarde a V. M. muitos annos.

Seu reverente, e obſequioſo venerador

O Doutor Pantaleaõ de Eſcarcia Ramos.

PRO-

PROLOGO

AO LEYTOR.

CUrioſo Leytor, chamo-te aſſim; porque ſey, que ſe o naõ foſſes naõ andarias a eſtas horas revolvendo-me as folhas, para conheceres as boas, ou más intençoẽs das minhas obras: as que te offereço, poſſo-te ſegurar, que ha mais de meya duzia de annos que me fazem companhia, nas horas da triſteza. Avarento das ſuas graças, as trazia fechadas em duas gavetas velhas, donde ſómente ſahiaõ para ſe ſacudirem do pó, e me deſpertarem o rizo, ſendo joyas, que até aos amigos eſcondia, recioſo da peſca; lembrando-me, que muitas por lá acabaraõ as vidas, ſem que lhe deveſſem humas breves memorias, e outras, que á pura dilligencia ainda pode tornar a colher ás maõs, já as achey taõ desfiguradas, que apenas lhe encontrava huns ſinaes das primeiras fórmas; e por eſta cauſa naõ fazia conta de lhe dar man-

dado de soltura, sem que eu de todo me mudasse para a outra vida. Vem se naõ quando ella se armou de sorte, que por dá cá aquella palha, vim a dar com o protesto de pernas acima. He o caso, que ha tempos a esta parte, de que Deos nos livre, entraraõ a soar por esta terra os esganados tenores de duzentos cegos, e os desmanchados tiples de quatro centos moços apregoando *Relaçoẽs curiosas* com tanta abundancia, que pareceo effeito da fartura do anno pela grande colheita. Naõ tem havido remendaõ do Parnazo, nem bicho da cozinha da rhetorica, que naõ vomite todos os dias toda quanta immundicia acharaõ nas alcofinhas daquelles bestuntos, e quanta porcaria encontraraõ nos caqueiros daquelles Cerebros. Eu que por meus peccados sempre fuy tentado com este vicio, do papel curioso, a cada pregaõ, que ouvia, era huma ferretoada que levava, e sem querer, fuy despendendo as pobres moedas, que ajuntava para o tempo das castanhas, em estes malditos papelinhos, que só serviaõ para traques, e com taõ bom succesſo, que de todos elles só tirey o arrependimento; porque graças aos juizos, que pariraõ estas monstruosidades, foraõ raros os que topey, que naõ fossem frioleiras. Até que compadecido da afflicçaõ em que te concidera-

va ſe eras douto, e magoado das injurias, que ſe faziaõ a Portugal, ſendo hum varaõ de tanto reſpeito, me determiney a dar á luz eſtas crianças ſem conhecidos pays, vendo com quanta differença foraõ criadas, que com aquillo meſmo que recreaõ os ſentidos, vaõ reprehendendo os coſtumes. Iſto ſe fazia em aquelle tempo, e iſto ſe fará tambem hoje; mas como os neſcios ſe ſoltaraõ, e he mayor o numero, puzeraõ-ſe os ſabios aos cantos, com os receyos de alguns pinotes, para eſte effeito fuy logo revolvendo as gavetas, ſacando os quadernos ſazendo para aqui hum molho de Relaçoẽs, para acolá huma rima de verſos, para cá huma feira de cartas, até que deſtes feches pude tirar hum par de Tomos.

Com eſta tareſa me achava eu quando me entrou pela caſa hum amigo Eſpanhol, homem de muita capacidade, e mayor prudencia, e ouvindo o meu intento, me preſuadio, como diſcreto, as quizeſſe livrar deſtas noſſas imprentas que por inficionadas daquellas peſtes como mal contagioſo lhe poderia pegar as meſmas manhas: Offereceo-ſe-me para a eſtampar em Caſtella, aonde teriaõ a primeira acceitaçaõ as ſuas graças; eu lhas dey pelo conſelho, e pelo favor, e lhe partio para a execuçaõ. Se de lá, como

eſpero te vierem á maõ, como eſpero, e goſtares, com menos diſpendio, do que te terá levado a tareſa daquellas parvoices, terás, com que infeites as tuas livrarias; com ellas te poderás divertir, ſem o eſcrupulo, de que em todas encontres, couſa que ſe opponha a pureza da Fé, nem a bondade dos coſtumes. Os máos muitas vezes os verás caſtigados, com os ditos jocoſos: mas por iſſo tem mais de graça, quanto mais caſtiga a culpa; a ſua meſma variedade, te fará mais ſaboroſa a meza, regala-te com ella, e por ultimo pratinho, me acceite, e ſempre eterno.

Valle.

IN-

INDEX

DAS OBRAS, QUE CONTEM este Livro.

OBRA I. *Banquete preparado, e definido: Descripçaõ dos pratos da olha para direcçaõ dos golosos, e consolaçaõ dos buchos.* Pagina 1.

OBRA II. *Discurso funebre na morte do algoz da humanidade.* pag. 27.

OBRA III. *Felicissimo Transito do segundo taralhaõ de Lisboa, melancolico Occaso do escondido Sol da India, e funeral Obelisco, ou Mausoléo carvoeiro.* pag. 33.

OBRA IV. *Noticia do Purgatorio de Cupido, em que com estylo jocoso critîca em si hum amante o que succede aos mais loucos desta Classe.* pag. 74.

OBRA V. *Discurso de defuntos, e ausentes. Soliloquio de huma alma, fallando com*

com o homicida, que lhe tirou a vida. p. 93.
OBRA VI. *Conselhos de hum Perdulario, ensinando a acceitar tudo o que se der.* p. 99.
OBRA VII. *Discurso sobre as palavras do ferolico berolico quem te deo tamanho bico?* pag. 109.
OBRA VIII. *Desculpa para sahir á luz hum Romance, que se gerou ás escuras.* pag. 123.
OBRA IX. *Definiçaõ da Saudade, que, para tirar aos Amantes o fastio, escreveo seu Author em estylo jocoso.* pag. 130.
OBRA X. *Resposta a huma obra de Portuguez Grego, discurso Hebraico, e estylo Armenio: e finalmente, com huma noticia mettida na casa do segredo, taõ incapaz de romper-se, como digna a carta de resgar-se.* pag. 139.
OBRA XI. *Propriedades violantemente Apollineas do Papagayo de Apollo, Gralha do Parnazo, e Pega do Metro. Execradas no Almotacel da savandija Poetica, e Aguazil do Povo de Helicona.* pag. 167.
OBRA XII. *Satira a hum homem bebado.* pag. 173.
OBRA XIII. *O Pronostico mais certo, ou Lunario do anno de* 1743. pag. 177.
OBRA

OBRA XIV. *Lamentaçaõ ſaudoſa, chorada nas trevas da auſencia, pelo Jeremias da diſtancia.* pag. 183.
OBRA XV. *Obra Apologetica, ou tanho diſcurſivo contra a eſquivança, e tyrannia feminina, a huma ſenhora, que abominou o nome de Seringa.* pag. 187.
OBRA XVI. *Reſpoſta a huma obra, que eſcreveo, ſobre as Feſtas que ſe fizeraõ em Cintra a* 10., *e* 11. *de Settembro do anno de* 1720. pag. 203.

BAN-

BANQUETE PREPARADO, E DEFINIDO:

DESCRIPÇAÕ DOS PRATOS DA OLHA

Para direcçaõ dos golozos, e conſolaçaõ dos buchos.

Ó Creaturas, ó homens, ó gentes, ó ditozos alarves, que ahi vos fartais por eſſas meſas, empanzinando eſſas barrigas, e fazendo como huns tambores eſſas panças. Tambores digo, porque tocais a marchar, naõ com vaquetas que tocaõ, mas com vacas que ſe maſtigaõ: vaquetas fieis ſaõ aquelles páos, com que ſe tocaõ os tambores. Ó vósoutros, torno a dizer, lobos da olha,

cegonhas do preſunto, e corujas do caldo, que andais por eſſe mundo, vivendo na eſturdia da contingente fartadella; já na ſála do bautizado, já na merenda do amigo, já na romagem do devoto, já na caã fóra do divertido, e finalmente já no cirio, em que coſtuma arder tudo.

Vós, que aſſim vos fartais, abrindo tanto eſſas bocas para o bocado, ſem nunca as abrires para o agradecimento; oh progenie ingrata, lambazes á tripa fôrra, e comiloẽs a *gaudere*, ſem a mais pequena attençaõ, ſem a menor cortezia, com as perſonagens, que vos põem comſigo á meſa! Aſſim ſuccede (quanto ao principal da galhofa) aſſim ſuccede á pontual ſopa, ao diligente aſſado, ao infallivel preſunto, e ao veneravel vinho; que ſaõ os quatro elementos, com que reſpira, vive, e dura o eſpherico mundo da voſſa barriga: e por ventura abriſtes algum dia a boca do eſtomago para lhes agradecer eſte beneficio? Ora, para confuſaõ voſſa, eſcutay o que deveis a eſtes nobres, e benevolos elementos, e ficareis com a boca aberta paſmados, como ſempre o eſtais de famintos; e vamos

A' PONTUAL SOPA.

POntual ſopa? Sim; porque ella he a que nunca falta: ella na meſa a primeira, ella no banquete, e ſempre terna. E que ſuccede á ſopa para vir a cumprimentar-vos na meſa? Ora vede: para naſcer, ſe ſepulta na terra; a pedra da ſua campa he a bota do vilaõ, que a enterra. Vive enſopada do Inverno; morre chamuſcada do Eſtio; alli paſſa a maré no cadaver, a ſer piſada na eyra, moida na atafona, ralada na peneira, eſpancada no alguidar, queimada no forno, encarcerada no armario, até que finalmente deſpedaçada na ſopeira, triunfa de tanto martyrio, coroada com a capella do cheiro.

Vede o que cuſta a eſta pobre ſenhora o vir a ſervir-vos de pratinho na meſa, e a generoſidade, e preſteza, com que ſe offerta: por mais que a maõ a eſquarteje, o caldo a eſcalde, o preſunto a pize, nada a atemoriza. Ella he a primeira, que chega: oh ſoberana ſopa! tu es o guiaõ da meſa; tu es o pregaõ da olha; tu es o ſargento dos guizados; tu es a primaz dos gorgomîlos: tu finalmente es o poſtilhaõ do

paladar, que deſces ao paço do eſtomago a dar a nova de que o banquete he chegado.

Pois o que tem, he naõ ſer ella nada ariſca: alli eſtá ſem reſiſtencia, ou a machuque a golodice dos dedos, ou a eſpiche a impertinencia dos garfos, ou ameace a mordacidade dos carrilhos; ſem que atemorize a garganta com a eſpinha, o dente com o oſſo, ou o melindre com a pelle. Alli ſe offerece toda branda, toda macîa, a peſar da roda do payo, que a piza, e do vilaõ do repolho, que a amaſſa. Oh pacientiſſima, e ſaboroſiſſima ſopa, que tal vez cahes no mel ao goloſo, convidas temperada ao lambareiro, e eſperas aboborada ao politico! Mas em fim, aſſim devias ſer, pois te reconheço o guiſado mais diſcreto, porque quaſi toda es miôlo. Mas paſſemos

AO DILIGENTE ASSADO.

DIligente digo, porque nenhum chega com mais fogo, ainda que naõ ſó o traz no rabo, mas tambem ſe lhe ſente no peito. Grande prato, meus commilitoẽs, que em latim quer dizer companheiros! Grande prato! Porque aſſim como para os Aſtrologos ha con-

conjunçaõ maxima de Planetas; aſſim para os lambazes he eſta a uniaõ maxima das viandas. Alli vem a perdiz a peito deſcuberto; alli o perû, que, a pezar do nome de velho, nenhum mais bem córado; alli a gallinha offerecendo o recheyo do bucho para o cheyo do prato; alli o cazal de frango, e franga, deixando tal vez faminta a enfermaria, por augmentar a fartadella da venturoſa pança: alli finalmente a rola ſem gemidos, e a pomba ſem arrulhos, porque iſſo foy paſſar da penna dos poetas á navalha das cozinhas.

Mas affaſtem-ſe todos, que chega o general dos aſſados; chega o lombo, taõ nobre, que tem por epîteto o branco: chega o lombo, que, ſahindo da porcalhota, intenta dar comſigo na fonte da pipa. Mas oh deſgraça do prato limpo, e do guardanapo dobrado, que naõ merecemos a generoſidade deſte cavalheiro, mais que o tempo de dous mezes quando muito! Porque, eſtudando a brevidade da roſa, perde tambem entre as eſpinhas a vida, com a laſtima de o vermos triunfado da bateria do feijaõ ſaloyo, do aſſalto do bacalháo Hiberne, e, quando he mais nobre o adverſario, do ſavel reumoſo; inda melhor do ſalmaõ Genoyezino: mas

alto,

alto, naõ haja lagrimas, que dos ſeus fogos paſſamos a melhor cinza.

Viſtes vós mais formoſa eſquadra! Quem naõ ha de render a praça do eſtomago a taõ bem guarnecido terço; lombo, perû, perdiz, franga, pomba, rola, e o frangainho capaõ em agraço, e gallo de futuro? Que ſejaõ taes eſtes emplumados individuos, que, ſem attenderem ás ſuas proprias pennas, naõ ſó os traz ainda em pelle a preſſa, mas ainda vem aſſados por chegarem a ſer iguaria! Que ſe offereçaõ á eſpingarda do caçador aſtuto; ao cutélo do algoz cozinheiro! Que conſintaõ na eſtripaçaõ do ſeu proprio bucho, e vaõ ainda emcima a ſervir em hum forno! Que a nobre perdiz venha a cahir rendida na eſtanhada flamenga, quando ainda agora a viraõ taõ eſpetada na cozinha! Que o perû, que ainda agora ſe eſteve rindo do veraõ, com as pernas para o ar no eſpaçoſo campo do forno, venha render-ſe no corpo da guarda do prato, onde o apanhou a guarniçaõ do meyo! E finalmente: que as mais aves, que viviaõ em ſaudavel elemento, na larga, e eſpaçoſa regiaõ do ar, logrando os favores do Favonio; ſe venhaõ metter no abafadiço elemento, e encalmada vivenda da regiaõ do fogo, onde eſtaõ

ex-

experimentando, e ouvindo as ferramentas de Vulcano; e que nem assim mereçaõ a vossa attençaõ! Oh alarves do assado, e papagentes do forno, sem fazer mais que assaltá-los logo no cerco do prato; já mutilando-os com os golpes das facas; já prendendo-os com as fisgas dos garfos; já despedaçando-os com a carniçaria dos dedos: sem que no enterro daquelles gostosos cadaveres se vejaõ mais luzes que as de hum copo acceso; nem se ouçaõ mais vozes, que as gargantas, que os vaõ engolindo: barbaro desagradecimento! Oh desgraçadas rezes, que do purgatorio da braza cozinheira assim passais ao inferno da pança desagradecida! Mas acabe já de entrar neste lastimoso theatro o infallivel representante do

PRESUNTO.

INfallivel Presunto digo, porque elle he a alma da mesa, o coraçaõ da boda, e a vida da galhofa, desde o Cavalheiro mais caprichoso, até o mais mofino sarralheiro; huns o compraõ, outros o acclamaõ, e finalmente todos o suspiraõ: inseparavel companheiro do divertimento, mais escasso da merenda de menos

nos eſtofo, e do almoço de menos vulto; o levaõ ſempre comſigo: o bandarra no lenço; a guapa no guardanapo; o eſtudante no papeliço; o official na algibeira; a beata na manga; a regateira na giga: ſem haver alma Chriſtaã, que naõ reconheça as grandes virtudes, e ſingular preſtimo, que a natureza depoſitou naquelle original bocado. Oh amado, oh bem quiſto, oh guapo, e eſtupendo preſunto! Mas ide vendo o que deveis ao ſeu cuidado.

Naſce eſte parto precioſo entre os coeiros de bacorinho, paſſa com o tempo ás virilidades de porco: alli começa a empenhar-ſe no contrato, ajuntando os cabedaes do toucinho; ſendo que nunca tira o pé do lodo: mas aſſim que ſe vê já engroſſado, a tudo faz focinho, e por mais que imite ao Elefante na prudencia, naõ deixa de ter ſeus dous dedos de tromba: induſtrioſo, ainda que bruto alquimiſta, das mais deſprezadas, ou mais aſcoroſas immundicias, fabrîca, e coalha o delicioſo de ſuas entranhas. Mas oh o mais infauſto dos quadrupedes viventes, que, naõ ſendo a tua diligencia mais que huma contînua tarefa da tua gordura; quanto mais avultas no corpo, tanto mais te convidas ao cutélo! Eſſa gordura, com que ſuppões eternizar a

vida,

vida, he a com que eſcorregas a cahir nas crueis maõs da Parca. Oh acaba de conhecer que eſſa opulencia ſuginada, com que enriqueces na ceva do lodo, eſſa he a que deſperta a ambicioſa cobiça do que te ſuſpira na goloſina do prato.

Aſſim paſſa a vida eſte enganado, e goſtoſo individuo; e ſem ter melhor morgado, que o dos monturos, paſſa a acabar ſeus dias em mata porcos; dalli paſſaõ, ou dalli levaõ ſeu cadaver á chamuſca, de donde ſe traslada ao depoſito da deſpenſa, até que finalmente, feitas as exequias nos apparatos da cozinha, paſſa a ſepultar-ſe nos jazigos, ou do prato ainda em lombo, ou da olha já em preſunto, ou do eſtomago em guizado.

Aſſim acaba, aſſim ſe ſepulta, ou aſſim ſe eterniza aquella vida glotona; mas ainda naõ ouviſtes o que lhe deve a meſa: infauſto para elle, e ſua proſapia, he o inverno até o formidavel termo do entrudo. Os gemidos roucos, e deſentoados, por eſſas praças, por eſſas ruas, por eſſes açoügues, por eſſas cozinhas, onde perece aquella innocente parentéla debaixo do cutélo do Diocleciano cozinheiro. Que vedes a inſtantes, ſenaõ fumaças de ſeus queimados corpos? Que vedes ſenaõ enterros dos meſmos

já deſcabeçados, ſobre as nervoſas coſtas de reforçados galhudos, náõ de ſaltimbarca preta, mas de lona groſſeira, e dura, com guarniçoẽs de páo, e corda, ſem que o luto daquellas viventes andas ſeja authorizada exequia daquellas deſcabeçadas vidas.

Agora ſim, e agora já: ſim, e já aos golpes da crueldade eſquartejado, paſſa de porco a preſunto; porque ſacrificado á maſmorra de huma chaminé eſtreita, e eſcura, ainda alli tem fumos, fortalecendo-ſe contra a corrupçaõ dos tempos, e deſtinando-ſe ao precioſo emprego dos guizados: moſtra-o melhor a experiencia, porque já dalli em diante eſpurio preſunto, he contrapezo *in cunctis* do cozinhado.

E que ſendo eſtas as prendas, que ſendo eſte o generoſo genio do preſunto, ſendo eſtes os deſvélos para vos ſervir, e para vos tratar; ſejais vós taes, ó lambazes deſcortezes, que naõ ſó naõ feſtejeis com eſtrondos, e alaridos, a chegada, e aſſiſtencia do preſunto, mas ainda o trateis como a hum porco, já deſde o berço enxovalhando-o com eſte epîteto! Grande caſo! Porco? Porco chamo eu a hum homem com as maõs mal lavadas, as unhas creſcidas, o cabello por pentear, a barba por fazer. Porco chamo eu áquel-

le, que, na pojadura do pingo, muge com os dous dedos o nariz do tabaco; e fazendo lenço da parede que topa, ſabe tirar os eſcrupulos com a ponta da capa. Porco chamo eu ao que com o focinho ſobre o prato, reſonando como ſe eſtivera dormindo, manda bugiar os garfos, com a ambiçaõ de lamber os dedos. Porco chamo eu ao que arrota repotreado, eſcarra na parede por goſto, edeſentulha o nariz com o dedo. Porco chamo eu ao que por uſual deſcuido deixa que o remoque do eſcarpim ſe lhe lêa na meya, o do ſovaco na cravata, e do tabaco, na veſtia; eſtendendo-ſe na maſcarra á manga da camiza. Porco chamo eu a hum donato roliço; a hum eſtudante choquento; a hum carvoeiro deſavado; a hum futre de cachinbo; a hum bicho de cozinha; a hum galhudo de tumba; a hum maroto de ceira, e a hum ribeirinho de carne. Mas porco ao meſmo porco, que naõ tem em todo aquelle precioſo corpo migalha, que lhe naõ aproveite a golozina? Diga-o o farrabulho na tigéla; a forçura na frigideira; a orelheira na panéla; os pés no contrapezo da olha; os miólos na induſtria do cozinheiro, e a lingua no recheyo do payo: e que direis de toda a corpulencia? Dalli ſahe a delicia do lombo, para o ſeu tempo, a providencia do

toucinho, para todo o anno; a ſupervivencia do preſunto para melhorar o prato, e a ſingularidade da manteiga para naturalizar o tempero: ſó do rabo ſe naõ póde aproveitar o pratinho, porque ahi torce a porca o rabo; ficando aquella unica, e pequena porçaõ ſem utilidade, porque nunca do rabo do porco bom virote.

E a iſto chamais vós porco? Manday bugiar a Proſodia, e tratay de eſtudar pelo livro da cozinha. Porco! Ditoſo, o que comendo-o paſſa o nome ao guardanapo. Oh portentoſo porco! Oh delicioſo bocado para o paladar mais diſcreto, que ainda os meſmos authorizados chocolates inclinaõ a cabeça até os teus fiambres! Tu es o adubo da olha; tu o contrapezo da ſopeira; tu a alcaparra da cozinha; tu a reliquia da deſpenſa; tu o padraõ da ucharia; tu finalmente, ainda em hum ſalchichaõ, poſto á ginêta, montas mais, que os Faetontes da cozinha fidalga: ditoſo o bucho que te ſerve de relicario; feliz o ventre, que te guarda gaveta; fortunada a tripa, que te recolhe bolſa; e finalmente, glorioſo, e deſarriſcado o copo, que te encontra por colchaõ no eſtomago.

Fallámos em copo? Alviçaras, ó lambazes do prato, que he chegado o veneravel vinho! Veneravel? Sim; porque ſem o eſtranhar

nhar o Tribunal mais ſezudo, poſto que nem ſempre veſte o roquete nativo, ainda atéqui o naõ viraõ ſem bago; mas eſta materia pede mais alto cothurno, para o noſſo aſſumpto ſó o quero leigo: oh ſe para ponderar o ſeu credito eſtiveſſe agora de vez o diſcurſo! Porque faltar ás glorias do ſeu timbre, ſerá groſſeira inurbanidade, quando ſempre ſe coſtuma fazer a razaõ com elle. Mas trabalhoſo emprego deſcrever as circunſtancias natalicias de hum Principe taõ generoſo, que tal vez veſte a purpura no berço, quando forçoſamente ha de tropeçar a penna nos deſdouros da ſua Nobiliarchia; ſendo o ſeu Nobiliario taõ notorio, que tem parte de baſtardo, parte de mouriſco, baſtantes a inficionar alguma, que participa de gallego.

Naſce em fim o vinho florecente, mas jâ taõ robuſto, e forte, que em ſua mãy ſe explica o parir, por arrebentar; aſſim para o dar á luz ſe encoſta em huma cana, como ſe já o foſſe affeiçoando á canada: de primeiros coeiros lhe ſerve a parra, donde parece que já ſe deſtina á parrilha: já encorpado começa a ſer perſeguido, a que reſiſte como o mais pintado: mas por mais, que ſe guarneça em Caſtello de Vide, ahi o alcança o mais maroto, e deſmedrado canivete,

a dor-

adormecidas tal vez na barraca as cautélas da menos aſſuta ſentinella : aſſim creſce deſgraçado, que os que mais o tratão, ſaõ os que mais o cortaõ; paſſando taõ aſſuſtada a vida, que ainda eſtando no ſeu parreiral, eſtá á dependura : mas a pezar do arriſcado vay creſcendo ligeiro, aſſim na corpulencia, como nas forças, taõ certo como ha vinhas; promettendo-ſe taõ induſtrioſo, que ſe lhe conhece o preſtimo, ainda no decepado : paſſa aſſim povoador dos campos, até que cahindo em maõs dos ruſticos, ſem haver quem lhe valha, ao paſſar pelos pégoẽs acaba a vida. Mas oh Feniz dos licores, que donde agonizas morto, reſuſcitas vinho; e paſſado á urna da pipa, naõ te faltaõ os aromas panchayos na mexa!

Mas mais largo campo me pedem as traveſſuras de ſeu esforço, e as eſturdias de ſeu genio : deſafiado, eſtá logo corrente; nada recuza a dar ao competidor na cabeça; deſtro nas venidas, ſe mette com quem o deſafia, livrando nos copos toda a eſpada; grande camarada para huma furia o tem certo em vaza borrachas, e na fonte da pipa, prompto para dar huma merenda : naõ terá elle cozinheiro, mas copeiro nunca lhe falta; poſto á meſa com os amigos, naõ

ha

ha mais graça que vê-lo fallar em todos: com os mais familiares assim trata, que naõ ha mayor amigo de cama, e mesa; porque naõ só os obriga a comer, mas ainda os convida a dormir.

Mas oh infeliz qualidade das grandes prendas, que, como engeitado da ventura, e reo da desgraça, o vem por essas estradas em couros, e ainda por muitas partes em quartos! Mas que importa, se os que melhor o conhecem, em carro triunfante o conduzem, onde tocaõ â pipa os arcos da entrada, como ao louro as acclamaçoẽs do triunfo? Oh que rendida, e prompta contemplo aqui a veneraçaõ devota; que repetida em suas ermidas a romaria, onde huns lhe compraõ as medidas, outros lhe beijaõ as vidraças! Finalmente, bem quisto das attençoẽs publicas, como particulares; desde a mais preciosa taça da nobreza, até o mais sarrento cangeraõ da bota; desde a mais caprichosa fraqueira, até a mais çurrada borracha; assim se faz senhor do humano agrado, que, perseguindo todos a Veneza para crystallino relicario da sua pessoa, o mais fidalgo o põem á mesa comsigo; a mais senhora se naõ esquece delle na merenda; o homem particular o hospéda na garrafa; o vilaõ farto o apozenta na adega; a beata ladina o con-

o conſerva na cabaça ; a donzella momenta o leva como pîrula diſſimulado na manga;o donato providente o aproveita na capacidade da bacia ; e finalmente , os lacayos o acompanhaõ de contînuo , e os mariolas o levaõ em pezo.

E que ſendo eſta a veneraçaõ , que ſabe grangear eſte generoſo Principe ; ſejaõ taes os lambazes do banquete, que o trasfeguem do copo ao eſtomago , entre hum lá vay de entrada, e arrôto de deſpedida! Que ſem conveniencia o andem paſſando á caza da ſaude, malquiſtando-o como ferido de peſte! Que ſejaõ taõ deſcortezes, que , para o recolherem em huma caza , andem buſcando primeiro huma adherencia! Que ſendo elle taõ divertido , aſſim o injuriem de pezado ; que ſejaõ neceſſarios dous para empurrar hum corpo! Por ventura peza elle tanto na taça , como na pipa ; para que ſejaõ preciſos dous para a carga? Naõ beberá cada hum o ſeu vinho que lhe preſte? Taõ máo trago he elle de paſſar, que ſe peça ajuda para o beber? Se os ſangrados haõ de ſer os fraſcos , para que he andar tomando os pulſos aos companheiros? Por ventura a ſaude do meu vizinho ha de obrigar-ſe ao cozimento do meu eſtomago? Ha de expôr-ſe á grande deſgraça de morrer de ſede em

em huma enfermaria? Para que he dar a outros o trabalho de pegar nas armas, quando bebo? Por ventura, he o meu copo algum Coronel, que vay paſſando? He bravo caſo! Que ſe naõ attreva hum homem ſó por ſó a hum copo, quando o copo ha de ſer o primeiro derrubado!

Eſtas as deſattençoẽs intruzas, com que o vinho he recebido, e tratado nas deſagradecidas meſas, naõ paſſando o applauſo mais eſtrondoſo á ſua aſſiſtencia, mais que de huma vozeria amotinada: teimoſo, e barbaro idioma; para o que os meſmos fraſcos abriraõ as bocas, e o fogo do meſmo licor moveo as linguas: vede lá ſe he eſte o congruente agaſalho, com que ſe deve receber hoſpede taõ politico? Naõ fallo na chuſma plebea, em que os paladares depravados, ou pela poltronaria, ou pela penuria, tal vez o hoſpédaõ com huma ſardinha de eſpicha; tal com o aranque de fumo; e muitos com a indecencia do rabo: mas a docilidade daquelle genio què aſſim ſe accõmoda com todo o eſtomago! Taõ riſonho o acha o fricaſſé na meſa, como o mondongo na cozinha; tanto lhe pezaõ as trouxas de ovos, como os molhos de carneiro; tanto o accõmoda as precioſidades do ſonho, como a ſanta pobreza do feijaõ fradinho;

taõ boa cara faz ao mexilhaõ orgulhoſo, como ao caramujo encolhido: e finalmente, até huma pobre côdea de paõ, e huma azeitona çapateira o deſinquietaõ da garrafa, em que eſtava reduzido á gotta. He verdade que mettido com a gente ſaõ varios os effeitos que influe: neſtes ri, naquelles chora; neſtes emmudece, naquelles palra; neſtes ateima, naquelles deſconfia; neſtes tropeça, e naquelles falta; mas ſempre taõ activo, que em todos trepa. Que precioſo parto da terra ſe fora ſempre pagaõ por vida! Naſce debaixo de Libra, que lhe infunde os pezos, os mais Signos ſaõ para elle fabula; e nem Aquario com ſuas inundaçoẽs lhe enche as medidas: ingrato, o que o adultera; por elle muitas vezes ſe vay á fonte da pipa, mas nunca a fazer agoada.

Mas oh acabem já eſſes lambazes do prato, e confrades do brodio, acabem de aprender o que te devem eſtimar: vendo que o cirio te feſteja; o bautizado te convida; a galhofa te agaſalha; a feſta te logra, tendo tu ſempre o melhor lugar na meſa; juiz ſem controverſia, porque ſempre he mais avantajada a tua eſmóla: a tua vivenda he a parochia dos freguezes ſequioſos; a tua caſa a eſtalajem dos romeiros can-

ſados;

ſados ; a tua terra he Arruda dos fulioẽs humanos ; tu es o bordaõ dos velhos ; o pandeiro dos moços ; a gaita dos divertidos; a folia dos branduzios ; o chocolate dos lacayos ; a angelîca dos agoadeiros ; o ſorvete dos caminhantes ; o canxundé dos lavradores : tu finalmente es o para todos da natureza , o veneno da melancolia , a erva doce do flato, o pimentaõ do frio, a columna do eſtomago , e até a melhor receita para os doentes , porque tambem ſerve de fazer ſaudes.

Já ouviſtes, ó curioſos, as relevantes qualidades do vinho : reſta agora hum importante conſelho para as ſanguixugas do prato , ſarnas da meſa, e frieiras da toalha. Meus irmaõs , no vinho naõ ſe ha de pôr boca,ſenaõ tocado como a delicadeza de huma gaita , porque ſe naõ ha de paſſar com elle da chança da galantaria; porque o mais he peccado,e dará com tudo de aveſſo : galanteá-lo , mas naõ perſegui-lo : ir-lhe aos quartos,mas com induſtria,por naõ cahir na madorna : e finalmente com elle advertido, naõ lhe dar muito que trabalhar no bucho ; porque ſe naõ for bom Alfayate na tripa , ſahir-vos-há depois máo ferro velho na boca. Mas paſſemos ás mais

DROGAS DO BANQUETE, e allivios do appetite.

A Vaca, que he a Matuſalem das olhas, a quem naõ tenta com a maçaã do peito? A quem naõ ſatisfaz com os miólos da diſcriçaõ; e finalmente com as galantarias da lingua? Que aſſado naõ faz bem quiſto, alombando o prato com o pezo do lombo! Que graças lhe deve dar o comilaõ concurſo! Quando naõ tivera outra couſa mais que ſer mãy daquella donzella delicada, taõ modeſta, e taõ bem procedida, que todo o ſeu genio he o recolhimento da empada, a vitella digo, ainda que tambem ás vezes alenta o matrimonio com o mais generoſo aſſado; ouvindo na guarniçaõ dos pratos as deſcahidas que ſe coſtumaõ dizer aos noivos: tal vez leva por madrinha a fulana leitôa, e de taõ bemquiſto procedimento, que naõ tem mais que os couros pardos. Oh delicioſas crianças, leitôa, e vitella! Aquella, ainda com os beiços com que mammou, eſtá ſempre com o nome de mammar. Oh ditoſa conjunçaõ de duas tenras meninas! Que o naõ faz o Geminis no Zodiaco, como vós ambas o fazeis no prato!

Bons

Bons olhos vos vejaõ, boas bocas vos comaõ, bom cozinheiro vos enfeite, bom vinho vos bautize, e bons eſtomagos tomem em vós parte: e que faraõ os noſſos alarves com eſtas duas tenras creaturinhas, que, deixando ás mãys o peito, vem liſongear-lhe o goſto! Oh crueldades com humas innocentes; que, ſem mais cortejo, ou piedade as deſpedaçaõ Herodes, para as comerem papagentes!

E as azeitonas, e alcaparras, hypocrizias da meſa, ou adherencias da cozinha, porque naõ fique guizado a que naõ prove o goſto, evitandolhe o dezar de reprovado. Mas ditoſa, e abençoada a funçaõ, aonde eſtas duas drogas naõ entraõ mais que a teſtimunhar a abundancia, e a authorizar a meſa; e mais ditoſo o gorgomîlo, onde eſtas chaves naõ ſervem de abrir as portas do eſtomago! Oh fortunados lambazes, oh glotoẽs felices! Só vós naſceſtes para deixar ociosas, e vadîas eſtas appetecidas, e dezejadas ſavandijas do paladar humano, tirando-lhes o pernicioſo exercicio de alcoviteiras dos manjares, e mercieiras dos eſtupores. Aqui entra o tomate peregrino, e o rabo cazeiro, ambos vermelhos de envergonhados: aquelle de ſe lhe adiantar o já decano, e antigo alho, a que naſceraõ os dentes,

tes, no exercicio do tempero; ſendo já remoque arrotar áquelles na panella, de convidar a todos para eſperá-la: vermelho o rabo, porque malquiſtado do arroto, he hum pobre eſcudeiro deſvalído, de que ſó ſe ſerve a celada, que he huma chicoria em tempo de inverno. Chicoria digo, e taõ miſeravel, e pobre ſenhora, que por muy pouco eſcapou de alporquenta, porque o melhor que tem, he de alporcada: he verdade que já hoje eſtá mettida a filha da folha, e naõ mal acceita na meſa; porque álem de multiplicar os pratos, tambem com ſuas verduras deſinquieta os deſejos: tendo hum goſtoſo ſaynete com que ſe entretem os bocados, e toma o paladar novos eſpiritos para aturar a teima dos novos guizados.

Fulano carneiro tambem entra a ſer jazigo do mais honrado corpo, que tal vez com as tripas nas maõs o vem a hoſpedar no bucho. Naõ deixe o noſſo confrade de o cortejar repetidas vezes, que elle naõ corre perigo no affogado: tal vez lhe achará graça, ainda que para ſahir da meſa naõ ſerá máo, picado na cozinha.

Mas corôe já a noſſa meſa aquelle quotidiano, mas ſempre bem acceito conſanguineo da olha, o veneravel arroz; humas vezes com parenteſco mais chegado á ſopeira, nunca remoto da

vaca.

vaca. Mas que groſſaria! que por mais que a ſua pontualidade o bemquiſte, tal vez o deſpreza a colher enfaſtiada: ſendo que nem por iſſo volta para a cozinha menos airoſo; ſoccorrendo os eſtragos dos pratos já fallecidos, e favorecendo as toalhas de algumas panças viuvas. Oh, ainda que naõ o hoſpéde, o naõ moteje o noſſo confrade, reconhecendo nelle aquelles grandes preſtimos, de rolha dos eſtomagos, e furriel dos guizados!

Chega o doce todo melindroſo, e todo narciſo da agoa do pucaro; muy principal nas eſtimaçoẽs da taça, mas ſem paſſar da garupa da meſa; o bom naſcimento nada o avantaja, porque ainda os deſcubertos por grandeza pertencem á confeitaria; o pay teria muito engenho, mas o filho naſceo enſoſſo: porém ſabe muito bem; a liſonja he todo o ſeu chiſte, que ninguem faz melhor a boca doce: grande politico para cortezias; nada para galhofas, que naõ tem ſal algum para ellas. Os noſſos confrades, ſe lhes parecer, o regeitem por deſvanecido, tendo-o por couſa de vento, porque puxa por agoa, que he a ſua ſympatîa, aſſim o podem relaxar ás freiras por contrato; aos pagens por genio; aos eſtudantes por galga; ás damas por goloſina; aos nobres por grandeza, e aos particulares por ceremonia: fique

final-

finalmente excluido por perniciofo, que no corpo cria lombrigas, na caſa convida moſcas; e neſte ponto ſe diſpenſa com os alarves o enfaſtiado, que he menos enormidade que o goloſo.

Aqui entra o flamengo córado, e o alentejaõ baboſo, e nem com menos agrado o ſaloyo freſco: todos filhos de fulano leite; e ainda que diverſos nos naſcimentos, iguaes nos bautiſmos; o framengo gran côdea, o outro todo miô'o; com todos faz fulano Trigueiro grande pádinha, ſempre acceitos ao auditorio, ainda que vem no cabo traveſſos. Saõ o diabo para os ratos. Baſta galentear huma migalha ao mais vinhote ratinho, para o fazer cahir na ratoeira da pança: vaõ bugiar os queijos de ouro, que ſeraõ mais ricos, mas naõ mais engraçados; aqui naõ ha que advertir, porque os noſſos lambazes naõ lhes eſquece o codear.

Mas chegando o carro dos horteloẽs entra muy confiada a fructa, porque ſempre acha amigos na meſa; mas ainda que ſe põem toda ſobre ella, naõ he para ſobremeſa toda. Para o eſtomago lambaz ſe colha aquella que for de regadîo de nora de borracha, e tanque de copo; a pera entra com o remoque de ſeu adágio. A laranja

com

com o remoque de laranjinha, que inculca horta, a lambuje de tigéla. Uvas vem fóra de propoſito, porque eſtá o lagar impedido. Caſtanhas, e nozes ſaõ para eſtomagos menineiros; ſe os lambazes ſe tentarem com ellas, recolhaõ-nas nos buchos, como moſquitos: mas ſobre tudo chegue o penitente cardo com toda a ardente ſede de ſeu ſequeiro, para a atear nos eſtomagos jâ froxos, e deſcahidos: venha, ainda que deſpido do ſilencio de ſeus eſpinhos, e com ſua nativa aſpereza provóque a lagrimas aquelles encarniçados olhos. O' lambazes do genero humano, (diz o campreſte, e veneravel cardo) e cuidaveis vós que havia de ſer eterna eſta vida comilona? Já o banquete deo a alma nas maõs de voſſa glotonarîa, jà deſceo ao inferno do voſſo bucho: mas, ſem acceitar o *nulla eſt redemptio*, ainda eſpera paſſar ao purgatorio.

Já ſe ſepultou aquelle corpo taõ carnudo, a que ſerviraõ de mortalha as toalhas deſta meſa; mas vós o deſperdiçaſtes, vós o conſumiſtes, e vós o enterraſtes, dando-lhe tanta preſſa, que a unhas, e a dentes lhe tiraſtes a vida: ainda com eſtes olhos eſtou vendo as armas, com que o perſeguio o voſſo odio; eſſas facas, com que lhe diſſipaſtes os membros: eſſes garfos, com que

lhe arrancaſtes as carnes, e eſſas colheres, com que lhe bebeſtes os humores: ainda ahi vejo armado neſſa meſa o cadafalſo, em que lhe tiraſtes a vida; já o naõ poſſo repetir ſem lagrimas, que, ainda nos éccos de hum cheiro ſuave, eſtou eſcutando os gemidos, que repetio a cada golpe. Mas oh laſtima de nenhum chorada, e de poucos advertida; que aqui eſtalou, e ſe conſumio em duas horas aquella formoſa corpulencia, que ſe compôs, e organizou em tantas! Já a porçaõ do preſunto, a do aſſado no perû em mezes, na leitôa em ſemanas, no frango em dias: mas aqui eſpirou, e deſappareceo em duas horas, aquella compoſtura, que gaſtou huma manhaã inteira; aquella tarefa, em que ſe deſvelou a induſtria do cozinheiro, a preſteza do fogo, a impertinencia do tempero, e a diligencia do forno: mas o que cuſtou tanto a compôr, que pouco gaſtou, em ſe conſumir!

Alto pois, ó lambazes reformados; já que foſtes herdeiros de ſuas forças, entray a celebrar ſuas exequias: aqui eſtou eu cardo, que vos incito com a minha perſuaſaõ, e podereis deſpejar de almas o purgatorio de huma adêga: chegay, chegay ás apagadas tochas deſſes copos, ás accezas alampadas daquelles fraſcos, e começay

meçay a allumiar esse cadaver despedaçado, que jaz no mausoléo espaçoso de vosso estomago.

DISCURSO FUNEBRE

Na morte do algoz da humanidade.

LA' dizem as carpideiras Sibyllas de tamanca, e de mantilha, que morre quem morre: mas eu digo agora, que morre quem mata. Morre a abelha, que levou á fisga a bonina; porque, se lhe metteo o ferraõ mordendo, tambem lançou o ferrado espirando. Morre o mosquito trombeteiro, que perseguio a calva do velho desvelado; porque a mesma trombetinha, com que lhe agonizou a orelha, foy a que lhe desafiou a manopla. Morre a pulga, que desinquietou a velha mercieira; porque quantas mordeduras lhe deo na perna, tantas lhe pagou cahindo-lhe na unha. Morre finalmente o piolho, que se metteo na costura do veneravel donato; porque quantos pinos lhe tomou no cachaço, tantas mataduras lhe repete no dedo.

Pois se tudo que mata morre, quem mais

 mor-

morredor que Cupido; porque quem mais matador que elle meſmo? He Cupido hum taõ grande matador, (ſe ha verdade nas cartas) que com elle he a meſma eſpadilha ás de copas: he taõ grande matador, que naõ fazem com elle vaza, nem os Reys pela grandeza, nem os Condes pela fidalguia, nem as meſmas ſotas pela formoſura: ganha aos ouros, porque donde entra os deſperdiçaõ; ganha ás copas, porque muitas vezes as deixa empenhadas; ganha ás eſpadas, porque mais ferem as ſuas ſettas; e ganha aos meſmos páos, porque o ſeu fogo os póde reduzir a cinzas: aſſim he o amor hum matador, que de tudo triunfa, e quem diſſera, que ainda mais triunfa, quando ſe mette na baralha.

Mas oh deſgraça dos matadores; ſe quantas feridas deixaõ abertas no inimigo, tantas ſepulturas ſe abriraõ a ſi meſmos! Que importa que Cupido ſeja o ſangrador do genero humano, de que he eſtojo a aljava, lanceta a ſetta, e a venda fita; ſe elle nos incuraveis da inconſtancia ha de morrer de morte ſubita? Morreo logo o amor: que nem os privilegios de divino, o iſentaraõ das penſoẽs de galhudo. Mas oh inconſtancia feiticeira, que aſſim ſoubeſte embruxar huma criança!

Sa-

Sabeis, ſenhores, qual he o alimento de Cupido? He a conreſpondencia de hum peito amoroſo: naquelle peito chupa o leite com que ſe cria. Mas oh deſgraça! Que ſe he a ſua mamma conreſpondencia, he o ſeu côco a mudança; e quem duvîda que he arriſcar-lhe a vida, o deſmammar huma criança tenra?

Que ditoſo vivia o Cupido de Fabio, a que elle dava continuamente o peito! Elle o penſava nos coeiros de ſeus penſamentos; elle o envolvia, no volvedouro de ſeus recatos; elle o animava com o ró ró dos ſeus ſuſpiros; elle o entretinha com a bonéca de ſua memoria, e elle o criava com os diſpendios de ſua fineza: mas que importa, ſe deſmammado da deſgraça, teve por ama ſecca a inconſtancia!

Clori, ſerpe de nata, baſiliſco de alcorça, Tigre de filagrana, occupando o regaço com outro Cupido, naõ quiz mais tomar o de Fabio ao collo: aſſim agaſalhou o outro no berço dos mimos, e deixou o de Fabio na roda dos engeitados; eſmoreceo a criança, e morreo de paſmadinha.

Ah Fabio, Fabio! E que má mãy déſtes a voſſo filho! E que enganado viveo Fabio; pois quando mais lhe faziaõ pontas de prata, entaõ lhas

lhas traçavaõ de tataruga! Mas que muito que naſçaõ gallos na téſta a quem deo tamanha cabeçada! E quem lhe diſſera a elle, com aquellas barbas, que ainda havia gemer doente de achaque de madre!

Mas voltemos já os olhos ao cadaverzinho de Cupido, que na mortalha de hum deſengano eſtá eſtendido no ataûde do deſconhecimento: cobrem-ſe as baetas de triſteza, as paredes de conſtancia; e alcatifa-ſe com os lutos da deſgraça o pavimento da paciencia: cercaõ-no as eſperanças carpideiras, que já naõ tem mais officio que as lagrimas; e ardem finalmente ao redor os brandoẽs dos dezejos, mortificando o lume no murraõ do deſprezo: aſſim eſtá morto Cupido; aſſim eſtá de nojo Fabio.

Mas ó mortaes amantes, alerta, alerta com a caveira deſta criança. Niſto ſe torna Cupido, quando lhe dâmos mãy em Caſtelhano: eſte he o lucro do pay embalſbacado, que o mettem nos Moſteiros por Monacilho. Seja Lisboa voſſa meſtra, e deſcobrireis do campo do curral o cemiterio, como quem diz: Aqui venho dar a oſſada, porque acolá puz a mira.

Amor de telhas abaixo mais ſe cria ás lambujes do eſtomago, que nos deleites do peito.

Cu-

Cupido? Só donde a ſetta ſaiba ſer eſpeto, que antes vos metta huma perdiz no bucho, que huma braza no ſeyo. Cupido? Só donde a aljava ſaiba ſer alforje, de que antes tireis duas gallinhas aſſadas, que elle duas ſettas. Cupido? Só donde a *venda* ſaiba ſer compra; e ſe dais o voſſo dinheiro, vos dem couſa igual por elle: e naõ dares-lho em cruzados, e pagarem-vo-lo em oſſos, de que Deos vos livre.

FE-

FELICISSIMO

TRANSITO

DO

SEGUNDO TARALHAÕ

de Lisboa,

Melancolico Occaſo do eſcondido Sol da India, e funeral Obeliſco, ou Mauſoléo carvoeiro,

Eregido ás zangaralheiras memorias, e recordaçoẽs fuliôas do Poeta Monicongo, moço de mulas do Pegazo, eſcravo de Apollo, atégora verde-negro nos charcos do Parnazo, e já hoje carrancudo çapo nas enlodadas margens do cocito.

ESCRITO

PELO BACHAREL

SETTE LINGUAS,

Fiſcal da gandaya, Almotacel das ſavandijas, e logrador ſolapado neſta Corte de Lisboa.

PROLOGO
DA OBRA
AO PIO, E MAVIOZO LEITOR.

MOrreo o Zangaralheiro, amigo Leitor, e tanto á maligna dos ſentimentos, tanto á ſecca das lagrimas, e tanto á peça das memorias, como ſe aos Corvos de Lisboa, e aos Ciſnes de Caſtalia, ou por negros deſcubertos, ou por negros disfarçados, lhes naõ competiſſe o deſentranhar aquella vida dos cemiterios do deſcuido, ou reſgatar aquelle cadaver da trafaria do eſquecimento. Mas já que ás Muſas Luſitanas, ou ſe lhes goraraõ os diſcurſos, ou ſe lhes ſecáraõ os tinteiros, ou lhes apodrecêraõ os poedouros; naõ eſtranhes que aonde a rhetorica ſe faz tartamuda, ſe faça a ignorancia eſpivitada. Naõ te prometto elegancias, convido-te ás laſtimas; naõ te buſco circunſpectivo, quero-te carpideiro; naõ te requeiro benevolo, pertendo-te endiabrado; porque, para a intelligencia deſte panegyrical reſponſo, antes te quizera

muchachim, q̃ meſtre Ignacio. Eſcrevo recopilado, porque a ignorancia ſempre tomou os refegos á rhetorica: diſcurſo verdadeiro, porque o deſintereſſe nunca popou ás algibeiras ao applauſo; e acabo o Prologo, porque já me parece grande para ſobreſcripto. A Deos amigo, que he hum vale trocado em miudos

Vale.

FELICISSIMO TRANSITO, MELANCOLICO OCCASO,

Negra Eça, e boçal teſtamento do Poeta Monicongo, já defunto Zangaralheiro.

QUe morra o Sol he muito bem empregado; porque elle he o que pega a maleita, elle he o que aſſanha a canicula, elle he o que atiça a calma, elle he o que gera a ſavandija, elle he o que cathequiza os perſovejos, elle he o que augmenta as pulgas. Que morra a Aguia ſeja muito embora, ſe naõ ſerve de mais, que de pay de velhacos, e atrevidos; de Almotacel dos rayos; de furaõ das luzes, e de pirata dos Ganimedes. Que morra o Feniz *vade in pace*, ſe naõ ſerve de mais que de fazer mentiroſa a Poezia, de empobrecer de aromas a Arabia, e de eſtancar de annos a natureza. Que morra o Ciſne, ſeja muito que lhe preſte, ſe naõ ſerve de mais que de agouro das harmonias, de gato pingado das endechas, e de Orpheo das mortalhas. Que agonize finalmente a Filomena, eſtá bem agonizado, ſe naõ ſerve de mais que de motim dos romances, matraca das flores, inveja

das

das ſereas, e ladraõ das magoas; mas que morra o zangaralheiro, a quem devia eſta Corte, a galhofa, as feſtas, as bulhas, as prociſloẽs, a eſpadana, os A' que delReys as regateiras, triſtes chiſtes as damas, pererxil as bandarras, catimbáo os preſepios, berimbáo os concurſos, alma a dança, fomento a folia, e finalmente trovas a Europa; ou foy aſneira da Parca, ou pirguiça da fortuña, ou perraria da deſgraça. Do cedro dizem os naturaes que he incorrupto, porque tem côr de mulato: do azeviche moſtra a experiencia que he quebradiço, porque tem côr de negro: valêraõ com a natureza mais as baſtardîas do pardo, que as legitimidades do preto: quem havia de dizer, que ſendo amarella a côr da morte, *pallida mors*, ſe havia de attrever a huma côr de azeviche! Mas como havia de eſcapar do amarello o zangaralheiro, ſe ſempre vay na dança o amarello! Os Malavares pintavaõ a morte em figura de Camaleaõ; porque ſe eſte toma as côres em hum ſopro, aquella muda as côres em hum ſalto: no Camaleaõ a aza he pinſel dos ventos, na morte, he a fouce o lapis dos humanos: alerta, alerta azeviches da vida que tambem para o preto tem tintura a Parca. Morreo em fim o Zangaralheiro, que algum dia havia deſembarcar a morte no

cáes

cáes do carvaõ : morreo em fim , que tambem tem ſeu occaſo as ſombras, quando ſe acaba o officio das trevas. Naõ ſó na nadega da tarde ſe mette o dia *in cultis mundi* , tambem ſe deſpede em latim a noyte, quando a Aurora lhe gongoriza os luſques fuſques : naõ ſe fizeraõ os deſmayos ſó para a candidez do arminho; tambem caſtiga a morte as negligencias do morcego; tambem ſe queima o branco cabrito nas aras de Plutaõ , aonde ſe ſangrou o negro carneiro : na caſa da morte mais ſerventia tem o campeche para as paredes , que a cal para os arredores; morre verde-negro o mono , que naõ periga ſó por louro o papagayo : e finalmente naõ ſe inventou ſó a tumba para Italia , tambem ha galhudos em Angola.

Começou a titubiar aquella grande vida ás perguntas da morte , em o abrazado idioma de huma febre : quem ignorou a febre ateada naquelles annos , duvidou o fogo bem ateado nos cepos : mas que muito que a febre trocaſſe em braza aquelle corpo, que encontrou carvaõ a doença. Naõ reſpondiaõ as tripas aos remoques do catholicaõ, ſurdas aos aviſos do cryſtel, quiçá que ſe tinhaõ retirado ao mais alto apoſento , por querer fazer das tripas coraçaõ o esforço : mas

que

que importava que foſſe o cryſtel ajudante, onde era funil o deſaſtre.

Foy creſcendo o mal, e augmentando-ſe o deſamparo; que ſempre as prendas ſe acháraõ viuvas de aſſiſtencias, ainda quando viſitadas da miſericordia das laſtimas: qual mariola, já nas eſcadas do rocio, já na porta do terreiro, ou ſe eſtira acarrado, ou ſe deſmancha enfermo, ou ſe eſpirguiça dorminhouco; alli o deixa o dia, alli o viſita a Aurora, alli o creſta o Sol; alli o ſecca o vento, alli o enfarinha a poeira, alli o cobre a palha; alli o perſegue o moſquito, examinando o olfato; alli o pica a moſca alegrando-lhe na perna a ferida: elle he o velhacouto das pulgas; elle he o alambre das àreſtas; elle he o eſcarro das moſcas; movidiço monturo, ou racional eſterco: gritaõ-lhe as regateiras, empurraõno os camaradas, perſegue-o a rapazia, cerca-o a turba multa, e elle, levantando manſamente os olhos, já ſomnolentos, já encarniçados, cabeceando ao auditorio, ſe torna a ſepultar em ſeu meſmo ſilencio, cadaver do deſamparo; tal o noſſo zangaralheiro, jazia eſtirado, callava-ſe beiçudo, movia-ſe morno, e amadornava-ſe enfermo: ſendo o mais aſcoroſo eſpectaculo, que nas taboas de huma enfermaria repreſentou tragedias

diás da fortuna. Quem havia de dizer, que aquelle Polifemo enfarruscado, de quem foy Galatea toda esta Lisboa; Athlante ferrugento, aonde cavalgava a esphera da galantaria; aquelle Tipheo escuro, que se atrevia ao mesmo Olympo de Apollo, havia de recopilar-se em as estreitas margens de huma manta de retalho, ou de ourelo, hum enxergaõ palhiço, e hum aposento palheiro! Já era zorra para as galantarias, aquella boca, que fôra oraculo das trovas: já era sordina dos desenganos, aquella lingua, que servio de clarim para os festejos: estava com a gralha na alma aquelle corpo, que tantas vezes pedio a folîa: e finalmente, já naõ tugia traveſſo, nem mugia embaraçado, aquelle, que tantas vezes esturgia zangaralheiro.

Aquelle, que tantas vezes festejou a Corte, admirou o arrabalde, acarretou a Villa, suspirou a Aldêa, affamou o Cirio, e adubou o bautizado; agora estropalho da febre, apollegado dos fisicos, esmechado dos barbeiros, enlabuzado dos apistos, resmungado dos enfermeiros, citado dos agonizantes, apalavrado da mortalha, e requestado da tumba! Oh vais, e vens da fortuna! Oh trocas baldrocas da vida!

Alli estava o Xerxes dos fulioẽs, o Ciro dos

muchachins, o Cezar das danças, o Mario das galhofas, o Belizario dos desenfados, e o exemplar dos Zangaralheiros: nem sempre anda por cima o prego da roda, nem sempre está cheyo o alcatruz da fortuna: a candeya, que foy luz acceza, he murraõ apagada: a arvore, que no campo foy tronco, na chaminé he cepo: a hortaliça, que tal vez respirou nabo, agonizou rastolho: a flor, que nasceo valîda de Mayo, secca veyo a parar no monturo: o ramalhete, que inculcou ornato, foy em poucas horas para a vassoura lixo: e finalmente o lagarto da Penha de França, nasceo bicho, e hoje he palha; e a serpe viveo fantasma, e hoje he mariola.

Jazia noitibó, o que algum dia foy zangaralheiro: jazia mono o que algum dia foy papagayo; e era já ferro velho dos mortos, o que tantas vezes foy peneireiro dos vivos: alli estava a galantaria amuada, alli a trova beiçuda, alli a graça cabisbayxa, alli a travessura mofina, e alli a galhofa moribunda.

Sobre a pena mortificar a vida, tinha o desastre de lhe enrouquecer a falla, e naõ lhe piar a Muza. Dizia Tacito que as desgraças eraõ como as bexigas; porque, começando a sahir, começavaõ a apparecer: o mesmo he emperrar-se a

des-

deſgraça, que tomar o folego a ventura: os deſaſtres naõ eraõ bons para jogadores, porque nunca paraõ; e os infortunios, naõ eraõ bons para callos, porque ſempre topaõ: os Corinthios pintavaõ as deſgraças com a cara de azougue; eſte em ſe vendo ſolto, naõ ſabe ter ſocego.

Do bicho carpinteiro, diz Filiſteo Carpazio que baſta metter-ſe na barriga, para deſinquietar qualquer creatura. Comparava hum ſabio os deſaſtres, em o mundo, com os forcados, e o touro; em hum levando boléo, todos cahem no terreiro: atreve-ſe a morte ao zangaralheiro; e naõ baſtando ameaçar-lhe a vida com a fouce, como ſe foſſe lanceta, lhe aſſombrou a arteria da Muſa: e quanto melhor diſſera agora o carpideiro dos perdigoẽs:

Zangaralheiro perdeo a vêa,
Naõ ha mal que lhe naõ venha!

Calava o zangaralheiro, que he a morte mordaça da cantiga, e rolha da trova; bem diſſe Plataõ, que o Ciſne naõ cantava quando morria, porque naõ eſtaõ obrigados os Ciſnes a ſerem ſalvagens: adonde vay alli a galhofa, para vir alli a muſica? Iſto de gargantear a mortalha,

he muito bom para hum tumbeiro da miſericordia. Queria Solon aprender a cantar depois de velho, para morrer conſolado: tinha ſua graça fazer hum alforje de muſica para a jornada da alagôa Eſtigia! Devia cuidar eſte ſabio idiota, que para morrer com boa conſciencia baſtava apertar a maõ á ſolfa. A hora he bem divertida! Naõ tinha mais que começar a copla no coro, e ir acabá-la no cemiterio.

Bem entendeo eſta politica o noſſo zangaralheiro: fora Ciſne do refugo nos charcos do Parnaſo; mas chegando ás melancolicas prayas do mar morto, mais que Ciſne para os quebros, era Corvo para os roncos. Bem alcançava aquelle eſprayado entendimento, que pelas eſtradas da ſepultura naõ ſe caminhava com pé de cantiga: cantem muito embora ás portas da morte eſſes ſabios antigos, muſicos do ataûde; que depois que ſe uſaraõ carpideiras, naõ andaõ as caveiras taõ alfarias: o zangaralheiro naõ cantava, porque morria; e ſua meſma Muſa era viuva rôla de ſua meſma vida.

Começaraõ os deſenganos a ſerem miſſionarios dos brios: começaraõ os deſmayos a ſerem lacayos dos deſenganos: começaraõ os algozes da conſciencia a ſerem fiſcaes da mortalha:

lha : preparou-ſe para o teſtamento ; e pegando na penna hum negro eſcrivaõ , que deo fé de tudo , em tartamudas , e balbucientes vozes lhe dictou o ſeguinte

TESTAMENTO DO ZANGARALHEIRO.

EM nome de mim Zangaralheiro. Saibaõ quantos quizerem , que a tantos do mez deſte preſente anno , eſtando em meu juizo imperfeito , e como ſe em qualquer folia fora deitando pulhas em trova , eſtirado na palha deſte enxergaõ , como fructa de cama ; por temer que a fouce da morte queira cegar o raſtolho de minha velhice , ou por naõ querer que a minha alma, envelhecida na matadura da culpa, ſeja lançada á margem da alagôa Eſtigia ; quero endireitar minha conſciencia , por naõ morrer alcorcovado.

Primeiramente encõmendo minha alma nas maõs do meu Deos Apollo : porque ainda que contra elle pequey , por penſamento , e trova , violen-

violentando a linguagem caſta, deflorando a elegancia donzella, e atrevendo-me á endecha viuva; com tudo, eſpero ſalvar-me como verdadeiro fiel trovador que ſou, bautizado na pia de de Aganipe, freguezia de Hypocrene.

Em ſegundo lugar, peço, por ſerviço do meſmo Apollo, ao chariſſimo irmaõ Joannico, e ao impertinente cego Marcos, queiraõ ſer meus teſtamenteiros, para que mereçaõ neſte ſeculo, depois de mim zangaralheiro

Meu corpo ſerá ſepultado na eſtrevaria de Apollo, como moço de mulas que fuy ſempre do cavallo Pegazo: a minha mortalha, o meu meſmo chiote, que naõ ſey ſe encontrarey na ſepultura algum guzano de bom goſto, que me queira ouvir alguma trova, com todos os mais atavios de minha vida.

A tumba da Miſericordia deixe-ſe eſtar em ſua caſa, que naõ quero dar eſſe deſgoſto aos galhudos; que para eſquife de hum cepo, baſtaõ os carvoeiros: naõ me appareçaõ os meninos orfaõs de alguma maneira, nem a pé, nem a cavallo; porque de dentro do eſquife lhes deitarey huma pulha.

Por minha alma deixo huma dança de corpo prezente, a que aſſiſtiraõ os arrieiros das mais adu-

adubadas linguas, todos com pulhas accezas.

Deixo mais huma galhofa quotidiana no pagode dos muchachins: para o que lhe deixo dous chiotes de meu uſo, com bonetes, bugalhos, voltas, e pulainas, de que ſó o ſeu Reytor, ou Preſidente da mogiganga, poderá uſar, em ſinalado dia de feſta.

Item, lhe deixo o pandeiro, a cujas ſoalhas aſſoalhey as trovas: e o pente, por cujos dentes diſſe as graças.

Item o ſaquinho de ligeirezas de maõs, e o alforje dos aviamentos; porque, quebrada a cayxa, naõ fique o muchachim mór ſem inſignia; e ſobre tudo lhe deixo a minha bençaõ, e muito do meu eſpirito, para que Apollo os faça bons muchachins, como cathecumenos, que foraõ de minha graça, e aprendizes de minha chança.

Declaro, que ſou da gẽma de Guiné, negro, cambayo, beiçudo, emperrado, magro, natural, maciço, e ſpurio, ſem liga de mulato, nem ourelo de branco, filho de negro, e negra, como de hum cazal de corvos: ſempre fuy ſolteiro, ainda que nem ſempre fuy ſolto; porque, pelo ſer de lingua, tal vez o naõ fuy da peſſoa. Meus herdeiros forçados ſaõ os Theſoureiros das Confrarias, os juizes das feſtas, os procuradores dos Cirios,

Cirios, e os pays dos bautizados: porque tudo quanto poſſuo, a elles lho devo.

O monte de minha fazenda he todo o comprimento de minha cara, aonde as fazendas de raiz ſaõ os dentes, e carapinha: e o precioſo de tudo ſou eu, e as miudezas ſaõ alguns cabellos que ou ſe moſtraõ nos peitos, ou ſe lobrigaõ nos ſovacos.

Ao chariſſimo Joannico, meu principal Teſtamenteiro, deixo em moſtras de amor, o chapeo já adulto, e pelas abas já bem encebado, para que em ſuas miſſoẽs lhe ſirva de companheiro; com o encargo de que para os ſuffragios de minha alma ſe desfaça logo da capa. A Marcos meu amigo, e Teſtamenteiro ſegundo, deixo huma capa de baeta já alleviada da friza; porque minha, ou ſua, ſempre ſerá capa de velhacos.

A reſtituiçaõ que devo he á Poezia, fazendo em toda a minha vida, que os officiaes a tiveſſem por trova; as regateiras por chança, e os bandarras por ridicularias. Pelo que eu me desdigo, e eu me abrenuncio, e proteſto, que nunca foy minha tençaõ que foſſe verſo a minha trova; ſenaõ huma frialdade bem affortunada, e huma parvoice folgazona, com propoſitos por ligeira, e com eſtimaçoẽs por continuada. Final-

nalmente aos diabretes deixo a minha pelle de diabo, por reſtituiçaõ; por me dizerem ſempre as regateiras que era a pelle do diabo. Eſta he a minha ultima vontadẽ, eſte o meu eterno codicillo, onde, por naõ ſaber eſcrever, peço que por mim ſe aſſine o chariſſimo Joannico meu amado Teſtamenteiro.

Eſtes foraõ os finaes arrancos, e ultimos bocejos daquelle ultimo legado, e boçal Teſtador; aonde o veneravel Joannico, por naõ ſaber eſcrever muito melhor que o moribundo, pôs o ſinal da Cruz, como Ermitaõ que era deſta devota inſignia.

Começou niſto o negro Tabelliaõ com o ſeu: Em nome de ſaibaõ quantos, eu, preſente mim, e al naõ diſſe; palavras guardadas em eſcabeche deſde noſſa primeira idade: rematandoſe toda eſta tabelliôa trabuzana na authorizada aſſinatura das teſtimunhas, que foraõ: o Mudo do Sacramento, o Annaõ do Duque, e o Donato da Penha de França, eſcolhidos contrapezos para eſte judicial parociſmo. Já neſte tempo, encorporando-ſe com o enxergaõ, arregalava o zangaralheiro os olhos, como algum tempo fizera aos ouvintes: e querendo, com finaes de vivo arrependimento, apertar a maõ do aſſiſtente,

e devoto Joannico, lha achou occupada com a freſca herança; mas nem por iſſo affroxou a fé, antes agarrando-ſe com muita aos cabellos daquella Ermitôa, e capuchina barba, lançou no cólo da eternidade a criança de ſua alma, com o ultimo puxo da ſua vida.

Eſpirou em fim o zangaralheiro, e ficou hum dos mais feyos mortos, que deſampar:ou a natureza, e feſtejou a laſtima. Morreo o zangaralheiro, grande eſpantalho para vida; grande côco para as chanças; grande caveira para as prendas. Oh como ſaõ atrevidas as Parcas! Parece que tomáraõ por aſſumpto aquella negra, e paſmoſa vida. Pôs Clotho na roca a eſtopinha da deſgraça; Lacheſis, Maria fiandeira, ficou delgado por hum fio deſmayos; Atropos cortou o calabre dos alentos: quem havia de dizer que, ſendo eſtas filhas da noite, e mais das ſombras, e de Erebo Deos noćturno, haviaõ de eſcalar huma vida, promontoria da eternidade, digo da enormidade, ſendo as tres as ſanguixugas do ſeu meſmo ſangue! Para que he chamar eſfóla caras ao deſtino, quando até o parenteſco ſabe ſer carraſco?

Morreo em fim o zangaralheiro: que nem o ſalgado de ſua chança, nem o freſco de ſua trova puderaõ embalſamar aquella vida contra as

corru-

corrupçoẽs da deſgraça. Tambem morre quem zomba; tambem eſpira quem zangaralhêa. Sofocles morreo de huma alegria: naõ devia haver febres malignas na ſua terra. Do prazer ao pezar, he hum ſalto de pulga. Ninguem falla em Heraclîto, que falle em Democrito; ſaõ os forçados dos exemplos, e os cadeados dos diſcurſos: hum era Fuliaõ da Arruda, o outro choramigas da natureza; e por mais que os deſcomparou a ſorte, veyo a grudá-los a contrariedade. Para fazer deſgraçados já ſaõ da meſma freguezia a alegria, e a triſteza: Volupia, Deoſa da galhofa, tinha o ſeu nicho no templo de Angerôna Deoſa da mofina: já o ſentimento he contrapezo do goſto, depois que a deſgraça ſe fez corcovada da ventura: o meſmo dia dá ancias á noite, porque a meſma ſorte as ſoffre ao deſaſtre. Era plauſivel o zangaralheiro: mas quem lhe diſſera, que aquelles momos, que fazia a ſua chança, eraõ acenos, com que já o chamava a mortalha!

Começaraõ os Teſtamenteiros a dar ordem ao enterro; porque, já feitos os ſinaes na freguezia do Parnazo, mandara Apollo offerecer hum authorizado jazigo: aqui foy a laſtima das vizinhas; chamavaõ-lhe malogrado as regateiras;

chamavaõ-lhe abençoado as velhas: ſó os rapazes com rancor nativo o ſavandijavaõ, chamando-lhe cachorro. Naõ andava ocioſo o Teſtamenteiro Joannico; porque, com hum covado arvorado, era Capitaõ da guarda do terreiro. O Marcos, Teſtamenteiro ſegundo, era Centurio do defunto, lamentando o deſamparo dos rapozinhos, que, chorando a perda daquelle pay, já ſentiaõ a falta de ſe verem embalados no berço do ſovaco, penſados no coeiro da camiza, e alentados á lambugem da teta.

Já neſte tempo ſe apagava a lanterna das Eſpheras ao ſopro das ſombras, deſenrolando ſe o pavelhaõ das eſcuridades ſobre o catre das luzes; e no cemiterio do Occidente enterravaõ as Eſtrellas o cadaver brilhante: reſonavaõ as corujas, gemiaõ os morcegos, e aſſobiavaõ os cucos: quando medrozo o Zefiro, deſcorrendo os verdes dormitorios da Selva, embalava as flores em berço de eſmeralda; ſe naõ he que no tenro corpo de ſeu meſmo botaõ lhes repartia o natural ſocego: os regatos, mais que corriaõ, parece que entre as eſpadanas ſó ſe eſpirguiçavaõ; as arvores, mais que alabardeiras do prado, eraõ eſtafermos do ſilencio; e em huma muda ſuſpenſaõ ſepultada a terra, ou era hum natural theatro do

ſom-

ſomno, ou hum proprio cadafalſo do ſentimento.

Começaraõ já os poetas formigueiros, que, celebrando academias á ſordina, tem minado toda a Lisboa; e ſendo eſcondidos faroes nas esburacadas faldas do monte Pindo, ſaõ buzios de conſoante no charco de Apollo. Eſtes pois poetas de ſegredo, e compoſitores de manſinho, introduzidos a porteiros de Apollo, abriraõ as cancellas, e franquearaõ as portas ao boſque do Parnazo.

Já chegado ao pavoroſo ſitio o authorizado enterro, em lugar de meninos orphaõs, começaraõ as tourinhas, de que adiantadas duas eraõ ſalafrarios aos diabos das bexigas, que fazendo guiaõ dellas, trocavaõ em exequias ſuas antigas traveſſuras: ſeguiaõ-ſe as Communidades das danças, cavalgadas em os cavalletes de ſuas meſmas viólas, a quem a lenha miniſtrava accendidas achas. Oh maravilhoſo eſpectaculo! Trocavaõ-ſe os mouriſcos turbantes em mulatos capuzes; e deſpojados dos volantes velhos aquelles cabeças, que authorizou o caduco penacho, gemiaõ nas eſtreitas prizoẽs do negro ourelo.

Alli ſe viaõ os muchachins ſezudos, que, trocando a conſonancia do gral, da caſtanheta, e da caixinha, pelo deſuſado eſtrondo da groſſa, e bu-

e bugalhada camandula, a mortalhavaõ o cadaver de ſeus focinhos em os çujos capuzes de ſeus ſalpicados chiotes. Alli ſe viaõ os negros das frechas, que, cubertos das baetas triſtes de ſuas meſmas pelles, trocavaõ os eſtrondozos rebates de tambor guerreiro nos ſaudoſos gemidos do birimbáo ſentido: até os meſmos Reys Davides, eſquecidos do creſpo volante de ſuas capinhas, e da ferrugenta folha de Flandes de ſuas coroas, trocada a garrida tiorba em huma pállida, e penitente véla, mudada a eſtopenta cabelleira em huma melancolica, e carregada gorra, quando já foraõ racionaes gafanhoros do pallio, eraõ agora lamentaveis bizouros do tumulo. Era eſte huma eſtreita mas proporcionada paviól-la, a que ſervia de manto huma negra manta: pegavaõ em os varaes quatro nervoſos, e poſſantes carvoeiros, que a vontade do defunto deſtinara galhudos: ſeguiaõ o eſquife com paſſo lento, e ſemblante melancolico, os naturaes, e os eſtranhos: do porto faceira, eſtrangeiro dos Catholicos, o chariſſimo Joannico; dos arreganhados, o Marcos cego; dos ſezudos o mudo do Sacramento, o Annaõ do Duque, o donato da Penha de França, e outras peſſoas de conta.

Seguia-ſe nas regateiras a laſtima carpideira;

deſ-

deſpovoava-ſe o terreiro do Paço; deſpovoava-ſe o Rocio, e em hum grunhido lamento eſtendiaõ o rabo leva ao defunto: ſeguiaõ-ſe os piadoſos aprendizes, cujo curioſo ſentimento, eſqueceo no chafariz as quartas, o tirapé na tenda, o torno na loja, e o trinchete na ceira: o remendaõ pio deixou meya coſida a tomba; o marióla devoto na taberna, naõ bem extincto o copo, e o agoadeiro bem inclinado deſpovoava a cangalha: os rapazes, cuja laſtimada traveſſura, com o eſtorvo de alguns beleguins vinha atrazada, por ignorarem os funeraes idiomas da muſica, entoavaõ com piadoſo grito o celebrado arromba, que para hum fuliaõ cadaver ſó a galhofa ſabe ſer exequias.

Seguia-ſe finalmente a toda eſta funeſta barafunda, o celebrado frija Lisbonenſe, primeiro deſte nome, requerente do primitivo negocio, bacharel protector do ſaloîſmo, naire das damas de nó nada, e milhafre dos pleitos da Trapizonda; armado de Reo, e Author, como de ponto em branco, com dous embargos no bucho, e duas reviſtas no eſtomago, frigindo a torto, e a direito; mas vendo-ſe em fórma funeſta de capa cahida, e cabeça baixa. Entrou em fim todo eſte funeral concurſo pelo boſque do Parnaſo; porque

que movido o Deos Apollo da humildade de ſeu ſervo o zangaralheiro eſcolher ſepultura na eſtrevaria do Pegazo, lhe fez erigir bem no embigo da Parca o Mauſoleo mais corpulento, que admirou Rodes, e louvaraõ as Artemizas, para Urna de ſeus eſcuros oſſos, Pyramide de ſuas negras cinzas, e Padraõ de ſuas eſpezinhadas memorias.

Rodeavaõ o terreiro os compridos, e melancolicos Cypreſtes, ou cómo vegetativos Archeiros Tudeſcos, ou como penitentes Centurios: ao redor do tumulo, em proporcionada diſtancia, ſe levantavaõ groſſas, e bem lavradas columnas de finos jaſpes; peanhas de algumas imagens Gentilicas, que faziaõ o caſo mais feyo, mas para o ſuceſſo tinhaõ ſeu propoſito.

Para a parte do Norte, onde elle corria mais direito, ſe levantava o encorporado, e medonho Deos Saturno, que dos ſette Planetas ſahio o lobishomem, ſemblante carregado, corpo nervoſo, e cabelludo, com mais geito para demo, que para Deos; comia hum filho, como fazem os Saturnos do mundo, que tal vez os tragaõ, ſem ſaber de donde lhes vieraõ: influe eſte Deos nas melancolîaſ, eſtendendo-ſe-lhe a juriſdicçaõ até as tumbas; e com eſſa deſculpa,

pa, tinha aos pés a tarja, que, alludindo á preſente tragedia, expreſſava eſte

SONETO.

MOrres zangaralheiro, que offendida
A ſorte, de que o mundo eſſa côr preza,
Deixando limpa a galla a natureza,
Foy greda a morte á nodoa deſſa vida.
Córta o calabre a Parca, e já convida
O mortal Sagittario á viva empreza,
Que para a ſua ſetta em vaõ defeza
Tambem o preto he alvo da ferida.
Que os Deoſes o quizeraõ, naõ te eſpante,
Nem a tua dôr a ſemrazaõ eſcarve,
Que ſaõ má caſta os Deoſes, iſto ſente.
Eu cá tambem corri; porêm ávante,
Que era razaõ na morte de hum alarve,
Que influiſſe hum Planeta papagente.

Para á parte do Nordeſte avultava em outra peanha a pirguiçoſa imagem do funeſto Morfeo, Deos do ſomno, que, como Parocho de toda a Freguezia do Inferno, molhando na caldeirinha do rio Lethes o hyſope de ſua barbada providencia, lançava agoa maldita aos dormentes da

Parca, quando entre os achaques, gatos pingados da natureza, entoa as exequias da humana vida: encaſquetava o barrete carrancudo, ſobraçava a ſobrepelliz enfiado, e zote do inferno expreſſava na ſua tarja eſte

SONETO.

MOrre o zangaralheiro, oh como corre
O volante vivente á ſorte impia!
Já deſde agora paſſa alegre o dia:
Alviçaras ó luz, que a ſombra morre.
Já meu borrifo pallido o ſoccorre
Cadaver negro na mortal coxia,
Donde o ſomno molhado em cama fria
Qual fogo os membros de carvaõ diſcorre.
Córte o alto Pindo a ſorte amiga
De tiçoẽs, em que o fogo accezo vaga
Ficando ardente braza a ſua viga;
E qual paſtilha, a quem o fogo eſtraga,
Seja exequioſo fumo a jeropiga,
Donde hum cirio de pez a morte apaga.

Para a banda do Sul ſe levantava huma negra columna, ſervindo de throno ao grande Mercurio, Deos recoveiro, fundador dos ſantiamens,

amens, e graõ Meſtre dos antiquantos: eſtava com o corpo erguido, e com poſtura de péſapêlo; na cabeça hum galerio bem ázado, na maõ eſquerda hum bicheiro por ceptro, que caducêo lhe chamaõ os cultos, e cobrêlo lhe podiaõ chamar todos: com a maõ direita levantava o dedo para o ar, como que fazia promeſſa de ſe naõ metter em outra:o corpo em pelle como ſua mãy o pario; que a Gentilidade naõ teve Deoſes do Inverno, e a nenhum fez veſtido: duas azas por tornozelos, e duas ventoinhas por çapatos.

He eſte Deos mexilhaõ de todo o univerſo; porque naõ ha funçaõ, aonde naõ entre Mercurio: os armadores querem que ſeja ſó ſeu advogado, por ſer o Deos volante; mas o mais ſeguido he que depois daquillo de recoveiro, que nelle he como proprio, tambem de tumbeiro tem ſua laſca: porque, como diz o noſſo amigo Mantuano, para encaminhar ao bom retiro dos campos Elyzios aos que ſahem deſta vida, fazia o tal Deos do caducêo aguilhada; com eſta licença, tomava parte no zangaralheiro defunto, e na ſua tarja dizia o ſeguinte

SONETO.

NAda já do Cocîto na corrente
O' foliaõ, trocando a vêa impura,
Ciſne ás aveſſas, que a tua vida eſcura
Para morrer cantaſte eternamente.
Feniz ſe de Plutaõ, ſeja urna ardente
O pego Eſtigio, eternamente dura
Na chaminé mortal, que fogo apura,
Ferrugem racional, carvaõ vivente:
Agora em quanto o Pegazino porto
Cortez recolhe o teu enterramento
Lamentando eſte boſque o teu fracaſſo.
O' canzarraõ diſcreto, ó perro morto,
Sejaõ na duraçaõ do ſentimento,
Anubis tu, e Memphis o Parnazo.

Alludia o diſcreto Mercurio ao Idolo Anubis, que, em figura de caõ, era adorado no Egypto; foy traveſſura de Mercurio, que ainda que fazia bem os verſos, tal vez era morcego do conceito, que era hum Deos muito velhaco.

Para a parte do Sudueſte ſe levantava huma peanha ſuſtentando o Idolo do Deſengano, cara de poucos amigos, feiçoẽs de arrieiro, aſpe-

cto atrevido, e deſcarado, corpo agigantado, com huma tunica de volante por onde ſe via todo; ſem chapéo, por naõ fazer a ninguem cortezia; ſem capa, por ſe naõ dar com rebuços a ſua natureza; no de mais, luvas, annel, e golilha, como da confraria dos carraſcos de Galeno, Recipe baſilicaõ: tinha na maõ direita hum eſpelho; porque a elle ſe enfeitava a mortalha na ultima hora: lamentava o zangaralheiro na ſua tarja em o idioma deſte

SONETO.

SOffreſte, ó negro, á Parca o revez torto
Taõ inflexivel a ſeu golpe eſquivo,
Tanto, que, ſe eras negro em quanto vivo,
Negro ficaſte até depois de morto.
Tal teu animo foy, tal teu conforto,
Que poſto no combate mais nocivo
Da eſpingarda da morte feito hum crivo,
Naõ te vio amarello o mortal porto.
Mas ah! Que brio tanto o fado enterra.
Negro eras, morres negro, e naõ ficaſtes
Ao cuidado da morte no tinteiro.
Os homens naſcem barro, eſpiraõ terra:
Sombra foſtes, em ſombra te tornaſtes,
O' caduco, ó mortal zangaralheiro.

Para

Para a banda do Leſte ſe levantava a lavrada columna, Athlante de todo o Ceo da Europa, que era huma galharda mocetona, alva, e loura, carnuda, e gigantada, e ſobre tudo robuſta; que nem ſempre do bello ha de ſer manqueira o melindrozo: ropa de figura de lôa, cothurnos como Ninfa de Egloga, elmo plumado, o eſtendarte volante; como he louvavel coſtume das Europas: e porque no ſeu territorio ſuccedeo eſte deſaſtre ao zangaralheiro, á inſtancia de Apollo, repreſentava a Europa o ſeu ſentimento, que poderoſamente conſtruido valia tanto como eſta

OYTAVA.

ESſe, que ves rendido á mortal ſorte,
Adverte, ó caminhante, que ſe o viſte
Bobo da vida, he taralhaõ da morte,
Mortal folguedo, e já defunto chiſte:
Naõ ſó orfaã do goſto deixa a Corte
Mas até toda a Europa deixa triſte;
Sendo para a memoria a toda a gente,
Se campeche mortal, carvaõ vivente.

Para a parte do Oeſte avultava a Alabaſtrina colum-

columna, ſendo honroſo tanho ao ſimulacro da folia: era eſta huma eſtravagante femea, e minotaura creatura, com cabeça de cigana, e corpo de regateira, braços de engonço, e pés de ſalta-rêlo; trajava á mogiganga, mas ao preſente em figura de carpideira, em cuja creſpa, e franzida cara ſe lia bem o pranto na rubrîca do laibo: aos pés, bem como funeſto deſpojo de ſeu contentamento, ſe via a viola murcha, a caſtanheta ſeca, a gaita com fiſtulas, e o machinho com mataduras: entre eſtes eſcaveirados inſtrumentos ſe fazia lugar á tarja, aonde a folia deſaffogava a magoa neſte deſeſperado

SONETO.

OH mofina de mim mil vezes mil!
Quizera-me enforcar, dem-me hum cordel,
Pize a coices a dôr ao caſcavel,
E vá a magoa ao couro ao tamboril.
Troque o pandeiro a voz ſempre ſubtil
No tinnir ſempre rouco do pichel,
E o pentem, no outro tempo Bacharel,
Falle por entre os dentes qual gomil.
Manoel Trapo, o Xainha, e outros bens,
Que eu eſtimava mais que os charafins,
Tome-os embóra a Parca por refens.

Já

já naõ irey âs danças, nem motins,
Que naõ poſſo viver com taes vays vens;
Buſquem deſde hoje mãy aos muchachins.

Seguia-ſe outra columna avultada, e ſoberba, por ſe deixar pizar da poezia: era eſta huma galharda moça, mais que parto da natureza, milagre da vida: as feiçoẽs do roſto taõ proporcionadas como feitas em verſo, o cabello, ſem alcaide de fitta, ou beleguim de Colonia, ſolto ſem ordem ao Zefiro, que, à petiçaõ de hum Poeta, era pentem daquelle ouro em fio, ou occaſo daquelle Sol em ondas, em templo daquelle milagre em cadêas: taõ ricas as roupas como as de qualquer poezia, aonde he mercador o entendimento, alfayate a elegancia, e tizoura a penna: eſtendia duas gracioſas azas para o voo, como Aguia que era do Sol de Apollo: ẽm cada maõ tinha figurados em dous Globos o Ceo, e a terra; porque tudo cahe na maõ da poezia: eſtava com aſpecto raivozo, com os olhos no tumulo, aõ que parece, expreſſando contra elle eſte

SO-

SONETO.

O Lutero de Apollo, a Averna cova (antes,
Naõ cubra naõ teus verſos, queime-os
Pois cõtra a Ley do Deos dos cõſoantes
Aſſoalhaſte ao pandeiro a ſeita nova.
Já de Plutaõ o cemiterio próva
Se barbaro alquimiſta em teus deſcantes,
Sem reſpeitar os miſeros toantes,
Que eu fiz em verſo, tu trocaſte em trova.
Já de noſſo Pay ruivo naõ te aquente
O Sol, ſeja Tifeo tua ouzadia
Chamuſcado exemplar á Phebea gente.
Torne-te por caſtigo em cinza fria
De algum Poeta culto a pyra ardente,
Por fazer moeda falſa na poezia.

Seguia-ſe na ſua columna a Fama com todos os atavios, com que a antiguidade a enfeita, ar nas bochechas, fogo nas azas, terra nas plantas, que ſó o elemento da agoa lhe eſcapou a coleira, o enroupado Comico com ſeu ſendal voando, ainda que naõ tinha bafo de vento, com hum alforje de noticias correndo o univerſo, e ao preſente ſuſpirando na trombeta eſta

OYTAVA.

DOrmentes do univerſo, ouvi meu grito,
Deſpertay, as orelhas eſtirando;
Ouvireis que da dança o negro eſpirito
Jáz nos braços da morte palpitando:
Deixou bramindo as agoas do Cocîto
Mortal zangaralheiro venerando,
Que era moço comprido, negro, e feyo,
Das prociſſoẽs trombeta, e ſeu correyo.

Seguia-ſe em a ſua columna o Idolo do Deſtino em fórma de hum villaõ ruim chapado, na poſtura de Hercules, com os braços arregaçados, como fazendo força, encanado entre quatro aſpectos para ſe naõ dobrar nunca: huns oculos de ver ao longe, huma rolha em cada orelha, dando razoẽs de cabo de eſquadra: tinha ſido arrieiro na morte deſte defunto, e eſgaravatava os dentes com o aſſumpto de huma tarja, aonde dizia eſta

DE-

DECIMA.

MOrtaes, hoje vos exhorto
Que o voſſo zangaralheiro,
Se foy bugîo de cheiro,
Já féde como caõ morto;
Matey-o a direito, e torto:
Agora addivinha a ſorte,
Qual foy a pena mais forte,
Neſta laſtima ſentida,
Se perder hum negro a vida,
Se dar eu hum perro á morte.

Cerrava-ſe em fim o eſpaçoſo circulo das columnas em hum gracioſo, e bruto penhaſco; (ſe he que no bruto ſe póde achar o gracioſo) levantava-ſe ſobre hum largo tanque, ſobre cuja alabaſtrina taça, deſde a eminencia, o airoſo murzelo, ou alazâm Pegazo, já aſſoava o cryſtallino monco, já eſpirrava o nevado eſtallicidio: as nove Irmaãs formavaõ o jogo da bóla da poezia, de que o Pegazo era o vinte da eſtaca; e ſahidas de ſeus creſpos, e limoſos nichos, eraõ pelas bordas do tanque cryſtallinos ſobejos: veſtiaõ ligeiras tunicas de volante roxo, que aonde he Coronel o

ſentimento, naõ paſſa da quareſma o luto: nas diſcretas cabeças ſe arqueava em capellas o louro, para recolher o Idolo do cabello: quem vio jámais que o louro idolatraſſe o louro! Choravaõ todas juntas como humas crianças: qual eſfregava com o punho os olhos, e qual de chorar tinha os olhos como punhos: qual ſe aſſoava na manga da camiza, qual ſe alimpava na ponta da ſaya; formando todas juntas huma taõ laſtimoſa caramunha, e laſtimada arenga, que podiaõ enſinar ás raparigas da Pampulha a lamentar o marinheiro pay, que morreo na frota.

Enxugavaõ os ſoluços, calavaõ os prantos, e a medidos eſpaços (por naõ eſtar o vulgar reſponſo recebido entre os defuntos do Parnazo) cantavaõ ao ſom de roucos, e encatarrados inſtrumentos as nove eſte

ROMANCE.

SAtiros deſtes contornos
Deixay frautas, e pandeiros;
Que eſtá viuva a galhofa,
Se he morto o zangaralheiro.

Que mayor magoa, Zagales,
Ver na orfandade os verſos

As

As trovas ao deſamparo,
Como as pulhas ſem remedio.

Já Monſieur Paciencia
Naõ ha de alugar aos neſcios
Com alquilé o Pegazo,
Se he morto o ſeu arrieiro.

Já noſſo amigo Toante
Deſcançará, que ha mil tempos
O alforje deſte defunto
Com elle andou dado a perros.

Já noſſa madre a Poezia,
Quando naõ donzella, ao menos
Vivirá mais recolhida,
Que era de brancos, e negros.

Mas ay de nós! que já agora
Quem nos feſteje naõ temos;
Porque nos deixou em branco
Quem nos feſtejava em preto.

Já pois noſſos triſtes olhos
Sejaõ da magoa tinteiros;
Porque noſſas negras magoas
Com tinta negra ſe eſcrevaõ.

A fon-

A fonte do Pindo, a fonte
Do Parnazo a quantos vemos
Derretidos cryſtaes ſorvaõ,
E tinta de chocos vêrtaõ.

De muchachim viſta os rayos
Apollo, noſſo pay velho:
Seja Guiné o Parnazo,
E rapozinhos os verſos.

Se já os canos das fontes
Dizem que rapozos eraõ,
Tenha o Pindo rapozinhos
Que ſaõ rapozos pequenos.

Já naõ tem noſſos Poetas
Que invocar-nos neſte tempo,
Que quem quer ſer inſpirado
Metta-ſe a zoté tumbeiro.

Choray, mulheres, choray,
Muſas amigas, choremos:
Pois qne fará hum trambolho
Se faz chorar hum argueiro?

Já Apollo naõ tem camenas
Antes nos acha cá menos,

Que

Que em vez de boſques paſſamos
As feſtas nos cemiterios.

Já ninguem nos ouvirá,
Com equivoco traveſſo
Fazer cocegas ao tolo,
Metter raivas ao diſcreto.

Já nos naõ verá ninguem
Andar com o Feniz no eſpeto
Aſſando aqui, e alli aſſando
Sendo Arabia fogareiro.

A Filomena já póde
Sahir com nome materno
De rouxinol, que naõ eſtamos
Para embrechar epitétos.

Venhaõ baetas compridas
Porque, ainda que nos çujemos,
Naõ he máo, que para hum nojo
Tem virtude hum deſáceyo.

Cuſte-nos o que cuſtar,
Sayas de rabos queremos:
Para hum cadaver monturo
O luto ſeja ſequeiro.

Lan-

Lancemos fóra grinaldas,
Encaixemos os capellos,
Será ſequer cada huma
Dona do ſeu ſentimento.

Levantava-ſe finalmente no meyo do eſpaçoſo circuito, como eſtafermo de todo eſte ſentimento, o funeſto tumulo, alteado ſobre alguns degráos, de que era alparavaz huma grande tarja, donde ſe lîa eſta

O Y T A V A.

AS filhas do Parnazo a morte eſcura
Longo tempo chorando ſe ſentaraõ,
E por memoria eterna em fonte impura
Os remeloſos olhos transformáraõ:
O nome lhe puzeraõ, que ainda dura,
Cadaver de azebiche lhe chamáraõ;
Com que foy o Parnazo neſte dia
Deſte hereje de Apollo a Trafaria.

Na face direita do tumulo, ou para melhor dizer na téſta do ſeu frontiſpicio, mandára gravar a laſtima de Apollo eſte horroſo

EPI-

EPITAPHIO.

Aqui jaz o fatal zangaralheiro
Celebrado no pente, e no pandeiro;
Foy foliaõ, foy negro, e foy Poeta,
Hoje dorme cadaver de baeta
Em huma eſcura paz,
Aqui eſpirou carvaõ, cinza aqui jaz.

Eſtas eraõ as honroſas diviſas do funeſto tumulo, em cuja urna ſe depoſitáraõ as cinzas daquelle Feniz jocoſo, e carpido zangaralheiro, cuja mortal hiſtoria eſpantará o ſentimento na pagina do univerſo, para que ao ſeculo vindouro ſeja exequioſo gemido, e ſuffragrante Epicedio.

NOTICIA
DO PURGATORIO
DE
CUPIDO,

Em que com eſtylo jocoſo critîca em ſi hum amante o que ſuccede aos mais loucos deſta Claſſe.

MInha mulher de perſpectiva, ou minha eſpoſa de eſtado: eu vos naõ reſpondi em quanto eſtive no Purgatorio; porque, com a força das levaredas, mil veves ſe me creſtou o papel, ſe me chamuſcou a penna, e ſe me queimou a eſcrivaninha: mas agora, que já me vejo mais deſaffogado, (quero dizer fóra do fogo) vos quero lembrar as razoẽs de me eſquecer. Eu diſto, a que chamamos mal de amores, (bendito ſeja Cupido) me acho jâ ſaõ, e eſcorreito: porque os que adoecemos de auzencias, ſó o tempo he verdadeiro medico de

noſſas

noſſas almas : iſto de amores padecer auzencias, minha filha, ſe cura com largas auzencias ; que como he achaque, com que os namorados nos damos a perros, he como mordedura de caõ, que fere com os dentes, e cura com os cabellos : em hum homem ſe vendo auzente, naõ ha mais que ter tezo, e deixar malhar o tempo, aonde he bigorna a vida, e malho a memoria, e no cabo do anno ſahe hum homem feito de ferro, que póde ſer Alferes de S. Jorge: eu,como vós ſabeis, por naõ faltar ao uzo da terra, a doecî da minha memoria, (que ninguem adoece do ſeu entendimento) ſuſpirey, gemi, retirey-me a hum boſque; fiz hum Soneto á minha ſaudade; carteey-me com as Parcas; diſſe couſas a huma fonte, que fariaõ chorar as pedras; pedî ao tempo, que ſe fizeſſe a Náo em hum inſtante, e nelle embainhey huma eternidade; a Cupido naõ lhe ficou oſſo faõ com o ſacco de arêa de meu queixume; chamey-lhe Deos cego, Divindade criança, e lince com venda; chamey-lhe barbeiro por amor das ſettas, e morcego pelas azas, e finalmente vieraõ ſeus pays á bailha; Vulcano ſahio com os epîtetos do coxo, e mais o manco; e a Venus, que ſempre neſtes caſos foy peccante, deſauthorizey de amotinadora deſtes eſtragos: a toda eſta

barafunda dey vazaõ de ſeis mezes: eu ainda naõ vi auzencia tomada de empreitada mais bem ſuccedida; eſtou certo que o naõ havia fazer melhor o mais deſapegado, que he o que ſe tira deſtes brincos de auzencias: que ſuppoſto que o cadaver da fineza ſempre buſca a tumba da magoa; poſta aos hombros do cuidado, levada a enterrar nos funeſtos cemiterios do retiro, por ſer taõ grande a enfermidade da memoria, que hè matadora como a meſma eſpadilha; tratey de fazer das fraquezas forças, para poder com eſtes trabalhos, que me naõ cuſtou pouca moleſtia.

Eiſ-aqui em que andey occupado atégora neſte Purgatorio, por cuja cauſa vos naõ buſquey atéqui: pois hum vivente mettido nelle, julgay o reboliço, que cada hum terá no apoſento, em que vive deſterrado.

As cauſas, mulher, de me paſſar do Purgatorio do cuidado para a bemaventurança do deſcuido, ſobre ſer eſtravagancia da eſcolha, foy achar algum commodo na vivenda; tive as achegas de me enfaſtiarem as meninices eſcholaſticas de Cupido, a tempo que andamos a ferro, e fogo; nem eu eſperava menos da ſua aljava, e de ſua ſetta, ou natureza: logo lhe deo na manîa, ſendo os elementos quatro, o querer ſer fogo;

que

que ſe fora agoa, fora mais corrente; ſe fora terra, fora mais humilde, e ſe fora ar, fora mais leve; mas elle ſe metteo a fogo, para o pôr a todos a pouco cuſto: pelo que haveis de ſaber que qualquer elemento vive á ſua cuſta, ſó o fogo ſe ſuſtenta pela alheya: perguntay-o no ſeu naſcimento á iſca, e na ſua duraçaõ á materia; diga-o na tocha a cera, na candeya o oleo, e na chaminé o cepo: ora ſuſtentay lá a Cupido, e ſahir-vos-ha caro, como fogo; eſtá o carvaõ muito caro para ſe ſuſtentar hum homem no Purgatorio de amor. Pois que cuidais vos? Que fuy algum auzente de agoa doce? Pois morri como huma peſſoa grande, que aſſim o herdey de meus antepaſſados: e ſe naõ, perguntay a Franciſco Rodrigues Lobo, de que morreo o ſeu Paſtor peregrino? A Jorge de Mõte mayor, de q̃ ſe finou o ſeu Sireno? E ſobre tudo pergũtay-o aos Cryſtaes d'alma, como matte a memoria, e reſponder-vos-ha com formaes palavras: (diz o douto) He a memoria ruim cozinheiro, e daqui tira o ſeu Commentador, que mata com hum bocado.

Mas perdoe Deos aos ourives, que para engodarem as almas com as memorias, as fazem como a hum ouro, tendo ellas cara de aço.

Agora cá na bemaventurança, que he o Ceo da

da bõa vida, anda alfarîo o eſpirito, e ocioſa a alma; e como para divertir-ſe tomo por leve a penna, deſta carta farey prologo deſſa relaçaõ, que ahi vos eſcrevo, para que ſaibais que tal vez as almas do Purgatorio de amor acordaõ em relaçaõ para o dia de ſeu divertimento: vede ſe quereis alguma couſa deſta bemaventurança, que vaõ aqui as galhofas a rodo, e já as comemos com alcaparras; e ſe as quizeres, no meſmo inſtante vo-las mandarey no cavallinho da alegria, ou no cavallete de huma vióla.

Niſto de amor naõ fallemos, que depois que tive amor em Thomar, tenho medo de me tomar com elle: o Ceo vos guarde delle, pois que a mim me guardou de vós, que naõ haverá mayor bemaventurança: mas ſempre achareis em mim huma caveira de eſpoſo, e huma morte de affeiçoado.

Deſta noſſa quinta dos Prazeres, Palacio do eſquecimento, e morada do bom retiro; voſſo bemaventurado, depois que deixou de ſer voſſo marido.

O Redemido.

SO-

SONETO.

O Lá, ó lá mulher, ó lá, que ſayo
Do forno de Cupido aſſado humano;
Onde tive o ſuſpiro por abano,
E onde eſtive ao fumo como payo.
Fugindo dos tormentos ao ſoslayo,
Vou dentro de huma nuvem por tutano;
E Feniz renaſcido de hum guzano,
Dou crêna á urna de alcatraõ Pancayo.
Hum marido Abulenſe he quem vos falla,
Que já biſcouto ao fogo peremptorio
Torrado ardeo, calado como zorra.
Já nada me faz mal, nada me aballa,
Que já ſe me acabou o Purgatorio,
E deſde hoje ſou alma á tripa forra.

Sabereis pois, minha mulher de Alicante, ou minha eſpoſa Sequilho (que paſſada vem a ſer o meſmo) que eu me acho a eſtas horas ſem hum ceitil de Purgatorio, convaleſcendo da memoria, e engordando da auzencia: já ſe me acabou o inverno das lagrimas, já o Janeiro das deſconfianças, já o nublado das ſuſpeitas, e jà o bruſco das diſtancias. Pois què, ſempre haviaõ de ſer

de

de eſcabeche as deſgraças; ſempre de conſerva as penas, e ſempre embalſamadas as ancias! Nem ſempre na chaminé da fortuna ha de ſer tronco o deſtino para eternizar o incendio; nem ſempre na boca das Parcas trazem alcatraõ as eſtopas, tambem o ſanti-amen tem ſuas levaredas; tal vez ſe acaba hum inferno deſtes, em quanto o diabo esfrega hum olho: acabou-ſe em fim o meu Purgatorio; porque ſe tem bombardas o fogo, tambem tem bombas o deſtino; acabou-ſe o Purgatorio do cuidado, e ſahi a tomar o freſco á varanda do deſcuido: cahio-me a memoria por entre os dedos; e ainda que ſou alma, eu me contento ſem eſſa potencia.

Pois ſabey, mulher mortal, que quando eu fazia papel de tiçaõ no borralho de Cupido, mil vezes dezejey hum annel de agoa, para largar huma memoria de fogo; mas já agora ſaõ para a minha alma luminarias, as que eraõ para o meu coraçaõ levaredas: já me eſtou rindo do veraõ dos dezejos, que me naõ lembra já o fogo, nem por fumos. Já ſou Garça no Rio do eſquecimento: ſe paguey o pato no forno do ſuſpiro, já ſou gaivota no mar do divertimento; ſe ardi Feniz na urna do cuidado, já me vejo adejando nos pegos, ſe já me vi padejando nos fornos: e

final-

finalmente, ſe já fuy moſquito no licor dos ſentidos, agora ſou moſca no leite dos regálos.

Eſta he, mulher, a diſtancia que vay dos que amamos aos que eſquecemos: quando eu era amante, perneava padecente; agora, que já Zingro das finezas, eſtou de perneta nas ancias: quando eu era choramigas da auſencia, era papa arroz da magoa; agora que ſou o gandum da pirguiça, ſou o arromba da conſtancia.

Era o meu Purgatorio
Soluçar auſencias,
Sentir amores,
E curtir ciumes.

Mas já hoje, nem eſtas ſoffro, nem aquelles ſinto, nem aquelloutros choro; porque eſtes, aquelles, e aquelloutros, ſaõ humas ſavandijas, que o calor do appetite gerou no ſeyo da ocioſidade: e huma alma com barbas no roſto naõ he bem que ande com bugiarias no peito. Alto pois, fóra das madraçarias do Purgatorio: alerta, mortaes, alerta, que vos falla huma alma com bigodes até á cintura. Quem quizer ſahir do Purgatorio de Cupido, peça os ſuffragios ao Paroco do eſquecimento.

PRIMEIRO GRAO
da bemaventurança.

Eſquecimento da auſencia.

QUe outra couſa he hum auſente, mais que hum ſolitario cypreſte, que, neſte valle de lagrimas, creſce gyraſol das triſtezas, avulta eſtafermo das plantas, chuço das ervas, eſpeque dos ares, e grêlo das flores? Aſſim que outra couſa he hum amante, mais que hum tolo do ſentimento, huma eſtancia de ſuſpiros, hum alimento das magoas, e hum basbaque das penas! E que ſendo hum auſente deſta ſorte, haja quem ſe gave de ſaber ſer auzente! Quem diz auzente, diz cabisbayxo, bocicodio, ſatiro, e bronduzio; falla de cuco, paſſêa de morcego, veſte de galhudo, come bringellas, eſcreve com tinta de cibas: á viſta he hum eſqueleto em carne, no traje he hum ſuſpiro em pelle, amanhece ſolitario, paſſêa o dia cigarra, e a noytece coruja: he em fim hum auſente eſtropalho da vida, frangalho da natureza, e huma rodilha da fortuna: he hum engeitado da vida, e hum deſpedido da morte, que nem morre, nem vive; porque

que morre do que foy, e vive do que ha de ser: morre da memoria, e vive da esperança. E que tendo hum ausente estas qualidades, naõ se envergonhem os homens de serem ausentes! Estes saõ, mulher, os ausentes em prosa, que em verso saõ muito peyores; porque sobre serem Fabios, Heonios, e Silenos, nomes que só cheiraõ a vinho, saõ para as lamêdas troncos, para os rios penedos, para o fogo Salamandras, para a luz maripolas, montes para a constancia, valles para a tristeza, e sobre tudo assumpto para os Poetas. Pois que vos direy da ausencia; he o beleguim da fantazia, a enxovia da lembrança, o potro da fineza, o arre burrinho da alma, o real d'agoa de Cupido, a Ilha da Madeira do desejo, a Ilha dos lagartos do destino, mas melhor que tudo a descrevi eu, quando no outro mundo passeava Centurio do sentimento, no portico do retiro, authorizando-a com o epîteto de inferno nesta

O Y T A V A.

HE pois a ausencia temporal inferno;
Onde para a caldeira do retiro
Lhe traz fogueiras o cuidado interno,
A lagrima alcatraõ, fogo o suspiro.

He alma o coraçaõ gemendo terno
No calabouço eſcuro, em que anda em giro;
E para fomentar-lhe o ſeu tormento
He demo atiçador o penſamento.

Vêde vós agora ſe eſtarey eu contente vendo-me livre deſta maſmorra, e longe deſta caldeira; e iſto ſem mais artificio, do que naõ me lembrar de vós, nem pouco, nem muito: digo-vos que no inferno de Cupido, ninguem eſtá mais que por culpa da ſua pirguiça; porque he fogo, de que ſe póde livrar huma peſſoa com huma bochecha de agoa.

SECUNDO GRAÇO
de bemaventurança.

Eſquecimento da fineza.

A Fineza mortal, mulher, he o delirio da alma na febre da ternura; e adoece hum homem da ſua fineza, como ſe fora de huma febre maligna: a fineza he o *totum continens* dos auſentes, e abotica dos amantes; naõ faz acçaõ hum corpo amante, que naõ ſeja fineza; paralytica a natureza, para qualquer couſa, ou

ou qualquer outra acçaõ humana he fineza: ſe vive, fineza; ſe adoece, fineza; ſe morre, fineza: ſe vive, porque quer que dure o tormento, fineza; ſe adoece, porque ſabe ſentir o cuidado, fineza; ſe morre, porque naõ quer desluſtrar o martyrio, fineza: e finalmente, ſabe hum amante fazer requebro até de huma toſſe; e até hum arroto ſaberá vender por ſuſpiro.

Diſto dizem lá os mortaes que tem culpa o amor, porque he huma criança muito travêſſa, que deſpeja a aljava, que aponta a ſetta, que curva o arco, e faz tiro; e iſto, mais que pendencia de namorados, me parece a dança dos pretos: e qual he o homem barbado, que ſoffre eſtes atrevimentos a hum bugio? Deſorte que hum homem mata hum moſquito, por lhe naõ ouvir a trombetinha, e naõ açoutará hum fedelho de o eſmichar com huma ſetta? Deſenganay-vos, embasbacadas creaturas, que ſe o amor, como dizeis, he criança, mais depreſſa ſe fartará de caſtanhas, que de feridas: metta cada hum a maõ no ſeyo, e verá que naõ acha mais que os naturaes cabellos, ſem arranhadura de ſetta, nem laibo de ferida. Diſcretamente dizia eu no meu Herodes, diſcurſando a eſtripaçaõ de Cupido, em eſtas duas grandes, e deſmedidas

OY-

OYTAVAS.

CRêde, mortaes, que amor he ſó criança
Alva, loura, roliça, groſſa, e nûa,
Que em duas grandes azas ſe embalança
Lançada a tiracol a aljava crûa:
Logo vendando a viſta em ſom de dança
Sem avental ſobre a piquinha ſuã;
E fizera melhor ſe ſem refolhos,
A piquinha vendara, e naõ os olhos.

POis naõ he tal, mortaes, que Venus pêco
Teve o ventre, e Vulcano ſeu marido,
Como ao fogo toſtado, era pay ſecco;
Com que ao ſeu lume naõ ſahio Cupido:
As Freiras o geráraõ de hum boneco,
Pelo verem a hum trapo reduzido,
E a ſer criança tal taõ inquieta,
Jogará a bilharda, e naõ à ſetta.

Vêde agora lá ſe conhecendo eu que a fineza, e o amor naõ ſaõ mais que humas velhacarias da vontade, humas trapaçarîas do diſcurſo, e humas rapazias do goſto, deixaria de eſcoar a coleira do Purgatorio do peſcoço do cuidado;

dado; e rapando a fineza á navalha, tirar as minhas barbas de vergonha, pois com dous reis de eſquecimento comprey eſta bizarria: alerta pois, defuntos auſentes, ſe naõ quizerdes ter vontade, naõ tenhais memoria, que ſaõ potencias encangalhadas.

TERCEIRO GRAÕ
de bemaventurança.

Eſquecimento da duvida.

A Duvida de hum amante vem a ſer o ciume, o melquetrefe das potencias, o xiſgaraviz das memorias, o contagio das ſuſpeitas, o cancer das duvidas, o furaõ do deſengano, o malſim do ſuſto: e finalmente, ſe o pudermos fazer femea, he a pulga da deſconfiança no ouvido da fineza; mas melhor no lo dirá huma Oytava, onde eu lhe medi os mal medes quando me conſummia.

OYTAVA.

HE moſtarda ao nariz da paciencia,
He pimenta ao paladar da vida,
He ſevadilha á venta da advertencia,
He poz de Joannes da alma na ferida:
He fumo a chaminé da conſciencia,
Que ao olho traz a lagrima vertida,
He o ciume a briga do ſentido,
O bicho carpinteiro de Cupido.

Comichaõ da fantazia, e côco da eſperança lhe chamou a Antiguidade, e os modernos o reduziraõ a amoroſo Purgatorio: mas he taõ facil o ſeu ſuffragio, que reſgata deſte patibulo, que naõ conſiſte mais que em naõ querer. He o amor a ſemente do ciume, e para ſeccar o grêlo ao ciume, naõ ha mais que arrancar as raizes á vontade: vêde lá ſe, eſtando na minha vontade o remedio, era bem deixar-me morrer como carrapato na laã do Purgatorio; e ſe naõ, pergunto: Deos deo a vontade á alma, para tiçaõ, ou para potencia?

Dizem que naſce o ciume de quererem os outros o que eu quero: pois tenho eu mais, que naõ

naõ querer, o que querem os outros ? Se eu tenho ciume por elles quererem, tambem porque eu quero teraõ elles ciumes: pois se todos estamos pagos, porque naõ hey de eu ficar satisfeito? Ora olhay, mulher, como discorremos os defuntos, quando nos vemos bemaventurados ! Pois naõ vale mais sahir do Purgatorio, que mettermo-nos no inferno ? Só por evitar razoẽs se póde ser bemaventurado. Finalmente, para que naõ entendais que nem por huma unha negra estou já no Purgatorio de Cupido; eu daqui vos dou licença para seres querida, em testimunho de que de vós se me naõ dá cousa alguma: queiraõ-vos a torto, e a direito; queira-vos o negro, e o branco; e sede vós linda muito que vos preste, e vá bugiar o ciume: se o ser desconfiado he de neścios, o ser cioso de quem será? O' lá pois, cioso do mundo, arregalar o olho do esquecimento, estender a orelha do discurso. Eis-aqui o ciume, contemplay a caveira da parvoice: naõ vo-lo proponho vestido de azul, que a saltimbarca da campainha da misericordia naõ se accõmoda ao chocalho da queixa: o ciume naõ he no vestido azul, senaõ no enfeite; se naõ, vede-o na isca da suspeita, e vereis na mecha do discurso arder o ciume no enxofre do cuidado: nasce o ciume da

ambiçaõ, com que ſe adora a formoſura; pois he a formoſura huma linda preya. Sabeis, profeſſores do ciume, o que he a formoſura; he huma pelle bem pintada, e he ſem duvida a pelle do diabo, pois elle vos tenta com ella: he a formoſura a minhoca do dezejo no anzol do perigo, para a peſca dos peixotes no lago deſte mundo: ay do peixote, que come a iſca, quando lhe cuſta a mecha! He a formoſura o labyrintho dos ſentidos, o chaos dos cuidados, o aljube dos dezejos, a enxovia dos ſuſpiros: e finalmente, por naõ levarmos a rethorica á arreata, he a Venus humana, que vale o meſmo que deſaforo femea. Começou a formoſura a ſer mulher, depois que Saturno deixou de ſer homem: Jupiter, que foy carneiro, o fez a elle capado; e do ſangue, que cahio daquelle golpe, miſturado com a eſpuma do mar, ſe gerou a formoſura: vede o que quer dizer o ſucceſſo neſta

OYTAVA.

SE da eſpuma do mar embravecido
Entre a lapa naſceo o caramujo,
He Venus, na panella de Cupido,
Eſcumadeira, que recolhe o çujo:

Do

Do ſangue de Saturno derretido
He murcéla vivente, mas que eſtrujo:
Que ha de querer já de Venus quem ſuppo-
Que lhe deo vida a morte de vergonha. (nha.

Eſta vem a ſer a formoſura, ponde-vos a ſoffrer ciumes por ella: aquelle he o ciume, pondevos a ſer amante por elle. Naõ, mulher, naõ he o Purgatorio de Cupido vivenda para huma alma honrada. A minha bençaõ lançarey ás levaredas; matem-me com as bemaventuranças; ora deixay-me fartar de eſquecimento, e dême embora huma apoplexia de deſcanços. Muitas graças ſejaõ dadas ao eſquecimento, unico redemptor das almas deſte Purgatorio: e para que conheçais os adubos de ſua mezinha, e as facilidades de ſua cura, apparay lá no collo eſta

OYTAVA.

O Eſquecimento hum medico ſe fez,
Cuja eſtranha golilha aſſim ſe faz,
Que entezado o peſcoço, em que lhe pez,
Já mais voltar o póde para traz:
Naõ quer luvas, que he medico cortez,
E por naõ ter memoria annel naõ traz;

Por mula hum dromedario, em que ſe diz
Todo o mal ſem lembrança curar quiz.

E com iſto, mulher, a Deos luzes do Purgatorio dos amantes: a auſencia que ſe vâ para hum boſque, Cupido para a eſcóla, o ciume para o Hoſpital, e a formoſura que me venha pegar pelos calcanhares ao arrependimento; ou para me fazer eſcorregar, que ſe unte com cebo de cabrito: e vós, mulher, ficay como eſpargo no matrimonio, e buſcay outro marido; que eu neſte meſmo fogo, em que dey já dous eſtoiros, dou agora dous trincos, e deſappareço em nuvem deſta carta pelo ar da fantazia.

FIM.

DISCURSO DE DEFUNTOS, E AUSENTES.

Soliloquio de huma alma, fallando com o homicida, que lhe tirou a vida.

AQui neſte Purgatorio,
Adonde ſuſpira o peito
Pelo Ceo dos voſſos olhos
No fogo dos ſeus dezejos:
Aqui, donde as ſaudades,
Sem deſcançar, me atormentaõ;
Deſde a morte de deixar-vos
Perdida a vida de ver-vos.
Aqui, donde eſta alma minha
Aſſim deſmaya, que, tendo
Tres potencias, no que pena
Só a memoria lhe deixaõ:
Te-la a levareda viva
He que me conſome, ardendo;

E vá bugiar o alcatraõ,
Onde memorias aquentaõ.
De vós me dizem que trouxe
Eſte fogo; eu naõ o entendo:
Salvo ſe o barco da neve,
C'os barcos de tojo veyo.
Fogo, e neve naõ me admira
Em vós; que eu vî lá de perto
Que era neve todo o roſto,
E eraõ duas brazas os beiços.
Eu inda vî mais milagres
Voſſos, que em hum lugar meſmo
A neve eſtava muy teſta,
Muito á viſta o lume accezo.
Deſte fogo he que naſceo
Eſte em que ardo, e já entendo
Que para me aſſar depois
Me mataſte lá primeiro.
Morte, e forno? Sim ſenhora:
Foraõ de ver-vos effeitos.
Que mais ſuccedera a hum frango
Em poder de hum cozinheiro!
Linda, e logo me mataſtes?
Em que eſcaninho lá dentro,
Se tudo o que vî era brinco,
Trazieis vós o veneno?

Quem vio roſalgar de alcorça?
Ou quem vio com que ſegredo
Pelo ar de hum abanico,
Peſtes de neve ſe pegaõ?
Quem vio crueldade em cryſtal
Ou de embutido, ou de enxerto;
E pizando coraçoẽs
De Alfenim malhos rodeiros?
Pois tudo iſto em vós vî quando
Engulî, lambendo os dedos,
Entre as doçuras do lindo,
As pirulas do ſevero.
Ou ferido, ou affogado,
Alli morrî; ſe em vós eraõ
Punhaes de azeviche os olhos,
Laços de ambar os cabellos.
Oh venha o Ceo! Digo venha
O voſſo agrado, em que eſpero,
Se ſe naõ fechar de ariſco,
Encontrar o Ceo aberto.
Aqui me vim a enterrar
Aos hombros do ſentimento,
Sendo a tumba eſta triſteza,
Eſta auſencia o cemiterio.
Iſto aſſim, quanto ao meu corpo;
Quanto a minha alma, eſtou certo

Que

Que me pôs no Purgatorio
Cupido, que he meu Galeno:
Aqui pago agora aquellas
Delicias, que alli, em vos vendo,
De nata comi a ſorvos,
Bebi de neve a ſorvetos.
Penas, e ſombras me formaõ
Eſte Purgatorio eterno;
Penas, porque vos ſuſpiro,
Sombras, porque vos naõ vejo.
A belleza imaginada
Aqui me abraza, que intenſo,
Como o fogo he de Cupido,
O Purgatorio he de Venus.
Em fim, nelle eſtou mettido,
Furna eſcura, forno accezo:
O que ſinto he vir em Julho,
Que o naõ ſentira em Janeiro.
Bem ſey que vos aſſuſtais,
Porque alma eſpuria aqui venho,
E fantaſma de Cupido
Em verſo vos appareço.
Da grade trouxe eſtas triſtes
Cadêas, eſtes incendios
Do lume dos voſſos olhos;
As pennas cá me naſceraõ.

Oh que medonho eſpantalho
Pela voſſa cella entro,
Com huma cara côr de fogo
Veſtido hum corpo amarello!
Que bom ſuſto vos darey
Neſte repente traveſſo!
Vós tendes medo de hum rato,
Que ſerá de hum eſquelêto!
Já ſabeis que huma alma em pena
He hum donato, he hum leigo,
Que ſem ſáccolas, nem mangas
Pede de rijo, e ſem pejo.
Aqui venho por ſuffragios;
E inda que ingrata vos temo,
Antes do que hum Padre noſſo,
Huma Madre alheya quero.
Mas naõ me venhais cá agora
Com crueldades, com deſpegos,
Com que me fique a alma torta;
Bem baſta que já fuy cego.
Eſtreay-vos com as almas;
De piedade hum real e meyo
Já para mim he ſuffragio,
Sem ſer para vós diſpendio.
Naõ fora a minha alma triſte,
Se bom Chriſtaõ voſſo genio

Na bacia dos meus rogos
Lança de esmóla hum requebro.
Se isto consigo, huma bençaõ
Ao meu Purgatorio deito,
E no Ceo do vosso collo
Vou gozar do *requie eterno*.

FIM.

CONSELHOS DE HUM PERDULARIO,

ENSINANDO A ACCEITAR TUDO o que ſe der.

ROMANCE.

MInha mulher, minha Freira,
Que ao que eſcrevo, e ao q̃ mando
Sois minha mulher em verſo,
Sois minha Freira no gaſto.
Muito mal eſtou comvoſco,
Que hypocrita tendes dado
Em trazeres o naõ quero
Nas ancas do já agarro.
Para que ſaõ cá melindres?
Ide comendo, e calando;
Deixay-vos eſtar quieta
Naõ vos façais eſpantalho.
Mando o meu Broche, e fugîs?
Pois que, quereis que empenhado
Como punhal vo-lo ponha
Nos peitos, para acceitar-mo?

E a Cruzinha de Diamantes
Com fucinho ? Mas já cayo ;
Grande cruz tendes commigo,
Já deſculpo o voſſo enfado.
A mim naõ me eſcapa brinco
De ouro, (o cuſto naõ reparo)
Que coveiro de Cupido
Naõ ande deſenterrando.
Naõ fallo em louça da China,
Brincos do Japaõ naõ fallo ;
Que ſois pedra, e naõ parede,
A que eu atire com barro.
Aſſim ando n'uma roda
Viva, ſó por enfeitar-vos;
Com que naõ ſey ſe ſou voſſo
Comprador, ſe voſſo damo.
E vós inda muy divina,
Sem fazer de nada caſo:
Vós lá fazendo beicinho,
E eu pobre cá mourejando.
Porèm o peyor de tudo
He temer inda que enfado,
E vou a dar-vos hum mimo
Como ſe vos dera hum chaſco.
Que vos regale eu tremendo !
Ha dinheiro mais infauſto,

Que

Que naõ ſey (tal he o receyo)
Se vou pedí-lo, ou vou dá-lo!
E vós inda mal contente!
Nunca Deos perdoe aos aſnos,
Que, podendo uſar de murros,
Deraõ em gaſtar cruzados.
Tolos foraõ, ſe abrandar
Femeas com murro intentáraõ?
Ninguem faz boa farinha
Sem moêr bem: he provado.
Vamos agora á cozinha,
A' deſpenſa agora vamos;
E o toucador taõ valido
Por hora ponha-ſe ao canto.
Tudo ha de ſer broches, tudo
Tiſſu, matiz? Valha o diabo!
Naõ haverá huma deſtas
Guapas, que diga comamos?
Bambolins creſpos, donaires,
Relogios; e o bucho agoando!
Sede eſtomago de dama,
Morrereis ao deſamparo.
Abençoadas as pobrinhas,
Cujo desluſtroſo manto,
Quanto mais de ſarja tem,
Terá menos de ſarjado.

Cuja

Cuja ſaya de tonel,
Ignorando o incorpado,
Tal vez por fugir ao torno
Naõ conhece ainda o arco.
Cuja cara, cujo corpo
Se ignoraõ, diſſimulando
Mais ſerventia de leito,
E menos pompa de eſtrado.
Só eſtas (abençoadas
Sejaõ ellas) arrecadaõ,
Sem lhe vir broche ao ſentido,
De preſunto o ſeu taſſalho.
A pera, a uva, o repolho,
Mil couſas, tudo barato,
O toucador interdicto,
Lhe galanteaõ o almario.
O' gente da primitiva,
Que, ſem que ourives o ſaibaõ,
A hum par de luvas, a hum leque
Daõ a maõ para o abano.
Tomay vós deſtas o exemplo,
Naõ façais carinha de aço:
Aceitay grado, e miudo;
Por ventura vós compray-lo?
Eſtas couſas de comer
Tambem ſervem de holocauſtos;

Que

Que divindades com buchos,
Mais que fumos, querem payos.
Em quanto viveis de linda
Tratay bem de aproveitar-vos;
Que a mulher para a velhice
Naõ tem paõ em eſpigando.
Em quanto vos daõ licença
As bexigas, e o ſarampo,
Deixando á parte cutras queixas,
Que deslindaõ de ordinario;
Vendey, ſeja pouco o preço,
Deſſe matiz encarado,
Que á manhaã no canto he lixo,
A que he flor hoje no campo.
Acceitay, ſeja o que for,
A couve, a cebolla, o alho;
Que o Sol he Sol, e no inverno
Vende as reſteas muito caro.
Iſto, e mandar ao melindre
Pentear bujios calvos;
E vós aos que inda o naõ forem
Tratar de os pôr neſſe eſtado.

Minha Freyra, ahi vos mando eſſe Romance, de que haveis de goſtar muito; porque leva muitas couſas de comer: façaõ-vos muy bom pro-

proveito. Fica-se fazendo o Retrato; se naõ que-
brarmos em quanto elle se enxugar, tereis mais
essa prenda minha, quẽ eu sou pintado para hu-
ma dessas.

RETRATO MANDADEIRO.

Vera effigies de hum Amante remettida á pessoa amada.

ROMANCE.

EYlo vay, querida minha,
O meu Retrato, e do modo
Que eu o fiz; he meu: agora
Vede lá se será proprio.
Ponho aqui esta maõ na ilharga,
No bofete estoutra ponho,
Debaixo de huma cortina
Em pé, tezo, e respeitoso.
Só com a penna o rascunho,
E eu fico que assim disposto
Nada fique no tinteiro;
Antes delle o tiro todo.
Bem que do rosto as feiçoẽs
Saõ commũas, as retoco:

E só

E ſó por mim o fizera,
Que eu nunca a ninguem fiz reſto.
Que he cabeça de cazal
Eſta minha, em parte approvo:
Quanto ao ſizo, hum campo razo,
Quanto ao pello, hum mato toſco.
Os olhos na teſta aqui
Pela primeira quiz pô-los;
Mas taõ pobre eſtou de teſta,
Que naõ tenho em que pôr olhos.
O nariz em nada agudo,
Só fallo por elle hum pouco:
Hum villaõ ruim chapado
No eſtylo, na fraſe hum tronco.
A boca he, quanto ao que ſôa,
Entre eſcumas, e entre arrotos,
A boca da barra; os dentes,
Inda que velhos, cachopos.
Por grande, cheya, e pezada
A cara, appliquey-lhe os hombros;
E tomando-a ás cavalleiras,
Mandey bugiar o peſcoço.
Quanto ao corpo, naõ fallemos;
Porque he taõ pêco, e taõ pouco,
Que ainda andando ſem capa
Cuido que naõ ando em corpo.

Com decretos de vendima
Sempre trago dous trambolhos:
Cá por cima corcovado,
E lá por debaixo coxo.
Negro, e çujo, quanto á viſta,
Que ambos entraraõ de acordo
Para gerar-me, choquenta
Minha mãy, e meu pay choco.
Em pé ſou formoſo homem;
Bem que para andar encontro
Tal difficuldade, que ando
Dando com hum pé no outro.
Mas para recopilar-me,
Tomado aſſim neſte todo,
Naõ fallando no cambayo,
Naõ tenho mais que ſer torto.
Sobre tudo iſto, inda tenho
Huma prendinha; que, como
Sou preto, ando recendendo
A algalia de Monicongo.
Tenho huma cruz de cabellos
Sobre os peitos, com que os honro:
Quanto á Cruz, ſó huma tenho,
Mas os calvarios ſem conto.
Vamos agora ás virtudes:
Que em ſujeitos deſte bordo

Saõ no bizarro penachos,
Saó no avultado zimborios.
Primeiramente ſou muito
Deſconfiado, e teimoſo;
Miſeravel, como hum rico,
E deſcortez, como hum tolo.
Ao dar tenho antipathia;
Verbo de facinoroſos,
Ninguem dirá que lhe dey,
Que ſempre fuy muy medroſo.
Capella, rua de ourives,
Rua nova nem por ſonhos;
Que cuido que ando vendido
Tanto que a comprar me ponho.
No que toca a péça de annos
Iſſo ſim, ninguem mais prompto:
Nem iſſo me cuſta nada
Porque a faço, e naõ a compro.
A minha dama Palmito
Nunca dey, que he enfadonho
Andar homem averiguando,
Se he teſtimunho, ou ſe he foro.
Em fim, niſto de diſpendio,
Quando mais tentado adoro
Até humas luvas ſe eſtende,
Porque trago a bolſa em couros.

Em golozinas me fundo,
De hortaliça hum mimo formo;
Que como houve hum Rey Pepino;
O mandá-lo nunca he pouco.
Alcomonia, alfarrobas,
Camarinhas, e madronhos,
Caſtanhas, tramoços; tudo
He hum donaire entre forro.
Inda aſſim me quero muito
Querido, muito mimoſo:
Já que dou o meu dinheiro,
Quero entrar lá como dono.
Mas ſou muy accommodado
Amante; nada zeloſo:
E como outro faça os gaſtos,
Digo que comamos todos.
He verdade que no mais
Sou hum homem do demonio;
E inda que naõ faço boa
Farinha, com tudo môo.

FIM.

DISCURSO
SOBRE AS PALAVRAS
DO
SEROLICO
BEROLICO
QUEM TE DEO TAMANHO bico?

SAõ eſtas palavras muito mais antigas, que a cartilha do Meſtre Ignacio, porque com ellas nos embaláraõ no berço. Saõ palavras myſterioſas, que ſe dizem doutiva, que val o meſmo, que ſem deſcubrir, ou eſcarafunchar o conceito, o ſentido, e o miolo; que ou ſe occulta na avelaã da Grammatica, ou chocalha no caſcavel da Rudimenta. E que ſerá Serolico Berolico? Oh occultos ſegredos da calça imperial, do bigode ao ferro, da volta enroſcada, e da manga perdida, que tantos aviſos com caſca, ou tantos documentos de ſerapilheira, deixaſte ao vindouro ſeculo, que ainda duraõ meyos comidos do caruncho!

Em

Em fim, ſabeis o que he Serolico? Naõ he lugar do Mappa, Congregaçaõ da broa, Patria da parrilha, Emporio da çapata, ou hum aggregado de caſas cahidas, e paredes ferrugentas, como arrabaldes do monturo, forca, e pelourinho, como lugar antigo do Reyno; que eſſe ſerá o Serolico de vulto, mas naõ he o Berolico do documento. Sabeis o que he Serolico? He todo o genero humano; he todo o individuo do tempo, e com elle augmentado, a quem pergunta a curioſidade, ou o aſſombro: Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, hé o Bandarreta, atégora com a ſua cazaquinha velha, ſobre curta; ſua peruca de bolſa já poſta no engaço do cabello; do joelho para baixo poſto no calçado velho; agora já todo peruca ingleza; todo luva branca; todo galaõ de prata; boneco de Cupido; titere de Venus; Capitaõ das manas; Alferes das bizarrias; Ajudante das faceiras; tal vez atraz com ſeu penitente de eſpadas, a quem ás vezes no deſcalço ſe dobraõ as penitencias. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle colerico profeſſor de Marte, atégora ſoldado por quebras de dinheiro; já poſto de cavallo, em que monta outro tanto

to: atégora infante no pequeno; e agora já no valor todo cabo: atégora centurio da guarda, forcado da ronda, mordomo da tarima, confrade do calabouço, licenciado da golilha, forquilha do mosquete, e estafermo da fome; agora já horror da milicia, estrondo das ruas, motim das praças, chairel dos eres, ayraõ dos guapos, perna á ingleza, chapeo á malbruca, cravata á corsaria, rayo da guerra, trovaõ da paz, corisco do esforço, ameaço do mundo, com seu contrapezo a cavallo, Sancho Pança á garupa, e rabo leva á cavalheira. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle Galeno embriaõ, Hypocrates empellicado, e Averroes em fermento; ha taõ pouco no berço da Aula, nos cueiros da da postilla, na cartilha da pratica, no B. A. Bá da receita, orfaõ de mula, despojado de gualdrapa, e escassamente cumprimentado de luva; que este de hum dia para o outro appareça na praça Doctor de mula ruça, com dedo Pontificio, graduado de verdugo, ameaçando enfermos, amolando boticarios, arrotando visitas, empéstando receitas, recommendando mortalhas, e a palavrando tumbas; e sobre tudo, que se chame hoje Doctor, o que hontem naõ sabia ser Bacharel!

Sero-

Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle zote tonſurado, *ciſne de profundis*, corvo da ſepultura, mocho da enfermaria, pay dos gigantes da tumba, arrieiro da parca, e corretor da outra vida: atégora com a ſotana, antes porca, que loba, jogando á choca com a capa, ſobrepelliz á deſtra, eſpreitando as Santas Unçoẽs da Freguezia, milhafre da véla, e cegonha da Miſſa; dentro em dous dias já feito Naire de huma mula elefante, arraſtrando gualdrapas, e arrotando Abbadias; diante o barrete no vazio da bolſa, para onde veyo do da cabeça; Doctor de borla, e Letrado de burla, moſtrando-ſe por eſſas ruas ao povo, engolindo pacifico as barretadas do doctoramento, ſem perceber a pirula de teſtimunho. Serolico, quem te deo tamanho bico!

Serolico, he aquelle Futre da marca, bautizado na pia da cerveja, matriculado no romelares, da congregaçaõ do cachimbo, o cû breado, pelas ruas alcovitando meyas, vendendo a unçaõ das perucas, Parocho das ingrezias, jubaõ de petrina, e chapéo de agulha: eylo de improviſo para a ſua quinta na bolêa, no eſcaler para o ſeu navio, na ſege para o ſeu negocio, creſcendo, e engordando ſanguixuga do Reyno, mordomo

domo da boa meſa, fricaſſé inſufo, lardeado quotidiano, ſua cara feita ao torno. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle ratinho obſervante, minhoto deſcalço, para o terreiro correndo com o ſacco, para o açougue com a gamella, para o chafariz com a quarta, de encamizada em Janeiro, de temporas todo o anno, vazando a barriga na bolſa, pagando o eſtomago de vazio, mialheiro humano, e dizimeiro de ſi meſmo: eylo já racional gafanhoto, eylo ſalta a caixeiro, eylo pula a negocio, eylo trépa a contrato, eylo ſe pranta de cabedal na praça, de cabedella na meſa, de galla na rua, e de regálo na ſua quinta. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle official eſpurio enxertado em cavalheiro: ainda hontem aprendiz fazendo tornos na loja, levando o filhinho á ſenhora meſtra, indo buſcar os adubos á tenda, ao chafariz a quarta de agoa; já official de capote, e adereço, ao Domingo á tarde ou no machinho o arrepia, ou na horta a bóla: eiſque vos ſahe de peruca apolvilhada, irmaõ dos Paſſos, e da Miſericordia, já mettido no Senado com ſeu retalho de governança, eylo á cortezaã do lemiſte para o crepe, luva branca, volta de canudos,

machia de polvilhos, e na meſma loja com barrete de mouriſca. Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle Filoſofo de milagre, ſabio de repente, que nem tudo o que tem compoſto o livra de ſimples, para quem o Latim foy Grego, a arte lagar de azeite, os authores hereges, as livrarias coutadas, o eſtudo perſpectivas: e que eſte ſaya á praça do mundo, podendo ficar na da palha! Occupado em obras mortas, como carpinteiro da ribeira das Náos, esfalfando revedores, desflorando imprenſas, beleguim dos Mecenas, e pedinte dos pios leitores! Serolico, quem te deo tamanho bico?

Serolico, he aquelle Poeta de farta velhacos, mochîla de Apollo, maroto do Parnazo, créca do Pindo, que naõ tem em que atar dez reis de cominhos de conceito: atégora lavando o pé deſcalço nos charcos de Aganipe, em que eſcaſſamente o tira do lodo, por ficar ſempre atolado: Narcizo de cryſtaes d'alma, arrieyro de triſtes, algibebe de conſoantes, remendaõ de conceitos, e plumaceiro de equivocos; vê-lo já juiz do officio, ou com taboleta de ſoneteiro, mijando-ſe com Romances no ourinol dos ouvintes, chamando a Sá de Miranda ſaloyo, a Camoẽs

moẽs groſſeiro, a Bernardes inſulſo, a Montemayor fraquinho, a Rodrigues Lobo raſteiro, e a Paulo de Andrade charro; e ſobre tudo, podendo aproveitar os papeis em adubos, querer levá-los ao cadafallo dos tablados! Serolico, quem te deo tamanho bico?

E porque nos naõ cancemos, todo eſte mundo he hum theatro de Serolicos. Serolico tolo, como o que ſe quer metter a diſcreto, como ſe eſtivera na ſua vontade o ſeu entendimento. Serolico bizarro, como o que, com fucinho de corvo, ſe mette a ciſne pelo apolvilhado, como ſe a farinha naõ fizeſſe antes atafoneiros, do que arminhos. Serolico gentil-homem, como o que com careta de arveloa, ſe colêa com preſumpçoẽs de arara, como ſe o lindo foſſe macha-femea entre as palatinas, e as cravatas. Serolico de ſege, como o que hontem em huma canaſtra, hoje em huma tribuna com dourados, molduras, e cortina. Serolico de nobreza, como o que hontem centurio da ſála, hoje já Capitaõ da mouriſca; hontem rabiando á liteira, hoje já com chambre, e barrete na janella.

A todos eſtes, e aos mais Serolicos da moda, que pela praça deſte mundo ſe vaõ Serolicando cada hum em ſeu eſtado, póde dizer o re-

paro contemplativo: Serolicos quem vos deo tamanhos bicos? Reſponderâõ huns que a fortuna: Outros que a diligencia: outros que a aſtucia: eſtes que a velhacaria; aquelles que a aſneira. Mas entre todos reſpondem melhor eſtes ultimos, por que quanto mais tolo, mais Serolico.

Mas ainda que na Proſodia, e no Calepino nos naõ enſinaõ que Serolico he do genero neutro, eu tenho alcançado que tambem he do femenino: pelo que, venhaõ tambem as Serolicas, e façamos hermofrodita o adagio.

Serolica, he toda a femea empolada, que no alguidar deſte mundo creſce como maſſa com fremento. Que cuidais vós, que he a panella; que poſta ao lume levanta fervura? Ainda agora a panella ſó meya de agoa, e já lançando por fóra! Oh grande Serolico a panella!

Serolica, he aquella donzella nominativa, atégora com a ſua ſaînha de eſtamenha, pardal da modeſtia, ſeu mantinho de ſarja, viuva de Lamego, eſpuria de palatina, eſcaſſamente em ropilha de droga; de adorno nada, o pé em couro, a maõ em pelle, o roſto em carne: eyla que apparece hum dia com ſaya de alfacinha creſpa, movendo-ſe em ſom de campainha, o pé de perdiz no vermelho, de chamariz no reclamo, a maõ

toma-

tomada de luva, na cabeça levantando a grimpa; assim tudo em feitio de boneca. Serolica, quem te deo tamanha bica?

Serolica, he aquella Venus hypocrita, sezuda de engonços, modesta de estudo, e arisca de momo; hontem com a sua saya esguia, seu manto sem lustro, seu leque sem rabo, sua cara sem sello, seu cabello escovado: eyla já com saya de bambolins, e donaire, nelle com roda para correr, nelles com colchoẽs para se deitar. Tonel da bizarria, cuba do enfeite, mais para talha, toda inteira campanario humano: fino na saya, relogio na algibeira, mostrador no manto, grimpa no cabello, horas na formosura, mas sem pezos na madureza; e finalmente os repiques ao fogo da vista, e os sinaes á flor da cara. O leque, ou barboleta dos enfeites, ou favonio dos melindres; a luva antes estojo do nevado, que escudo do frio; o çapato todo veludo, ainda que nada razo: e sobre tudo, ao mover charóla, e ao parar estatua. Serolica quem te deo tamanha bica?

Serolica, he aquella rôla humana, coruja com saya, viuva cartucha; atégora no canto da sua casa desconsolada vassoura, no canto do seu estrado solicita rendeira, capotilho tingido, len-

ço

ço ſoqueixado, ſaya redonda, manto de velha, Miſſa de cozinheira, e recato de homiziada; no mais a janella interdicta, a porta entaipada, a rua ſem ſahida; eiſque huma vez ſe põem na rua: Cara de gloria, e atavios de pena; eça humana cuberta de baeta, ſobre que a toalha he a tira branca. No capello ayroſo Serolico, com tamanho bico; tafetá grande, em feiçaõ de charpa ao peſcoço, como molhelha de ſeda para levar a carga da viuvarîa. Saya de raſtos, em ſuffragio dos defuntos de rabo; hortelôã do ſentimento, em que ſe ajuntaõ na lama o ſiqueiro, na baeta o rabo, luva de rede com que a maõ peſca; leque de garça com que a bizarria voa: e finalmente, movendo-ſe como o guiaõ das anguſtias, mas com franjas de alelluya, e borlas de galantaria; mas neſta he macha-femea a pergunta. Serolica quem te deo tamanho bico?

Serolica, he aquella regateirinha nova; ſeu renguinho eſpurio, ſua mantilha encourada, ainda eſguia de ſaya, pouco ajuſtada de cintura; ſimplota de adagios, medroſa de Ajudantes, ſurda a pecuinhas, e ſacudida a bandarras: eiſque apparece na praça, tranſparente de toalha, pendente na orelha, cadeya ao peſcoço, coraes no pulſo, cachucho no dedo, que he o peixe que tem

tem pilhado; abotoadura de prata, como caſcaveis de coleira; cinturinha juſta, ſaya peccadora, capotilho pardo, çapatinho preto, alpercate branco; e ſobre tudo, mais enſayada que comedia nova, mais redonda que a meſma eſparteira, e mais rebolada que hum oitavado de chula. Serolica, quem te deo tamanha bica?

Tambem ha Serolicas de contrapezo, que ſaõ as que vaõ ſahindo pouco a pouco. Serolica de manto, he a que paſſa da ſarja ao lamego. Serolica de ſaya, he a que paſſa ao crepe da eſtamenha. Serolica de toucados he a que paſſa dos naſtros aos cornichos. Serolica de orelha, he a que paſſa do azeviche á cabaça. Serolica de çapato, he a que paſſa do cordovaõ veterano ao marroquim garrido. Serolica de palmo, he a que paſſa na luva de pelle ao couro. Serolica por dentro, he a que paſſa do collete á roupinha, do lenço ao capotilho. Serolica de pompa, he a que continûa o ſolo de ſi meſma com o acompanhamento da criada. Serolica precioſa, he a que com o broche reſgatou a teſta da humilde priſaõ da fita. Finalmente, Serolicas de deſpropoſito ſaõ as que ſem guardar regras de compromiſſo ſahiraõ de freſco com hum pentem empinado na ilharga da cabeça, como penacho de tal tartaruga.

ga. A iſto chamaõ eres do cabello, e ares do caſco. Saõ eſtas Serolicas de alto bordo, que fazem feſta ao toucado, e ſobre o pentem do arreborrinho lhe levantaõ outro de maſtro. A eſtas, como apoſtatas do uſo, naõ lhes he permittido o formulario do adagio, e aſſim naõ ſe lhes pergunta: Quem vos deo tamanho bico? Mas: Que faz aquelle alli poſto?

Mas porque nos naõ cancemos, as Serolicas naõ ſe reduzem a numero, porque coſtumaõ augmentar-ſe com qualquer trapinho. Porèm a todos, e a todas, aſſim paſſados, como ainda freſcos; aſſim preſentes, como vindouros, pergunta adrede o meſmo Serolico, e o meſmo adagio: Serolico quem te deo tamanho bico? Reſponde o Serolico, mas, conforme os antigos, muito tolo: porèm hoje ficará emendado, e reſponderá mais humano por eſte eſtylo.

Serolico, quem te deo tamanho bico? Reſponde: Quem mo deo? Deo-mo o Anti-Chriſto. Sim. O Anti-Chriſto he o que com o ſeu paſto engorda os Serolicos do mundo. Elle he o alfayate, que corta a galla; elle o bofarinheiro, que vende a colonia; elle o Inglez, que alcovita a peruca; elle o maroto, que vende os polvilhos, e elle o algibebe dos corpos humanos: elle com

tudo

tudo augmenta, e com qualquer couſa engana, que para tudo, como Anti-Chriſto, he a pelle de ſi meſmo, e manda bugiar ao diabo.

Eis-aqui os Serolicos do mundo, eis-aqui como lhes creſce o bico; e os que nelle levaõ agoa, he que tem mais que lavar com ella.

Naõ fallemos nos Serolicos ſavandijas, que ao calor da Corte, e da immundicia della, ſaõ moſquitos no pequeno, formigas no goloſo, moſcas no importuno, ſapos no feyo, eſcaravelhos no çujo, perſovejos no nojento, piolhos no entremettido, e pulgas no immenſo.

Todos eſtes por eſſas ruas, e por eſſas praças engordaõ, e inchaõ, mas ſaõ Serolicos de má morte, de que ſe naõ faz caſo que creſçaõ. Aſſim o maroto com os çapatos, o mochîla com os polvilhos, o grumete com capote de barregana, o preto deſcalço com cravata, o lacayo com luvas, o mariola com meyas, e o pagem com os ſobejos do amo.

O' Serolico Berolico, que agora no Mayo de voſſa ventura, ou da voſſa in advertencia, eſpigais entre as folhas da voſſa bizarria, lá virá o Agoſto do deſengano, que vos troque o grêlo em raſtolho; e, ou ſereis lixo na pá do deſprezo, ou ſereis carqueja no forno do caſtigo.

Alerta pois, meus deſcuidados, e meus ſurdos Serolicos, naõ deixeis eſtirar o voſſo bico, bem como o perú eſtira o ſeu pinguélo, antes encolhidas as azas de preſumidos, começay já a tratar-vos como perús velhos; porque, e reparay niſto, em riſcos augmentados, mais val ſer trombeta dos reparos, que Furriel dos riſcos.

FIM.

DESCULPA
PARA SAHIR Aᶜ LUZ
HUM
ROMANCE,
Que ſe gerou ás eſcuras.

SEnhora, iſto naõ tem remedio; já que aſſim o quiz Franciſco Rodrigues Lobo no ſeu Lareno, e Lope da Vega na ſua Arcadia, onde aquelles bons paſtores, tanto que ſe namoravaõ daquellas Armindas, e aquelloutras Lizardas, (que veſtidas de eterno arminho, trocadas em cothurnos as çapatas, eraõ vivos diabretes daquellas ſelvas) logo lançavaõ hum Romance em ſinal do ſeu cuidado, como endemonhinados de Cupido: pois minha ſenhora Romance, e que vos preſte. Aqui me dizem eſtes amigos que eu vos quero muito; e quem vós ſabeis he o primeiro: ſupponho que naõ me enganaõ por taõ pouco; e viſto eu eſtar já namorado, vay o Romance, e tenho feito.

ROMANCE.

MInha Fulana de tal,
A quem hontem estive vendo,
E amando-vos muito á vista,
Por livrar o amor de cego.
He verdade, quiz-vos logo;
Porque cahio, quando menos,
O lume dos vossos olhos
No tojo dos meus dezejos.
Agora ouvi meu Romance
Já que o demo fez os versos,
O A. B. C. dos namorados
Tal vez o B. A. Bá dos nescios.
Que naõ se ache em prosa huma alma
Namorada nestes tempos!
Que haja de ser de Cupido
Sempre Apollo alcoviteiro!
Entaõ (o chasco das plumas)
Andar pedindo primeiro,
Para namorar huns olhos,
Empreſtados os requebros.
Ora já que a Poezia
He da fineza fermento,

Em

Em hum Romance amaſſados
Empolaõ os rendimentos.
Eu, e a minha Muſa eſtamos
Aqui para obedecer-vos,
Eu trasladando-lhe os partos,
Ella parindo os conceitos.
Porèm vamos logo áquelle,
De me ver por vós morrendo;
Eis-aqui: Sois minha morte,
E eu minha vida chamey-vos!
Naõ ſey que fineza he eſta,
De andar a gente morrendo:
Viver por vós era o ponto,
Que morrer cá o faremos.
Ella foy bõa, que logo
Vos quizeſſe ſó dever-vos!
E que mais fizera eu,
Se vós me deſſeis dinheiro!
De hum olhar logo ferido!
De huma viſta logo enfermo!
Vaõ bugiar os baſiliſcos,
Se vós olhay com tal geito.
Foy elle o amor do ſuſto
Alli de repente feito:
Que Cupido, como he momo,
Lá tem couſas de momento.

Eſte Cupido das gentes
He hum amor eſcoteiro,
Sem ſege, nem cabelleira,
Naſce alli ſem mais arreyos.
Lá os Cupidos da moda
Nunca naſcem taõ ligeiros,
Porque em torcer a cravata
Se lhes vay hum dia inteiro.
Hum Adonis de refugo
Dos tentados de Eſtrangeiros,
Que andaõ como papagayos,
E ſaõ bugios de cheiro.
Hum deſtes pois em hum anno
Naõ vos ſahirá com hum requebro;
Que, antes que ſaya, tem lá
Muito que fazer co eſpelho.
Poeta ſim mais Poeta,
Que ainda que broche naõ demos,
Somos homens esbrugados,
Que naõ ſomos cá bonécos.
Eu tambem tenho caprichos,
Porque em vós adoecendo,
Sou capaz (ſó por mandar-vos)
De ir vindimar hum poleiro.
Inda aſſim, ſede ſádia,
Que eu para tantos diſpendios,

De-

Depois que comvoſco corro,
Muy alcançado me vejo.
O que poderey mandar-vos
Saõ huns çapatos bem feitos;
Se os quereis de cordovaõ,
Naõ me haveis fazer bezerro.
Nos mais adubos naõ fallo,
Que neſte amor, que vos tenho,
Trocada a aljava em caixinha,
Tendes bom bofarinheiro.
He verdade que de preſſa
Me auzentey, que amor traveſſo,
Como he criança, naõ ſabe
Nunca eſtar num lugar quedo.
Vede vós o que faria
Hum amorſinho em coeiros,
Co quebranto do retiro,
E co a bruxa do tormento.
Fez bico, tomou o choro,
E eu, para metter-lhe medo,
Diſſe-lhe: Ay, que vem o côco!
Que vem, Luiza, calemos.
Leve o diabo as auſencias,
Que ſe ellas nunca naſceraõ,
Nunca foraõ ós meus olhos
Os voſſos longes argueiros.

Eu naõ ſey para que a gente
Quer eſtes apartamentos,
E as malas catas da auſencia,
Sempre na eſtrada arrieyros.
Se os foy namorar Cupido,
Quem aparta eſtes dezejos?
Divididos, e forçados?
Nem nos da galé tal vemos.
Sabeis vós o que he a auzencia?
He hum villaõ quadrilheiro,
Que na bulha dos carrinhos
Sahe a ápartar o ſujeito.
Quereis ſaber mais o que he?
He a palheta no meyo,
Quando entre as bólas dos olhos
Quer dar o cabe aos affectos.
Em fim, quer Deos que de preſſa
Me verey poſto em ſocego;
Que eſte amor, que tenho, he voſſo,
Tomay-o lá, day-lhe o peito.
Eu ſempre quiz de empreitada,
Que, em querendo muito tempo,
Apodrece-me o carinho,
Trago o goſto bolorento.
Já naõ hey de tardar muito,
Minha vida, em eſqueçer-vos;

Por-

Porque eu, onde eſtou com goſto
Alli zombo, alli me eſqueço.
Porèm ſe a memoria ateima
Em me querer dar tal perro,
Vou eu logo, allugo hum burro,
E vou direitinho a ver-vos.

FIM.

DEFINIÇAÕ
DA
SAUDADE,

Que, para tirar aos Amantes o faſtio, eſcreveo ſeu Author em eſtylo jocoſo.

IDolos de eſtamenhas, milagres obſervantes, Ceos pardos, e nublados Firmamentos da tempeſtade da ſetta, e do trovaõ da chamma. Perguntaõ voſſas Divindades que couſa ſeja iſto, a que chamaõ Saudades no Babel dos amantes? Erraſteis o Oraculo; porque eu mais depreſſa vos direy que couſas ſejaõ dores de eſtomago, que o que ſaõ penas do peito. Saudades, lá ſaberá bem dellas quem por ahi ſe anda fartando de auſente, e naõ quem cá anda tratando da ſua ſaude. Eu por ventura ſou Rabì das finezas, que val o meſmo que Meſtre das loucuras? Sou Parocho dos auſentes, que bautize Saudades? Sou Anatomiſta dos ſolitarios, que anda eſcarafunchando triſtezas, e esfollando melancolias?

Ora viſto ſuppôres que tenho em meu poder

der o Calepino dos auſentes, a Proſodia dos triſtes, e o Vocabulario dos pezares, que val o meſmo que a carta dos nomes de toda a couſa humana, bem, e verdadeiramente, como lhos puzeraõ na pia; direy na materia das Saudades o que ſinto, e o que ſentî, quando andava por eſſe mundo vadio do ſentimento. Permitta Cupido que aſſim percebais ſeus nomes, que vos ſirva para aproveitamento de voſſas ocioſidades, e ſeja para mayor honra, e gloria de ſuas louquices.

Que couſas ſaõ Saudades? Materia he eſta eſcabroſa, e emmaranhada em taõ altiſſimos ſegredos, que faria ſuar o topéte ao meſmo inventor dos nominativos. E finalmente, em Caſtella naõ ha Saudades, e ſe remedeaõ com aquella palavra dezejos, que he o meſmo que fazer das tripas coraçaõ; porque o dezejo tambem he dôr de barriga, e Saudades hum ſentimento d'alma.

Saudades he o caõ ruivo do ſentimento, porque naõ ha algum mais conhecido. O nome he mais velho que a Serpe; e a Serpe muito mais branda que o nome: mas que importa que lhe ſaibaõ o nome, ſe lhe deſconhecem o achaque! Saudade he hum Feniz das penas; o Fe-

niz todos ſabem como ſe chama , e eu naõ ſey quem lho diſſe ainda.

Ponhamos iſto á vióla. A Saudade he vióla de cinco; ou porque nas cordas do coraçaõ ſoaõ os zunidos da Saudade,ou porque nos cinco ſentidos ſe percebe o ſeu toque : a vióla de cinco naõ ha quem a naõ toque , e he raro o que a ſabe. Toca a vióla o barbeiro na tenda , o official na loja, o lacayo na eſtrevaria , o mochila na rua , o pagem na ſála , o faceira na janella , o negro na dança , o agoadeiro na taberna , o pajóla na romaria ; e finalmente , no ſeraõ a dama, no eſtrado a donzella , na grade a Freira , na galhofa a beata , o eſtudante no preſepio , e o marióla diante do pallio. E pergunto eu : ſaberâ algum deſtes bem , e verdadeiramente , que couſa he vióla ? Lá ſerá para algum abelha meſtra como ſegredo da harmonia : embrechemos o exemplo nas Saudades ; ahi as achareis tantas como praga , mas iſſo ſaõ Saudades de duzias , e ſentimentos de farta velhacos. O chaſquinho de peruca , digo o Narcizo á Franceza , com lançol por cravata , duas botas viradas por mangas, por pernas duas linhas , por cotó huma agulha, hum chapéo amaſſado , a cabeça peneirada ; aſſim bonéco de Cupido , com ſeus dous retalhos

de

de namorado, deo em ter Freyra por vicio, eſtafermo do pateo, centurio do Templo, eſcarrando-ſe ao vulgo por cavalheiro de bom goſto: eſte eſcreve á ſua Freyra que tem Saudades; em eſte ſaõ as Saudades bexigas doudas, que, ſem frio, nem febre, lhe ſahem alli de repente.

A Freyrinha criança, que já ſe ſolta nas cartas, mas ainda engatinha nas finezas; que ainda lhe naõ naſceo o dente do ſizo, e ainda a naõ criſmou o deſengano; tambem eſcreve que tem Saudades ao ſeu Francez de refugo.

A donzella fiambre tambem eſcreve que tem Saudades ao ſeu titere; finalmente o micho á raſcôa, o lacayo á chula, o pajóla á regateira, o maroto á mulata, o ratinho á ſaloya: ora tomay-vos lá com eſtas Saudades de algibebes, que eſtaõ alli feitas, e naõ ha mais que comprá-las, e vem a todos como naſcidas; como ſe fora a Saudade momo para a dama, paſtilha para a Freyra, moda para o bandarra, cachimbo para o pajóla, ſarna para o micho, eſterco para o lacayo, burra para a ſaloya, e rapozinho para a mulata.

As Saudades, minhas ſenhoras, he a quinta eſſencia das ancias, a pomada das penas, a caſſoula das magoas, e huma alma racional amaſſada

da em paſtilhas, derretida nas brazas do dezejo, e exaltada nos fumos dos ſuſpiros, pois acha-ſe ahi a cada canto?

Tem a Saudade por coraçaõ o ſuſpiro, porque o ſuſpiro he todo o alento da Saudade; por olhos os penſamentos, por boca a queixa, por alma a ancia, e por vida a memoria: He o ſuſpiro a reſpiraçaõ da Saudade; e quem ſabe dar hoje hum ſuſpiro? O ſuſpiro hoje nas Freyras he momo, nas damas mimo, nos toleiroẽs remedio, nos ſimples ſoluço, nos patifes roncos, nos ſalvagens bocejo, nos villoẽs arroto.

O ſuſpiro foy para gente de entendimento, e propoſito: o ſuſpiro, para ſer legitimo, ha de concebê-lo o penſamento, e animá-lo o cuidado; creſcê-lo o deſaſocego, deſpedî-lo a alma, e proferî-lo a ancia: o ſuſpiro ha de dar-ſe com quem ſe deſaffoga, e ha de acabar-ſe de dar com quem ſe deſmaya: ha de chegar humedecendo os olhos, e ha de ſahir abrazando os beiços.

O ſuſpiro he o pulſo da Saudade, a ſangria do coraçaõ, a lingua da alma, e a voz da ancia: he o ſuſpiro huma faiſca deſatada da leva reda do dezejo; hum eſpirro ſolto de abrazados cuidados; hum relampago, que rompe a nu

vem

vem da triſteza; huma conſolaçaõ, que corre na noite da eſperança; e pergunto eu: Saberá coalhar hum ſuſpiro, com todos eſtes ingredientes, a Freyra, que anda eſtudando donaires; a dama que anda com a tarefa da ſua caſa, o adonis, que anda com o trabalho da ſua cabelleira, e o ſalvagem com o deſvélo da ſua pança? Naõ póde ſer.

Pois, como haõ de entender das Saudades os idiotas dos ſuſpiros, zotes do ſentimento, que, irregulares dos deſaſocegos, ſaõ excommungados de Cupido? A Saudade he o golfinho das ancias, que bulha na tempeſtade das lagrimas; he o morcego da viſta, que vôa na noite da auſencia; he a maripoſa dos dezejos, que vôa a morrer no lume dos olhos; he o carrapato da triſteza, que morre tal vez na laã da eſperança: he finalmente coruja da memoria, e he gralha da alma. Eis-aqui o que ſaõ Saudades.

Gera-ſe, e naſce por varios caminhos a Saudade: da viſta naſce a fineza, da fineza a deſgraça, da deſgraça a diſtancia, e da diſtancia a Saudade. Saõ logo as Saudades filhas da diſtancia, netas da deſgraça, biſnetas da fineza, e tataranetas das viſtas. Eis-aqui como a viſta as reconhece parentas, mas muy affaſtadas; por iſſo ellas

por

por ella ſuſpiraõ, por que lhes ficaõ muito a perder de viſta. Eis-aqui o que ſaõ Saudades.

As Saudades ſaõ a tormenta do coraçaõ: nos olhos, agoa; no peito, fogo; na boca, vento: o primeiro he pranto, o ſegundo dezejo, e o terceiro ſuſpiro. Saõ as Saudades milhares de couſas, que eſtaõ eſpalhadas por eſſe mundo; ſaõ a enxovia do goſto, o cemiterio do allivio, a furna da alegria, o cadoz da lembrança, o viveiro das ancias, o charco das lagrimas, o vicio das penas, o eſcabeche das deſgraças, e a ſalmoura das queixas. Eis-aqui o que ſaõ Saudades.

Pois ſerá couſa facil engendrar-ſe no coraçaõ de huma peſſoa huma Saudade com toda eſta barafunda? E que pouco que ſabem eſtes anneis de agoa doce o quanto cuſta navegar lá no mar largo das Saudades! O ſaber ſer ſaudoſo, dá-o Cupido a quem he ſervido. O legitimo, e verdadeiro ſaudoſo ha de ter as tres potencias da alma lá com outro modo de vida; ha de ter o entendimento alquimiſta, que de tudo faça memoria; huma memoria vidraceira fazendo oculos de ver ao longe, e huma vontade de algibebe, enganando lutos, para fazer galla de triſte. Ha de ter huma imaginaçaõ continua, aonde naõ chegue allivio, nem por imaginaçaõ;

çaõ; tolhida para os paſſos, azáda para os voos: porque aquelles nunca cheguem ás viſtas, e eſtes nunca paſſem das penas. Ha de ter mais o verdadeiro ſaudozo olhos para as lágrimas, e naõ para as viſtas; boca para as queixas, e naõ para as doçuras; vós para os ſuſpiros, e naõ para os deſaffogos; coraçaõ para os martyrios, e naõ para os alentos; e finalmente, huma vida eſtafermo de dores, e a pé quedo ſoffrendo pezares: quem lhe naõ parecer bem iſto, naõ tem que vir cá metter-me a ſaudozo.

Viraõ v. m. o que ſaõ Saudades? Eſcutem agora a ſua vivenda: hum boſque ſolitario, hum arvoredo ſombrio, hum cypreſte que creſce, hum alamo que bole, huma fonte que chora, hum arroyo que ſe queixa, hum ſilencio que paſma, hum rochedo que eſcuta, hum zefiro que corre, hum mocho que geme, hum écco que reſponde, huma madrugada quieta, e huma tarde trombuda; e no meyo de tudo iſto hum coraçaõ eſquelêto embalſamado de melancolia no ataude da ancia, rodeado de eſperanças vivas, e memorias carpideiras.

Eis-aqui o que ſaõ Saudades: e quem naõ as ſouber fazer, naõ ſe metta em auſentar-ſe; porque andaõ por ahi ſaudoſos, que mereciaõ

açoutados. Mas lá ſe avenha cada hum com o ſeu ſentimento, que eu naõ ſou miſſionario: lá o haja Cupido com o ſeu mundo; e vos dê graça para fazeres muitas Saudades em ſeu ſerviço.

FIM.

RES-

RESPOSTA

A HUMA OBRA DE PORTUGUEZ Grego,

DISCURSO HEBRAICO, e eſtylo Armenio:

E finalmente, com huma noticia mettida na caſa do ſegredo, taõ incapaz de romper-ſe, como digna a carta de raſgar-ſe.

Conſtruiçaõ ás apalpadellas.

VOſſa mercê me mette eſte diſcurſo carpideiro, ou eſte galhudo diſcurſivo, que na tumba do deſtino conduz huns certos cadaveres da belleza aos cemiterios da laſtima. Iſſo cuido que quer dizer o letreiro, que vem no principio, que introduz as carpideiras do Caſtello, e muitas mais, como inculca a largueza daquelle & cætera. Aſſim ſe podia eſcrever no frontiſpicio da Obra, para melhor expreſſaõ das lagrimas, e ſuas donas.

EPITOME DAS CHORAMIGAS.

AGora indo apalpando mais o diſcurſo, encontro grammatico delirio, onde ſe lê que o ſilencio rompeo as clauſulas do ſentimento: Porque para os ſentimentos, e gemidos, o ſilencio naõ rompe; antes rompe ao ſilencio o ſentimento articulado: com que neſta materia o ſilencio he o rompido, e o esfrangalhado; porque o deſatino do ſentimento, arrebatado com as vehemencias do motivo, faz do ſilencio hum eſtropalho, e quando o ſilencio ſe vê inveſtido, ou atracado de hum impaciente gemido, lá poderá dizer de ſi para ſi com huma vóz muda, que ahi achará em qualquer Poezia o que diſſe aquelle diſcreto Poeta, e naõ ha mais dizer: Que eſtou para me romper, em pontos de me raſgar.

O ſilencio, meu ſenhor, he hum bronduzio emmudecido, que naõ diz chus, nem bus. Alli eſtá a pé quedo com a ſua boquinha calada, ſem dizer: Eſta magoa he minha. A lingua ſim; eſſa he a que rompe o ſilencio, como ſe foſſe o ſeu veſtido: eſſa he a que bota de pernas arriba as clauſulas do ſentimento, que ſaõ as diſſimulaçoẽs

laçoẽs da magoa, e os disfarces da tolerancia; e com os desaffogos do grito dá dous trincos á apoſentadoria do ſentimento.

Eis-aqui como ſe rompem as clauſulas do ſentimento: eſtá ſoffrida a conſtancia, começa a apertar os cordeis a pena, deſeſpera a tolerancia, e começa a gritar A' que delRey a queixa. Porque aquillo de abrir porta franca ao diſcurſo para lamentar, naõ ſey como poſſa ſer: porque he ſuppôr o diſcurſo fechado em huma caſa; o diſcurſo fahindo por huma porta, e o diſcurſo fóra de caſa: coitada da caſa ſem elle! O diſcurſo andando por portas! Que fará hum diſcurſo pobre? Naõ he neceſſaria toda eſta bulha, para lamentar. Quem tem motivo, alli póde chorar logo: porque ſe para hum ſentimento foſſe preciſo hum diſcurſo; que ditoſos ſeriaõ rapazes, e mulheres, ignorantes, e ſalvagens! E de que naſce iſto? De que o racional he muy diſtincto do ſenſivel: e póde hum homem ſer hum Cicero, ſem lhe doer hum dedo; e ſer hum baſbaque, e viver como hum Lazaro.

Finalmente, eſte ſeu ſentimento diſcurſado naõ ſey como ſeja diſcreto; porque elle naõ ſe entende bem. Vamos á morte, que v. m.

aqui

aqui mette, para eſtragar huma flor. Senhor, flor morta he flor murcha, naõ he flor eſtragada. E ſe v. m. quer (que eu bem lhe addivinho o dezejo) eſcrever empolado, porque naõ introduzio aqui para eſte laſtimoſo floricidio hum eſtio rigoroſo, hum ſol intenſo, e hum vento embravecido? Porque aquelle ſécca, aquelloutro abraza, e eſtoutro desfolha: e eſcuſava v. m. de occupar a morte, que anda lá procurando a tumba, e chamando os gatoſ pingados para povoar os cemiterios; e naõ entrete-la com huma florzinha, mais caduca quanto mais delicada, que, como diz o reſponſo dos Poetas, naſce mimo da aurora, e morre laſtima da tarde; (porque as tardes ſaõ grandes carpideiras das flores) ſem haver febre que a enferme, nem medico que a mate; porque ella morre á ſua cuſta, ſem gaſtarem com ella nem hum ceitil de diligencia: e para que nos naõ cancemos, ſe v. m. para tirar a vida a huma flor faz tanta bulha, e mette tanta força; que deixa para quem matou o lagarto de Penha de França?

Ora dou que eſta ſua morte ſeja erbolaria. Vamos áquelle deſmancho, de naõ fazer diſtinçaõ das Corôas, ás çamarras. E v.m. vio algum dia matar çamarras? Çamarra he hum furtum dos

Ju-

Judeos, que eſtá zombando da morte, porque dura huma eternidade. He hum veſtido, que naõ ſahe ſenaõ em dia do Auto da Fé; e aſſim he taõ duravel, que o naõ excede nem a meſma coura do Alferez de S. Jorge.

Se v. m. queria frazear *de profundis*, e deſcrever a morte, ſem lhe eſcapar iſto, nem aquillo, porque os aquillos, e os iſtos querem dizer tudo; diſſera que a foice da morte aſſim cortava as eſpigas, como as roſas; aſſim os repolhos, como os pepinos; aſſim o morango na quinta, como o nabo na horta: e quando quizeſſe paſſar ao racional indifferente, podia dizer que a morte aſſim ſe atrevia aos coeiros, como aos gabinardos; aquelles que embrulhaõ meninos, eſtoutros que agazalhaõ barbados.

Ora ainda quero que quizeſſe embutir o ſeu equivoco. Tinha mais que dizer: A foice da morte he écco da ſua tranſcendente crueldade, como *verbi gratia*: Chega a foice da morte ao grande, e o grande foi-ſe. Chega a foice da morte ao humilde, e o humilde foi-ſe. E deſta ſorte, foi-ſe tudo o a que chegou a foice; porque quanto a fecundidade da natureza rega, tanto a foice da morte ſega; e vem a ficar cega rega. Eis-aqui como neſte particular da mor-

te

te ſe diſcorre com novidade elegante; porque a morte, ainda que naõ guardou fé a couſa viva, nunca veſtio, nem inveſtio çamarra. De que infiro o pouco conhecimento, que v. m. tem de mortes diſcurſadas, eſpecialmente dizendo eſtas notaveis palavras: Que a ſua juriſdiçaõ he commũa a todos, que val tanto como dizer, que todos podemos matar.

Agora do que v. m. póde eſtar deſvanecido he do creſpo daquella fraze, com que explica o rayo ferindo as arvores mais robuſtas no engroſſado, e no mais obſtentoſo do ſeu elevado. Naõ ha mais dizer de adjectivos: porque o engroſſado eſtá fino, o obſtentoſo ridiculo, e o ſeu elevado aereo. O certo he que v. m. naõ ſe adjectiva bem com ſubſtantivos arboreos.

Porèm naõ poſſo negar o exquiſito daquelle antrifrazi, com que v. m. ſegue, e diſcorre no indifferente golpe da morte, como deſcarregado, (ſaõ palavras ſuas entre outras que deixo) ſem fazer diſtinçaõ do gentil, ou carrancudo; de feno ſecco, ou planta viçoſa; da roſa de Abril, ou dos mentraſtos de Dezembro.

Quando v. m. naõ trouxera mais que eſta diſtribuiçaõ diſcurſiva na ſua carta, ſó por ella era digniſſimo dos piparotes do reparo, dos ſopapos

papos do gracejo, e das pateadas do bom gosto. Porque, com sua licença, aquelle discurso vay por contrarios, e naõ havia de dizer: gentil, ou carrancudo; mas gentil, ou deforme: porque o gentil, quando está enfadado, tambem he carrancudo.

Mas o feno secco, ou planta viçosa, que tem com a morte? V. m. vio já feno morto, ou planta amortalhada? E se os vio, diga-me: onde os enterra? Mette v.m. aqui a rosa de Abril, os mentrastos de Dezembro: e naõ prestava a rosa de Mayo, e ainda a de Fevereiro? Naõ prestavaõ os mentrastos de todo o anno? Porque naõ metteo v. m. alli os cravos de mortos, e entrava a morte com flores de sua repartiçaõ, sem haver jardineiro, que lhe fechasse a porta, que a rosa lá tem seu dominante, que já v. m. ouviria dizer: Rosa-solis?

Os mentrastos pudera v. m. escusar de trazer para exemplos, que harto tem que fazer com os Boticarios: salvo se os quiz sujeitar áquella foice inexoravel, em obsequio das lombrigas; porque, conforme os naturaes, destas saõ matadores aquelles.

Passemos por tudo: mas aquelles retalhos de latim, a que proposito? O sagrado naõ se mi-

miſtura com o profano, veja o que fará com o ridiculo! E iſto para que? Para explicar o poder da morte com muita propriedade, dizendo: Porque naõ ha docel que guarde as altivezes do pó da morte: *Memento homo quia pulvis eſt.* Naõ ha mais expoſiçaõ! Naõ ſe diz mais ao pé da letra! Seguindo-ſe della por boa conſequencia, que o homem feito em pó ſe trepa no docel da altivez. Seguindo-ſe que os doceis ſervem de guarda pós. Seguindo-ſe que a morte, para deſtruir as altivezes, naõ faz mais que dar-lhe cos pós. Seguindo-ſe a pouca cauſa, com que v. m. levanta aqui eſta poeira. Seguindo-ſe a facilidade com que v. m., depois de chamar á morte Rainha, põem ao homem por terra, que iſſo dizem os retalhos, alli juntos, e totalmente diverſos: *Regnavit mors. Memento homo quia pulvis es.* Sendo contra os dictames da folhinha, e da Igreja, ajuntar o dia de finados, e o dia de cinza. Digo que na Torre de Babylonia, naõ houve mais confuſaõ, que neſta notavel carta.

Mas voltemos o roſto a ver o retrato de flores, que ſe encerraõ em huma, e de que a diſcriçaõ de v. m., antes que pintora, foy ramalheteira. Diz v. m. que a morte tirou a vida á

tal

tal fulana, que era huma açucena no puro; hum jaſmim no candido, huma roſa no bello, hum amor perfeito no affecto, e huma angelica no ſuave. Atéqui eſtamos conformes; mas continûa o retrato: e huma bonina no purpureo. O purpureo naõ he predicado das boninas, quero dizer: as boninas naõ ſaõ todas purpureas, ſalvo ſe v. m. quer que todas as boninas ſejaõ papoulas: mas eſte retrato he original de quem quizer; porque bem póde huma moça ſer hum tigre de cara, e ſer pura de conſciencia. Eyla açucena no puro: inda que feya, póde ſer branca, como os negros brancos, que ſaõ enormes. Eyla jaſmim no candido: póde ter máo focinho, e bello natural. Eyla roſa no bello: quanto mais, que a huma cadellinha chamaõ roſa, e he cadellinha. Amor perfeito no affecto, he parvoice; porque o amor perfeito ha de ſer grande, e a flor, que tem eſſe nome, he huma areſta florecente. Com que todas eſtas flores pódem enramar o retrato, e a belleza da moça andar pela rama; porque muitas mais flores compunhaõ o carro dos horteloẽs, e, a pezar do florîdo, naõ ſahia do ruſtico de carro.

Aſſim me parece, que quando v. m. quizer retrato de ſardinheiro, eſtude primeiro por Dioſ-

corides; elle lhe dirá as flores, que saõ pintadas para isso, e naõ pôr a dama em perigo de que as pinturas se lhe troquem em pintas.

Em fim, a este retrato florecente pôs de morte côr a morte; nem do seu pincel se podia esperar mais, que as sombras da pintura, e os longes da vida. E por isso chama v. m. á morte ladra? Que mais differa v. m. fallando com a canicula!

Ladra, he substantivo, que naõ serve para a morte. V. m. mesmo tem dito que a morte he Rainha; que a morte he dominante; que a morte he senhora, que a tudo chega, que tudo abarca, que tudo se lhe tributa. Pois como he ladra! A morte, quando mata, leva, naõ furta; arrecada, naõ arrepanha. Se v. m. me differa, quando mata huma sogra, ahi sim he ladra; porque na sogra leva cousa que naõ acaba: e cousa que naõ acaba naõ he sua. Ora senhor, deixe v. m. viver a morte; deixe-lhe matar que lhe preste, naõ se metta a arrezoar-lhe sobre o seu governo: olhe que ella logo vay ás do cabo.

Agora diga-me v. m.: que quer dizer, que a morte he avara da sua jurisdiçaõ? O avaro da sua jurisdiçaõ, he o que com ninguem a reparte, he o que a ninguem a permitte: e por ventura,

faz.

faz isto a morte? Naõ andaõ ahi os algozes enforcando delinquentes? Naõ andaõ os Medicos matando os enfermos? Os magareſes naõ mataõ as vacas? As gallinheiras naõ mataõ as gallinhas? O donato naõ mata o piolho, que lhe ferrou no cachaço? A regateira naõ mata a pulga, a que andou á caça? E finalmente, até no jogo das cartas a eſpadilha naõ mata o ás de copas? E ſe naõ; porque chamaõ matadores ao baſto, e á eſpadilha? E pergunto: põem-lhe a morte algum embargo? Antes os ajuda ao morticidio.

Pois logo, a que vem aqui a avareza juridica; e com ella entra entra a morte pelo pomar do mundo, e deixa os fructos maduros, e leva os verdes? V. m. naõ devia de ver o cabaz da morte: ella colhe, naõ eſcolhe; antes, ſem differença, vay huma verde em huma madura.

Diz v. m. que leva a morte o fructo ainda prezo na flor. Se v. m. ſe chamára Fructuoſo, tivera mais noticia deſte conceito. Senhor, ſe he fructo, já ahi naõ ha flor; ſe he flor, já ahi naõ ha fructo: o fructo mal ſazonado, iſſo ſim; o fructo ainda prezo na vara, iſſo ſim: mas já fructo, e ainda na flor, iſſo naõ; porque duas fórmas naõ informaõ a meſma materia, como diz huma gente, que v. m. naõ conhece, que ſaõ os

Philo-

Philoſophos. Ora, ſenhor, eu já naõ tenho paciencia leitoral. V. m. cuida que o meſmo he ir eſcrevendo, que ir diſcurſando? Digo-lhe que eſcreve huma matéria, como ſe a eſtivera eſcrevendo na eſcóla: pega no aſſumpto, e antes o deixa abocanhado, que digerido: cuida que continûa, e ou repiza, ou desbarata: as palavras todas em peccado mortal; porque, por mais que vaõ juntas, tem odio humas ás outras: ſó o que ſe lhe póde eſtimar he o ſegredo, porque aqui naõ querem dizer nada. A fraze, bem ſe vê o como he pobre; porque naõ tem nem ſe quer huma propriedade. No diſcurſo, mal póde ſer eſte nome genuino, pelo nada, ou pouco, que ſe lê adiantado.

E com eſtes materiaes ſe reſolveo v. m. â fabrica de huma carta mandadeira, que havia de ſer lida, e examinada por humas gentes, que tem os olhos do diſcurſo abertos, e os da critica aſſanhados? Ora v. m. naõ entendeo o que fazia, no que fez; nem ſabe o que fez, no que diz. E ſe naõ, diga-me v. m.: eſta defunta, de que trata eſta carta, de que naçaõ era? Pelo ſitio, em que falleceo, a ſupponho Portugueza. Pois como diz v. m. que levou a morte nella hum Ruiſeñor na melodia? Quem a fez Rui-ſeñor, que

ſaõ

saõ os Rouxinoes em Castella? Morreo em Portuguez, e vivia em Castelhano? Isto he saber fallar?

Diz v. m. que, depois de morta, estará no Ceo conceituando musicas de angelico cisne o mais candido. Candido, ou he erro da impressaõ, ou do entendimento. Estará conceituando musicas? Quem canta, naõ conceitûa; porque o primeiro he harmonico, o segundo discursivo: este percence á cabeça, aquelle á garganta. Cantar cisne na gloria! O cisne emblema da harmonica suavidade, he quando canta em vesperas da morte. Pois como depois da morte canta suave este cisne? E se for certa a opiniaõ de alguns, que naõ ha taes cisnes, como fica a defunta? O cisne, que está no Ceo, he huma consolaçaõ, que naõ abre boca. Vejaõ que boa musica, com a boca callada! Isto he fallar com propriedade?

Diz v. m. que está obstentando fragrancias de bonina. Pois lá naõ ha fogareiro, para caçoula: as fragrancias, naõ se ostentaõ, só se exhalaõ: a ostentaçaõ he objecto dos olhos; as fragrancias, dos olfatos: salvo se v. m. algum dia cheirou com os olhos. E porque regra diz v. m. obstentar? Aquelle B. que faz alli? Oia mande bugiar o B. Isto he fallar de gente?

Diz

Diz v. m.: Imprimindo-ſe no coraçaõ o caracter de tal perda. Se tem caracter a perda, eſtâ de melhor partido que a primeira tonſura. O caracter he couſa que ſe naõ tira; o ſentimento he couſa que acaba. Bem aviadas eſtavaõ as pobres viuvas, que, paſſando ao goſto do ſegundo matrimonio, naõ ſe poderiaõ ver livres do primeiro ſentimento. Perd a, e caracter naõ ſe ajuntaõ; porque ella diz o que deſappareceo, e elle diz o que alli ficou. Iſto he fallar a propoſito?

Agora quizera ſaber a que veyo aqui a ſepultura de Apis? Quem metteo a v. m. a Mithologico? Diz v. m. que eſtava huma eſtatua do Silencio moſtrando as cinzas; e parece que quer v. m. dizer: que ſe naõ podia fallar naquellas, nem em eſtoutras cinzas. Senhor, o que foy, que he o que v. m. naõ ſabe, he que em hum Templo famoſo de Alexandria, em que eſtava ſepultado Serapis, grande Rey dos Egypcios, havia huma eſtatua do Silencio, com o dedo na boca, como advertindo a todos que naõ diſſeſſem que Serapis fora humano, e aſſim ſe pôs pena de morte a quem o diſſeſſe. Iſto o para que ſe pôs a eſtatua.

Eſte Serapis, para que v. m. ſaiba, era o meſmo

mo Apis, mas quando tinha esse nome, se mostrava em figura de bezerro, que he o que quer dizer na lingua Egypcia. Agora pergunto: E a que proposito veyo aqui este bezerro? Entendo que veyo á funçaõ desta defunta, e como bezerro, que vinha fazer companhia, chora já tambem a morte da bezerra.

Ora depois de todo este gasto do funeral da sua defunta, com que se fez aquella estatua muda, diz v. m. que vay ideando huma, que publique o que neste caso se sente. Pois da estatua muda faz v. m. idéa para huma falladora? As idéas, saiba v. m., já que o naõ sabe, saõ prototypos do que se tira por ellas; *Verbi gratia*: Resolve-se v. m. a idear lá no seu entendimento huma idéa de hum macaco, depois cá fóra forma hum bugio; este bugio, que cá estaõ vendo nossos olhos, he a imagem do macaco, que v. m. tem lá nos seus cascos: e esse tal, que se anticipou no seu casquilho, se chama prototypo do bugio, que *à parte rei* estamos vendo. Logo como póde huma estatua muda ser idéa de huma estatua palradeira? Deforte que o silencio he a idéa, e a imagem naõ tem pevide na lingua? Eis-aqui como o diabo tentou a v. m., para se mostrar noticioso, e veyo a testimunhar-se despropositado.

Agora, em lugar daquella eſtatua, que v. m. mandou fazer para teſtimunha da ſua pena, diz v. m. em hum conceito, que já ſe naõ póde ter com caruncho, que parecerá deſdouro da fineza divulgar a pena, que ſe ſente. Eſſe diſcurſo, alèm de eſtar já cahindo de velho, he muito bom lá para hum delirio namorado; porque, fallando a gente em ſeu perfeito juizo, ſe a pena naõ for publica, quem ha de conhecer a pena? Logo como póde ſer deſdouro, o que he teſtimunho do ſentimento? Mais: Sentimento, com que o coraçaõ ſe calla, naõ he muito grande, pois lá dentro ſe accommoda: quando elle he rijo, quando elle chega ao vivo, logo elle ſahe esfuziando; nem ha cebola, que faça vir a lagrima ao olho, como hum ſentimento, que dá de rijo.

Sabe v. m. como ſe encarece a dor do azorrague, e a pena do açoute? No grito do açoutado; no vergaõ, que ſe lhe vê na nadega; na lagrima, que ſe lhe vê no olho: que iſſo de abafar, ou atabafar, he muito bom para milho de pretos, ou ſopas aboboradas. Quem quizer acreditar a ſua pena, antes a deve levar ao pelourinho, que metê-la na caſa do ſegredo; porque em quanto o coelho eſtá na cova, naõ ſe ſabe ſe he laparo, ſe coelho velho: traga-o o forâõ para fóra,

fóra, logo o caçador eſtimará, ou deſprezará a caça.

Outro conceitozinho, que eu naõ entendo, e o dou por addivinhaõ. Diz elle: Diſſimular o incendio, he ſacrificar alimento á chamma. Sacrificar alimento á chamma! Senhor, diſſimular o incendio, he lançar-lhe hum colchaõ emcima; he metter as brazas debaixo das cinzas: e, fallando como gente, incendio naõ ſe diſſimula, porque, ſe ſe naõ apaga, arde Bayona.

Quererá v. m. dizer, que o fogo dos amantes ſe diſſimula, quando ſe calla. Mas iſſo entaõ naõ vem cá para a defunta; he lá huma filacteria namorada, e ſeja para o que for: ſe v. m. quer dizer, cá muito fóra de propoſito, que o fogo amoroſo creſce diſſimulado, donde vay aqui o ſacrificio? E ſacrificio de alimento! Será bom dizer que he ſacrificio ao forno lançar-lhe lenha dentro? Ora enſinar-lhe-hey como havia de dizer iſto: quem diſſimula a levareda, faz ſacrificio da tolerancia; entaõ com alluzaõ ao ſacrificio, he a paciencia a victima, e a diſſimulaçaõ a que lhe accende mais a fogueira.

Porèm nada diſto vem para eſtas exequias, em que os ſentimentos naõ eſtaõ lá com eſſes trincafios. E como eſtá fino eſte, com que v. m.

fecha a abobada do ſeu diſcurſo! Saõ as profundas palavras : Mas oh que errado vay quem ſe funda nos dictames da razaõ! Parece ignorar as ſemrazoẽs do affecto. Que dizes homem irracional, com codea de humano, e miolo de bruto! Nos dictames da razaõ póde haver erro? Elles naõ ſaõ dictames da razaõ; porque implica erroneo, e arrezoado. E naõ ha hum diabrete traveſſo, e de bom goſto, que venha pôr huma mordaça em huma penna blasfema, e dar de caminho hum ſupapo em hum eſcrivaõ heretico! O que v. m. queria dizer, mas naõ ſoube, he que as ſemrazoẽs do affecto naõ ſe regulaõ pelos dictames da razaõ; porque eſtes ſaõ acertos, e aquelles deſatinos. Mas errar quem ſe funda nos dictames da razaõ, he temeridade no uſo racional. Agora cerro o meu diſcurſo. Quem eſcreve iſto, ſabe o que faz Quem affirma iſto, ſabe o que diz?

Mas o peyor he que cuida v. m. que tem eſcrito hum papel, que o póde fazer no tablado da rhetorica, e naõ faltará quem o mande recolher ao veſtuario da eſtulticia; porque, cuidando que lança a relaçaõ do ſucceſſo, ſó expõem o entremez para o rizo. Tomára eu que v. m. entendera eſta metafora, e veria a ſua carta eſculpida.

Mas

Mas para que se inteire della, saiba que os Rhetoricos chamáraõ á proza oraçaõ solta; e esta de v. m. merecia atada, e nada disso se vê nella: e sendo que se chama oraçaõ á proza, a esta sua chamo eu herezia; e por isso me resolvo, em que antes devia ser queimada, que lida.

Porèm, porque naõ pareça que só a proza he a sua culpa, vamos tambem ao verso, advertindo que já de cançado deixo, ou perdoo na dita carta muitas regras, sem nenhuma; muitas palavras, que saõ palavradas; muitos reparos, que antes parecem ruinas; muitas razoẽs, que antes parecem das que se fazem, que das que se escrevem; muito estylo de frazes, que antes o parecem de frizoẽs: e finalmente, muitos pedaços de carta, a que se devia ler a cartilha; porque já estou cançado de riscar, e entenderá o escrivaõ della taõ pouco o riscado, que faça galla do riscadilho.

Mas venha o Soneto a juizo, ainda que naõ poderá lá chegar, e falle-nos no Author, por terceira pessoa; porque em verso, fica a perder de vista. Introduz elle o Soneto funebre feito por D. Quixote; porque diz que já o ouve nos eccos de huma triste figura, que o relata: e triste figura, sabem os eruditos que foy, e he

D.

D. Quixote, na penna de Cervantes, e no applauſo das gentes.

Mas hum grande reparo! Que ſe atreveſſe o Author da carta, aqui tremem as carnes do diſcurſo, a fazer naõ menos que hum Soneto! Hum Soneto, q̃ he o Corifeo da Poezia, com os materiaes daquella ſua proza! Hum Soneto! E naõ morreo de ſuſto, ſó de intentá-lo! Hum Soneto, que he o coco das Muzas, o ſantantaõ dos Poetas, o papagentes das Poezias, com quem as Oitavas rimas ſe põem ao canto! O Romance anda muy quedo, as Decimas naõ paſſaõ de foro, as Redondilhas ſe fazem n'um novelho, as Endechas ficaõ tamaninas, e as Cançoẽs cahem de cançadas! Hum Soneto, que he Narciſo de Caſtallia, Garça de Aganipe, Ciſne de Hippocrene, e finalmente, *Vade in pace* a traveſſura, que naõ he ſó Neto do Pegazo, mas filho de Apollo! A eſte tal ſe atreve o Eſcrivaõ antes das notas, que das cartas! Com huma proza naõ ſó pedante, mas pedinte; com huma fraze naõ ſó raſteira, mas arraſtada; com hum eſtylo, naõ ſó irregular, mas cenſurado; e com eſte cabedal ſe reſolve hum Tabelliaõ encartado a entrar no contrato dos Sonetos! Mas appareça o meſmo Soneto, e veremos tudo por junto.

No

No frontiſpicio do Soneto faz o Author eſte proemio.

O que ſuppoſto, me parece ouço já os lamentaveis eccos de huma funebre, e triſte figura, compoſta de adornada architectura, de ſua machina de luctuoſa côr, e funebre apparencia. Eſpere o Soneto, que temos aqui que averiguar. Figura compoſta de adornada architectura. A architectura he compoſiçaõ: logo a figura era compoſta de compoſta. Adornada architectura de ſua machina. A architectura tambem he machina: logo eſtava a figura compoſta de ſua adornada architectura de ſua architectura. Finalmente, acaba de raſcunhar a figura, e diz: de luctuoſa côr, e funebre apparencia. Tudo improprio, porque o luctuoſo naõ he para o colorido, he para o lamentado; o funebre improprio na apparencia; havia ſer: funeſta apparencia. Venha o Soneto.

SO-

SONETO

De D. Quixote, que he o Cavalleiro da triſte figura.

Ó Morte, ſempre foſte infauſta, e dura;
Tribulenta, cruel, e deshumana:
Naõ perderás já agora o ſer tyranna,
Pois levaſte huma flor, ay, a ſepultura.

O Soneto logo neſte primeiro quarteto parece do Author: Primeiramente, a morte naõ he a infauſta; he infauſto aquelle, que naõ tem boa morte. Tribulenta, naõ ha tal palavra na carta de nomes, devia dizer: Turbulenta. Levar huma flor á ſepultura, he improprio; nem ainda ſe vio tal enterro; porque a flor morta, ou murcha, vay para a pá do lixo. E ſobre tudo, o quarteto eſtá errado com aquelle ay, a que ſe póde dizer: Huy!

Segundo quarteto.

Privaſte-nos a nós da formoſura
De Maricas de Caſtro: dize, inſana;
E que ſemrazaõ foy o ſer humana
Para privar-nos, ay, deſta ventura?

Eſte

Eſte ſegundo quarteto he ridiculo: Privaſte-nos a nós; o a nós eſtá de mais, porque já o tinha dito o verbo. Privar duas vezes, pobreza de frazes; e o ay, de termos, para encher o verſo. Mas ſobre tudo, o nome de Maricas de Caſtro. Os ſobrenomes naõ eſtaõ em uſo no verſo; muito menos no Soneto, que he huma Poezia muy ſeria. Maricas, he muito bom para cantigas, e Romances ligeiros; mas em Soneto, nunca viſto, onde até Maria ſe diſſimula em Marcia, e, entre os Caſtelhanos, em Amarilis. Maricas naõ he nome que authorize a perſonagem, para aſſumpto de hum Soneto. Maricas, he a rapariga da vizinha; Maricas, he hum homem, que ſe recolhe com as gallinhas para caſa; Maricas, he hum moço afeminado; Maricas, he hum homem, que leva hum murro, e fica muy enxuto: finalmente, Maricas he hum apodo dos bananas, chaſco dos bandarras, e anexim das regateires. Ora injuriay lá hum Soneto com hum Maricas de Caſtro!

De que tenho deduzido, que o Author, na mayor apojadura de Poeta, podia quando muito ſahir com huma trova, e eſſa ainda mal arrunhada; que o Soneto dá-o Deos a quem he ſervido. Mas vá o Soneto do Author por junto,

em que ſe vê melhor o deſatado; e naõ perderáõ os tercetos a ſua reflexaõ.

SONETO.

Ó Morte, ſempre foſte infauſta, e dura;
Tribulenta, cruel, e deshumana:
Naõ perderás já agora o ſer tyranna,
Pois levaſte huma flor, ay, á ſepultura.

Privaſte-nos a nós da formoſura
De Maricas de Caſtro: dize, inſana,
E que ſemrazaõ foy o ſer humana,
Para privar-nos, ay, deſta ventura?

Teu poder, ó cruel, executaſtes
Neſta candida flor, que o campo tinha;
Ay, que cruel, ó Parca, te oſtentaſtes!

Deixa-nos pois ſentir deſta avezinha
A falta que nos faz, pois a mataſtes:
Sendo a gloria hoje ſua, ay, a pena he minha.

Açorda em verſo, ſó neſte Soneto. Feito ás apalpadellas, naõ ſe faz mais deſmanchado. Feito em Genebra, naõ ſahiria mais á ſua vontade; por-

porque elle eſtá zombando das leys de Soneto. Os ays, ainda que interrompem o ſentido, reforçaõ o ſentimento; mas he parvoice, que naõ eſtá em uſo. O que tambem entendo he que o Author tem muita confiança com a morte, e he ſeu amigo de tu, e de vós, como ſe vê no primeiro quarteto, o tu, no ſempre foſte; e o vós, no primeiro pé do terceto, cruel executaſtes.

O que tem grande emphaſi, he ſer a defunta primeiro flor, e logo avezinha. O Author devia de alludir a humas aves, que naſcem de folhas, e o podiaõ fazer de flores; mas quem havia de enſinar iſto ao Author?

Reparo em que diz aqui, que a morte executou a ſua crueldade na flor candida, que o campo tinha. De que ſe ſegue que mentio quando diſſe que a tal Maricas morrêra no recolhimento, como ſe colhe muitas vezes do contexto; e agora diz que vivia no campo: com que entendo que naõ devia morrer no Recolhimento do Caſtello, mas no terreiro, que ahi tinha campo para morrer.

Ora agora vá hum Soneto tambem tolo, porque naõ pude deixar de ſer conſoante, ſendo pelos meſmos conſoantes; mas para moſtrar ao Author que, ainda ſeguindo os meſmos deſpro-

posítos, podia o Soneto cheirar a discurso.

SONETO.

Pelos mesmos consoantes.

Ó Morte em tua ossada sempre dura,
Que sempre com o humano es deshumana:
Hoje sim mais te prezas de tyranna
Destinando o melhor á sepultura.

De tua fouce tributo a formosura
Foy; porèm no seu golpe andaste insana,
Que ella he privilegiada, inda que humana,
Como morgada em fim que he da ventura.

Mas a belleza he flor, tu a executastes,
Se inda no pouco já durado tinha,
E nella a breve ephîmera ostentastes.

Ella ao alto subio como avezinha,
Tu cuidastes que a ella só mataste,
E tu cortastes na sua vida a minha.

Aqui agora era o romper a carta; porque o Author (conservando o respeito a sua pessoa, mas

savan-

ſavandijando os delirios , e as basbaquices da ſua penna) depois de acabar a obra deſte Soneto , quando devia ir deſcançar ſequer do trabalho do tinteiro , e facudir a Muſa do deſaceyo da poeira, torna, como ſe fora vaca, á morte fria, e a repizar os paradoxos , os deſtemperos, os delirios , taõ ſucceſſivos como diſparatados , que continuou neſta ſua endiabrada proſopopeya, neſte dialogo entre o ſeu diſparate, e a morte , ſem conhecer as palavras de que uſa nelle ; com que finalmente fecha a abobada da carta com eſtas ſentencioſas , e profundas palavras.

E por ultimo vemos a primavera amortecida; porque ainda que ſeus verdores foſſem unicos todos , depois de muſtios dependeraõ de que a noſſa amizade lhes diga cada hum , hum *Pater Noſter*, e no fim hum *Requieſcat in pace, & cætera.*

Naõ acabaria com menos Chriſtandade hum Officio de defuntos : mas ainda aqui nos deſinquieta algum preciſo reparo a conſciencia do diſcurſo. Aquelles verdores unicos todos , eſtá bem frazeado ; depois demuſtios , eſtá bem proprio : ſe entenderia o Author que ſe naõ pódem murchar as hervas em Portuguez? Eu me convenço que elle (como ſe póde ver nella) naõ fez

a car-

a carta ſem Proſodia Caſtelhana. E que dirá o homem das almas, quando ouvir que para eſtes verdores muſtios ſe pedem os Padres Noſſos? E ſerá poſſivel que com todas eſtas ponderaçoẽs diſcretas, explicaçoẽs nativas, e frazes tezas, e creſpas pertenda eſte Author o privilegio das cartas? E ſem dûvida lho podem dar no ás de copas.

Eſtá concluida a cenſura, que, ainda taõ comprida, naõ dá nem pelo artelho á ſobre eſcrita carta, em que ultimamente reparey, que ſendo a morte a ultima linha, de que ſe naõ paſſa, ainda, depois do *Requieſcat*, vejo nella hum *& cætera*, em que ſe moſtra a grande piedade do Author, confeſſando a reſurreiçaõ das cartas, que he o *& cætera* depois das mortes. Mas a mim me aſſuſtou horrendamente o *& cætera*, cuidando que ainda continuava a carta, de que Deos livre a todo o fiel Leitor.

F I M.

PROPRIEDADES

Violantemente Apollineas do Papagayo de Apollo, Gralha do Parnazo, e Pêga do Metro.

EXECRADAS

No Almotacel da ſavandija Poetica, e Aguazil do Povo de Helicona.

Por HUM MISSIONARIO do meſmo diſtricto,

A HUM AMIGO

Em feiçaõ de pergunta.

ILluſtre Galvaneo amigo,
Vós, em que as prendas lograraõ
Com madureza o diſcreto,
E ſem melindres o guapo:
Vós, que cortezaõ nativo,
Entre reſpeitos, e agrados,
Sabeis preſidir maduro
Ao politico Areopago:
Vós que perſpicaz no acerto,
Conſeguiſtes ſer (fiando

A huma

A huma penna muitos voos)
A Aguia dos Secretarios:
Mas eu naõ venho, nem poſſo
Por agora retratar-vos,
Porque trago hum grande aſſumpto
De huma vara aſſim tamanho.
Naõ me direis vós quem he
Hum Juiz abençoado,
Sempre de crime nos verſos,
Nas proſas ſempre eſpadano.
Hum tal Miniſtro, em que tem
Em eſcabeche guardado
Hum grande Juiz as vintenas
Outro igual os enforcados?
Diz que he Bacharel de Apollo;
E inda no primeiro banco;
Mas viſtos os ſeus papeis
Naõ ficou mal deſpachado.
Deſte tal Deos grita que he
Hum novo intimo privado,
E em ſeus grandes borradores
Sem dûvida o vay provando.
Do Parnazo quiz metter-ſe
A Juiz de fóra, ficando
Se Juiz, quanto ao dezejo,
De fóra, quanto ao Parnazo.

Sem

Sem paſſar de hum ſimplez chulo
Aos verſos ſe atreve; e tanto,
Que quer ſer Juiz do Officio,
Sendo Reo no meſmo caſo.
Adoeceo pois de Poezia,
Com que ſe move taõ tardo
O pobre, nos pés do verſo,
Que he de Apollo hum aleijado.
Entre as receitas do Phebo
Tráz na algibeira o Ruybarbo;
Em abrindo a boca, cuidaõ
Todos que ſe eſtá purgando.
Em fim, ao alto do Pindo
Chegando-ſe foy com o flato
(Por ter huma vara mais)
De lhe naõ paſſar por alto.
Aos verſos todos ſe arroja
Affouto, mas ſem reparo
De que com huma ſó vara
Naõ póde medir a tantos.
No páo da vara, (entre Poetas
Innocentes) feito diabo,
Pendura verſos bexigas,
No vazio, e no empolado.
Fazendo dos deſtemperos
Dos verſos bom goſto o chaſco;

Abrio a lua Academia
Dentro no mal cuzinhado;
Muy prezado de traveſſo
Lá ſe mette ſolapado
Na dança de Apollo, ordindo
Verſos de taco taraco.
A farçola de inveſtir
Aſſumptos, iſſo lhe gabo!
Muy pouca roupa, o conceito;
Mas o toante, eſpalhafato.
Aſſim acarreta conceitos,
Aſſim os ata como enxalmos;
Que no que ata, e acarreta,
Tem ſeu mariola o Parnazo.
O' no lyrico, ó no heroico
Faz com Poetico enthuſiaſmo
Por Decimas, alcaválas;
Em vez de Silvas, carraſcos.
Sonetos, bem que de dieta
Os põem, quanto ao conceituado,
Aſſim vaõ, que ao quatorzeno
Nunca ſem peyorar chegaraõ.
No comico tambem entra,
E faz papel no tablado,
Violento, quanto a gracioſo;
Natural, quanto a lacayo.

Hum Protheo vê nelle o metro;
Porque, viſagens variando,
Tem nelle o toante pandeiro;
O equivoco tem chocalho.
Nelle as Muſas cheira bufas
Tem; tem Apollo hum Barbato;
Aganipe hum agoadeiro,
E hum arrieyro o Pegazo.
Em fim, na grande novena,
Em que Phebo he feſtejado,
Se metteo para Andador,
E ficou para Donato.
Aſſim do Pindo nas margens
(Naõ diſcorrendo, atolando)
Naõ nada ciſne no pego;
Grita como rãa no charco.
Sobre tudo, todo eſturdia,
Aſſim ſe introduz zingrando;
Que o Pegazo mija nelle,
Vendo que ſe faz gran caco.
Com que de pés, e cabeça
A Poeta mettido, acháraõ,
Apollo o melhor caſquete,
E o Pegazo o melhor caſco.

EMBARGOS

Que se suppõem pódem vir, mas de nenhum modo acceitar.

PRimeiramente apadrinha ao processado huma legiaõ de equivocos, que se lhe costumaõ metter no corpo, a que se deve algum respeito, quando naõ por vulgarizados, ao menos por velhos; interpõem-se tambem huma xaxara já fria, e çafada, com quem costuma ter conversaçaõ illicita, e huma traveſſura arrieira, com que se costuma deitar na estrada. He o que tem por si, pertendendo que se lhe espere alguma reforma em sua depravada vida Poetica, aliàs, (como decretará a soberana Academia) attendendo-se-lhe ao apparato da vara, se lhe destinará huma casinha, em que o Irmaõ mayor da censura austera lhe ensine a propria, e natural cadencia, em duas duzias de açoutes por dia: seguir-se-ha o sangrador da agudeza jocosa, e lhe abrirá a vêa, que o tem reduzido a este miseravel estado: e peyorando finalmente, como se espera, seja irremissivelmente condenado ás penas de Apollo, e arda vivo no inferno do motejo.

FIM.

SA-

SATIRA
A HUM HOMEM BEBADO.

ANONYMO.

OH desventura de bebado! Buscas o vinho, que a cada passo dá contigo em terra! Naõ te fora melhor hum fexe de herva, pois que posta em terra te fica a pedir de boca? Queres ver o teu idolo? Adoras a huma borracha: repara, que se nella achas pé, em ti já naõ acho pés, pois naõ pódes erguer cabeça; jámais em ti se achou vergonha, tendo sempre as faces muy vermelhas; buscas as boticas das medidas, e nunca com medida se acha tua borracheira; se para o vinho te achas sempre azado, nem por isso deixas de o beber aos potes, quando o naõ gastas tambem ás quartas; buscas os ramos, e vays-te como hum passarinho, que para ti as varas da vide, foraõ sempre as varas do visco; eu naõ sey que casta de passaro tu sejas, só te vejo andar mettido a taralhaõ; naõ te posso chamar pintasilgo, pois nunca o fostes no beber; se es pardal no monturo naõ o es de bico amarello,

por-

porque ſempre o tens vermelho: naõ ſey como bem te entendes, pois quando ás tabernas corres, bem vejo que em todas paras, pois ſey que a todas topas; poſſo conſiderar-te como o pombo, pois do ventre lanças com que podias ſuſtentar os filhos, ſe os tiveſſes: vejo-te peſcador da terra, porque nella ſempre buſcas as redes; ſey que ſabes muita letra, porque tens ſciencia enfuza: muitos ſey que paſſaraõ o mar vermelho, e ſó que o mar vermelho paſſou por ti ſey, ficando tal de ſuas agoas, que com o bafo podes temperar huma panella de carneiro.

Es pimento de conſerva, azeitona curtida, borracha de campanha, porco de vinho e alhos, quartel de bebados, o mayor forte do vinho, Torre de paſſa de arcos, Caſtello de Vide, guarda de borrachas, ſentinella da pinga, eſpingarda de torno, que por te ver neſſes pontos, ſempre te pões á mira: pique de vinagre, forquilha de parreira, eſpada de arco, folha de parra, e copos de vinho; que eſtas foraõ as armas, com que ſempre ſe achou eſta praça da palha: quizeſtes ſer moço daquelle cego, por lhe tocares a gaita, pois com o dinheiro lhe aſſobiaſtes ás botas, que ſempre foſtes magano de aſſobio; tambem ſabes tocar em inſtrumentos de couro, que

pelo

pelo teres curtido, em algumas roturas deſſe odre, te puzeſtes eſpelho, pois ſó te revês em garrafas de vidro: es funil de cryſtalleira, boca de fraſco, nariz de cangeraõ, mas naõ olhos de agoa, pois ſempre os tiveſtes de vinho; achote com dentes de alho, lingua de pena, pois ſempre a cauſaſtes com tua lingua; dous braços de corda, porque ſó concorda quem póde ſervir de mariola; duas maõs de rabos, pois com ellas te acho a todo o tempo; duas pernas de coral, porque as botas ſaõ de vinho; dous pés de cravos, que, por ſeres beſta, te vejo com cravos nos pés; es eſcudella de adega, eſcumadeira de botica, Rey dos xaropes, Principe de bebados, Conde de copas, e Titere do preſepio; pois a tua dança ſempre foy cauſada da cabeça.

Entra já em ti por huma vez, já que tantas fóra de ti te tenho viſto; deſengana o teu appetite, refórma a tua vida, veſte a teu pay, paga á tua ama; que ſe em todos tres ſe achaõ as tres idades, uſas das tres Virtudes Theologaes: para teu pay haja a Caridade de o cobrires; na tua ama, a Eſperança de lhe pagares, e em ti a Fé de naõ faltares a ambos; e naõ ſejaõ os tres inimigos da alma: em teu pay o mundo,

do, pois em todo, a teu reſpeito, corre quantas tabernas tem; na tua ama o diabo, como a Serpente do Paraizo; em ti a carne, que tens neſſe cortiço, porque os oſſos ſupponho que ficaõ para os dous. E ſe iſto te naõ deſengana, mette-te em huma ſecreta, e cobre-te com hum telhador: e Deos me dê auxilios para naõ poder ver-te; e te guarde de beberes vinho.

FIM.

O PRONOSTICO
MAIS CERTO,
OU LUNARIO
do anno de 1743.

Para o Meridiano de Lisboa, tirado dos melhores obſervantes, com o Juizo geral do anno, e ſuas eſpheras.

Eſcrito pelo Licenciado

NADA LHE ESCAPA;

Natural da ſua Terra, nella naſcido, e criado.

PROLOGO.

LEitores, e amigos, tanto ſe me dá do voſſo amor, como do voſſo odio; aqui vos offereço eſte Pronoſtico, que acharéis mais certo, que os que eſcrevem os Mathematicos; que naõ ſabendo medir os paſſos da terra, em que haõ de ſer enterrados, ſe cançaõ muito na mediçaõ das Eſpheras celeſtes, e ſeus movimentos: de que os Anjos, que ſubiraõ, e

os diabos, que deſceraõ, naõ poderiaõ dar cabal informaçaõ: mas como os Anjos naõ ſaõ gentes, a quem ſe façaõ ſimilhantes perguntas, e os diabos ſaõ mentiroſos, e alguns mudos, como diz o Evangelho: *Erat mutus*, nunca vos poderiaõ fallar verdade: com que naõ podereis acreditar aos taes Aſtrologos, que fallaõ por figuras errantes, que parece que as apalpaõ.

Titulo das Feſtas mudaveis.

AS Feſtas mudaveis, ſaõ todas aquellas que naõ ſaõ fixas: e as que naõ ſoletraõ os proprios nomes dos Santos.

A Cinza, ſe acharâ em toda a parte, em que ſe fizer fogo.

A Paſchoa, ſerá ao outro dia depois do Sabbado da Alleluya.

Todas as mais ſe acharáõ nas folhinhas, como tambem a letra Dominical no A. B. C.

Juizo univerſal do anno, e Juriſdiçaõ do Tema.

O Senhor univerſal deſte anno he o verdadeiro Sol de Juſtiça: aſſim lhe chama a Igre-

Igreja: *Sol Juſtitiæ*, por entrar no Ventre ditoſiſſimo de ſua Mãy Santiſſima; e naõ ſó nos promette, mas nos aſſegura todas as felicidades, ſe nós as ſoubermos merecer: porèm como nos deixou liberdade, e alvedrio, naõ impedirá as cauſas ſegundas nas operaçoẽs; e aſſim verás neſte anno tudo o que vires.

E Deos ſobre tudo.

Entra eſte anno, confórme o noſſo modo de contar, o primeiro de Janeiro, e acaba no ultimo de Dezembro.

Todas as Luas novas começaráõ acabadas as velhas, e teraõ ſeus quartos creſcentes, e mingoantes; por cujo reſpeito ſerá o anno muito humido, aonde houver agoa, e por iſſo morreráõ todos aquelles, a quem ſe lhes acabar a vida; e virá a morte por diverſos ſucceſſos, e enfermidades. *E Deos ſobre tudo.*

E porque Baco ſe acha em guerra aberta com Neptuno, pronoſtica que haverá eſte anno muitas mortes, e ſangues junto do Natal, procedidas de ſuas malignas conjunçoẽs. Os partos ſeraõ perigoſiſſimos, porque toda a mulher, que delle morrer, naõ tornará a ter mais

filhos; e o meſmo ſuccederá nas burras, que neſte caſo ſaõ ſimilhantes ás mulheres.

E porque Mercurio ſe acha dominante de algumas couſas, em conjunçaõ de ſer tal, e qual; pronoſtica que haverá grande baixa no officio de ſua protecçaõ; e por iſſo, havendo menos quem incite, haverá menos deſgoſtos: o que naõ ſuccederá naquellas peſſoas, de quem falla o noſſo Poeta:

Ditoſa condiçaõ, ditoſa gente,
Que naõ he de ciumes offendida.

Tambem por andar Saturno á caça do dragaõ, naõ faltaráõ inchaçoẽs nos ſoberbos; febres catharraes nos tyſicos; tremores nos que tiverem maleitas. E nenhuma peſſoa naſcerá, que naõ tenha bexiga; nenhum Judeo poderá ſer Chriſtaõ velho, e todas as Judias velhas ſeraõ Chriſtaãs novas; naõ faltaráõ deſgoſtos entre os caſados, que tiverem ſogra.

E Deos ſobre tudo.

Mas porque naõ ſejaõ todos os ſinaes infauſtos, e os pronoſticos triſtes, alegre-ſe o amigo Leitor, que ha de ſer o anno muito farto

farto para todos que tiverem que comer; naõ faltaráõ vinhos aos que ſe emborracharem; naõ ſerá pobre quem tiver muito dinheiro, e os que ſe affogarem, naõ morreráõ de ſede: nenhuma embarcaçaõ ſe perderá no mar, chegando a ſalvamento, ainda que tenha tido tormenta: haverá mais mel, onde houver mais colmeas; como tambem mais azeite, quem tiver mais oliveiras. *E Deos ſobre tudo.*

Das quadras do anno.

A Primavera entrará primeiro em Lisboa; naſcerá na Serra da Eſtrella, e por iſſo ſerá mais freſca que o Eſtio. O Veraõ começará primeiro no Alemtejo, que na Beira; e por iſſo ſerá mais quente que o Inverno.

E Deos ſobre tudo.

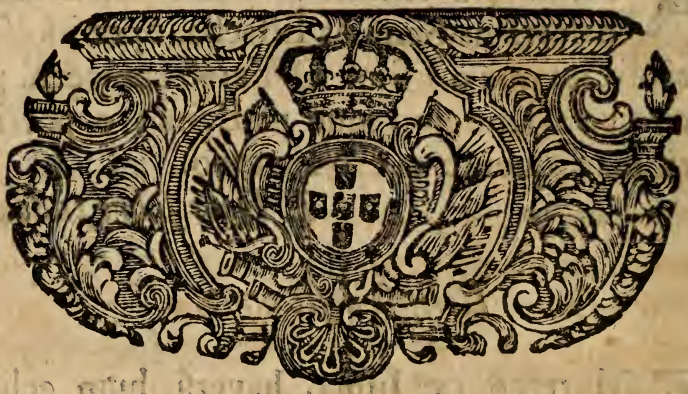
Eclipſe deſte anno.

EM treze de Junho haverá hum eclipſe do Sol, e começar-ſe-ha a eſconder ás ſette horas da tarde, e naõ apparecerá ſenaõ ás quatro da manhaã ſeguinte: ſeus effeitos ſeraõ fecharem-ſe as tendas; dar-ſe-haõ as Ave Marias;

Marias ; recolher-se-ha a mais da gente ás suas casas para cearem , os que tiverem que : e deitar-se-haõ na cama com azeite os que tiverem candeya ; e os que naõ tiverem molho , ás escuras.

E Deos sobre tudo.

FIM.



LA-

LAMENTAÇAÕ SAUDOSA,

CHORADA NAS TREVAS da auſencia, pelo Jeremias da diſtancia.

QUEM ſó fino ſe aparta, amoroſamente ſe auſenta; e ſe na Saudade ſuſpira, a diſtancia o magôa: o mocho, que no outeiro chora, no valle ſuſpira; o cûco, que de noite vozea, no monte aſſobia; a coruja, que no campanario reſona, a alampada requeſta; a arraã, que no charco grita, na pôça mergulha; a chicoria, que na horta ſe rega, no canteiro ſe murcha; a flor, que no alegrete naſce, no ramalhete morre; o pomo, que na arvore ſe ſazona, na tenda ſe vende; e finalmente, a luz, que na candeya arde, no murraõ fenece.

Mas que fará quem em Salvaterra he mocho ſem outeiro, he cûco ſem noite, he coruja ſem campanario, he arraã ſem charco, he chicoria ſem canteiro, he flor ſem alegrete, he pomo

mo ſem arvore, e he candeya ſem murraõ; pois do murraõ lhe naõ dá o fumo, nem do pomo o goſto, nem da flor o cheiro, nem da chicoria o ſabor, nem da arraã o grito, nem da coruja o ſomno, nem do cûco o ſocego, e nem do mocho o ſolitario; e aſſim anda a ſaudade taõ encangalhada com eſta auſencia, que fica a pena ſahida ainda com o gozo da magoa, e tudo porque ſe dá a perros a diſtancia.

E que fará quem no deſerto de hum ſentimento naõ encontra ſenaõ carraſcos para o ſupplicio? Que fará quem na charneca da ancia ſe faz mouta ao ſoffrimento? Que fará quem nos tojos do ciume naõ encontra mais que carqueja para o deſaſocego? Que fará quem he podengo de affectos, ſendo ſacador de cuidados? Que fará quem he ſabujo de carinhos, indo pela tréla do goſto? Que fará quem he galgo de affagos, ſendo perdigueiro de mimos? E porque eſtes naõ tenho, aquelles naõ acho, eſſoutros naõ encontro, já de ti me deſpeço, Lisboa tyranna, já de ti me aparto, Cidade vingativa.

E aſſim a Deos Apollo do Terreiro do paço, que, pelo teu achaque de dôr de pedra, naõ eſtás corrente para a prizaõ dos meus ſuſpiros:

a Deos

a Deos ribeira, que, por estares posta na espinha, sempre fostes magana de escama ; a Deos couveiras, que, por seres lagartas da hortaliça, vos naõ escapa tallo de alface ; a Deos casa dos bicos, pois atais muy bem os vossos molhos ; a Deos mal cozinhado, cadóz das mulhelhas mais famintas, e das cangas mais esfaimadas ; a Deos pelourinho, onde o pregâõ faz vir o fato á rua, pois em ti se naõ vê mais que Justiça ; a Deos calçado velho, onde a tomba botas em rosto, porque te vaõ ao couro de hum salto ; a Deos bairo, throno das deidades, onde o filis se manêa com o usual alinho da bandarrice, sendo Parnazo amoroso, onde as Venus, e Dianas mettem Pallas ás mais estrondozas bellezas. Ah bairo ! Quem te conhecer que te compre ; mas tu já estás vendido, porque a todos trazes vendados : e para estas compras, e aquellas vendas, lá tens a rua das partilhas, para melhor te ajustar a conta ; tens a rua da trombeta, por onde a fama as tuas proezas publîca ; tens a rua das flores, onde as fragrancias de tuas bizarrias respiraõ aromas amorosas ; tens a do Sol, que como monarcha das luzes, reparte contigo resplandores ; tens a do Norte, onde se vê se elle corre direito ; tens á das gáveas, onde o gajei-

ro do appetite ferra o velame do dezejo; tens tambem a rua formoſa, onde os teus alinhos ſaõ enfeites do melhor adorno: e finalmente, tens a bica, por onde a Cabalina diſtilla os cryſtaes da alma, para que ſejaõ allivio de triſtes, e conſolaçaõ dos queixoſos; e aſſim me deſpeço dos mais bairros: dos rengos da pampulha, ads mantilhas do mocambo, das ſayas de alfama, e dos capotinhos da mouraria, que neſte ou aſſiſte a bella Turca dos meus olhos, ou mora a Coſſaria da minha vida.

FIM.

OBRA

OBRA APOLOGETICA,

OU TANHO DISCURSIVO

Contra a eſquivança, e tyrannia feminina,

A HUMA SENHORA,

Que abominou o nome de Seringa.

OS nomes, minha ſenhora, ha de v.m. advertir que humas vezes ſaõ letreiro, outras parecem paſquim; humas vezes gálla, outras alcunha; humas vezes epîteto, e outras ſambenito. Vay iſto de que na grande freguezia da vaidade he Cura o capricho, e Pia a affeiçaõ do goſto; e entaõ ſahe-vos hum Periquito com eſtrondos de Polifemo. Que ſe chame Roſa, a que o Ceo á maõ tente fez linda, faça-lhe muy bom proveito; mas que ſe chame Paſchoa a que naſceo com cara de Quareſma, nunca lhe elle preſte. Eu conheci Maria da Luz, que podia ſer cirio de pez; e Maria Angelica com cara endiabrada: e finalmente, quantas

baptizadas em Bellas, eſtaõ hoje vivendo em Turpim?

Naõ he iſto ſó nas mulheres, que eſta praga he macha-femea. Eu conheci homem galhardo, que ſe chamava Fulano Camello; e conheci homem Camello, que ſe chamava Fulano Galhardo: chamaõ-lhe a iſto teſtimunhos da pia, e traiçoẽs da natureza. Por iſſo ponderava bem, quem bem ponderava, que traveſſa rapazia chamava ao dizer injurias, chamar nomes; porque ha peſſoas, que o meſmo he chamá-las pelos ſeus nomes, que dizer-lhe injurias. Ha homem, que ſe chama Fulano Cavallo, e tal vez ſe póde contentar com o Cavallo, ſem occupar o Fulano. Fulano Leitaõ já eſtá recebido, como ſe naõ pudera vir a ſer porco. Fulano Coelho, tambem ſe pudera chamar Fulano Macho, viſto acharem todos que o Macho naõ tem melhor apodo, que Coelho. Fulano Sardinha he o meſmo que Fulano tollo, porque Sardinha ſem ſal he o meſmo. Fulano Lamprêa, he quaſi o meſmo que Fulano Quareſma, porque acabada a Quareſma, acaba a Lamprêa, e fica hum homem pelo carnal com hum ſobrenome de eſcabeche; e tanto pelo tanto pudera chamar-ſe Fulano Roſmaninho, que tambem da Paſchoa por diante começa a ſer raſtolho.

Ago-

Agora com Fulano Perdigaõ eſtou bem, que que inculca bom termo, e Cavalheiro, e he epîteto, que parece taõ bem ſobre nomes, como ſobre meſa: e finalmente mais hey de pôr pelo Perdigaõ ſó com hum eſpeto, que pelas Aguias do Imperio com todas ſuas armas; os Fulanos Borralhos, e os Sicranos das Neves, lá tem ſua ſerventia: eſtes para a Sytia, aquelles para o Noruega.

Com os Fulanos Pereiras, e com os Fulanos Carvalhos naõ eſtou mal; porque os primeiros tem fructa, e os ſegundos lenha: ſó o que naõ ſoffro he o Fulano Figueira, que com o meſmo cuſto ſe podia chamar Sicrano Cinnamomo; que, ſobre ſer arvore menos commũa, he mais bem aſſombrada.

O que póde tolerar-ſe ſaõ os ſobrenomes de adubo, como *verbi gratia*, Antonio Pimenta, que naõ he de todo deſtempero, por aquella parte que tem de adubo. E dando por eſcrita eſta carta de nomes, procede a inconformidade delles, de naõ haver Juiz da Pia neſtes Reynos, havendo Juiz dos enforcados, que inda que he de mais honra, naõ he de tanta importancia. Daqui naſce o andar a libré enxovalhando o Tavora; a parrilha o Gouvêa; a molhelha o Silva;

va, e o chocalho o Mendoça: que quando hum Principe quer pôr hum ſobrenome de ſua caſa, ha miſter mandá-lo primeiro á barrella.

Nem mais, nem menos, ſuccedeo a Seringa. Apatifaraõ-lhe o nome no entrudo, e depois puzeraõ-lho por epîteto: veja v. m. que tem que ver o inſtrumento da patifaria nas inquiriçoẽs da belleza! Quem fez huma moça Seringa, e formoſura? O certo he que quem fez Seringa a formoſura, pudera fazer cryſtel o cryſtal. Mas he muito para advertir, que iſto de nome he tal vez huma ligeira carépa da peſſoa nomeada, que ainda que altere a pelle, naõ desfigura a carne; que aſſim cuido que o definio o Allivio de triſtes na primeira parte do ſeu cemiterio amoroſo, e deſaſtre diſcurſado, verbo: *Arrieyro de cryſtal*, com que a pezar do epîteto póde ſer o ſujeito luſtroſo. Seringa naõ ſerá nome, ſerà teſtimunho: e eu me convenço, que quem a eſta Ninfa chamou Seringa, era maganó de eſguicho. Mas para que v. m. veja que debaixo de hum ruim nome jaz huma grande Ninfa, ſupponha que aqui acaba o Prologo, e começa a Obra.

Naſ-

NAsceo Seringa filha de hum homem taõ branco, e taõ claro como agoa, corrente como ella, e limpo como areado, porque naõ menos que o Rio Nabam era o pay da moça. Ella Ninfa de todos os quatro coſtados, com ſeu cothurno por çapata, ſeu arminho por manteo, ſeu deſdem por galla, ſua modeſtia por mantilha, com ſeu bocado de Zefiro, que lhe penteava o cabello, e ſeu Cupidete, que lhe andava ao rabo: e ſobre tudo iſſo era ſuſpirado impoſſivel, e idolo de carne, e oſſo, naõ menos que do Deos Paõ, que era hum Fauno, Sátyro mór dos Deoſes, e Vice-Demonio dos bodes.

Deſde menina aſſim foy Beata de Diana, como conſta de ſua lenda, profeſſando a abſtinencia de cabrito, deſde aquelle dia, que a ſeguio o Sátyro: e foy huma tollinha; porque ſe ſe deixa cazar com o bode, tem dalli paõ para a velhice.

Tomou o eſtado de Convertida, por fugir de peccadora; feſtividade, em que houve canas: correo-as o Sátyro, pagou-as Seringa; mas nem por iſſo mal parada, que naõ ſaõ as canas de taõ pouca valia ao menos em Caſtella, onde ſaõ uſa-

uſadas dos mais velhos, e dos mais venerandos; e coſtumaõ jurar por eſtas canas, como ſe juraraõ pelas barbas. Naõ as reconhecem menos as Conquiſtas Portuguezas, onde os homens de melhor engenho fizeraõ açucar das canas: que deſta eſpecie foſſem as de Seringa, naõ he novidade para os entendidos; porque quem diz Ninfa, ſuppõem melindroſa, e açucarada. Pois que mal veyo com Seringa à confeitaria? Que mal a Caſtella; onde eſtavaõ bem aviados os páos de chocolate, ſe naõ houvéra canas de açucar? A meſma canéla tem reſpeito á cana, e ſe naõ pergunte v. m. á natureza, porque pondo-nos nas pernas as canélas, nos quiz pôr nos braços as canas? E reſponderey eu por ella: Que naõ merece deſprezos couſa que todos trazem em braços.

Bem aviados eſtavaõ os ſenhores, ſe naõ houvera canas; porque mal pelo linho, ſe naõ houvera rocas: com huma cana ha de ir-ſe muito a tento, porque com huma roca fia-ſe muito delgado: com huma cana naõ ha gracejo, porque em huma roca ſe falla de fizo: e ſe a methaphora tivera mais equivocos, ainda a cana tivera mais creditos. A cana nó encaniçado, he throno das flores; na parreira, ſitial das plan-

tas,

tas, e na vinha almofada das uvas. A cana até nos eccos da pronuncia grangea creditos de avantajada. Canario, he o melhor paſſaro; das canarias, he o melhor vinho; de canudos, he o melhor ovo; e ainda ſobeja o canario á viola, que tambem podia entrar na dança: pois que mal eſtá Seringa em cana? Taõ máo he pertenderem a cana de açucar os confeiteiros; e prezarem a cana fiſtula os boticarios? Se a deſprezaõ por Gentia, já convertida he cana Cathecumena: já naõ ha doutrina, a que naõ aſſiſta, e até os mais traveſſos rapazes a trazem ſobre a cabeça. Quem tem malquiſtado Seringa, ſaõ as cryſtalleiras; por ſua culpa a traz muy atrazada o contrato de Sodoma: naõ he ſenhora de ſi a pobrezinha, porque todos andaõ com o olho nella; mas naõ he ſó ſeu o delicto, que, a lhe naõ darem ajuda, nunca ſe mettera neſſe debuxo.

O que tenho contra ella he aquillo de fugir aos requebros, que baſtavaõ ſer de hum bode authorizado com barbas no roſto, para que huma Ninfazinha de agoa doce lhe naõ perdeſſe o reſpeito: he verdade que a formoſura he o Ceo da terra; mas já que no Zodiaco celeſte habita hum carneiro, bem podia hum ceo de carne ac-

commodar-se com o signo de hum bode.

Mas em fim, naõ quer o amor que, por mais que se esbrabeje a fineza, tome com as maõs o Ceo da formosura. Diz v.m. que elle foy hum Satyro, que se naõ atreveo; como se disse-ra que as ousadias saõ degráos da ventura, e eu digo melhor que saõ polés da desgraça: na escada do atrevimento está talvez o alçapaõ do destino; lá se avenhaõ os affoutos, que o escorregar tambem se fez para o subir, e o destino atraiçoado mudou a calçada da gloria para o lagar do cebo.

Por essas ouzadias andaõ ahi os livros cheyos de cambadellas. Pergunte v. m. a Faetonte, quem o fez torresmo das fabulas, e vinte e hum queimado das historias, senaõ o querer ir dar hum passeyo na sege pelos arrabaldes do ceo, como se naõ morara para aquelles bairos Madama Zona torrida, que logo dalli o mandou bugiar á Chamusca.

Pois seu contemporaneo Icaro, Patriarcha que he hoje dos desazádos, bolatim que foy entaõ dos cerieyros, tambem devia de trepar namorado, conforme o vimos descer derretido. Pois veyo elle lá de cima bem depressa, porque se lhe gastava a cera: quando aqui chegou, naõ

tra-

trazia já mais que hum coto. Para o vento fora de véla, para a quéda fora de aza; e finalmente a tal ouzadia lhe naõ deixou nem a cera na orelha.

Naõ me aconselhe v. m. mais atrevimentos, que eu, ainda que para me atrever sou huma braza, tambem para me deleitar sou huma cera. Finezas atrevidas saõ hereges do amor, que confessaõ o Santo, mas perdem-lhe o respeito ao vulto. O Amor naõ he pay de velhacos, será enfermeiro de potrosos; porque os seus subditos mais devem ter de rendidos, que de affoutos.

Isto de querer quer geito, que a força serve para os murros, e naõ para os carinhos. Amor por força, he amor á gatesga; e he contra os mandamentos do anno andar deflorando Mayos em Janeiro.

Ensinua-me v. m. que a fineza se quer com golpes, e desvios; assim sey eu que se joga a espada preta, e naõ que se requeste huma mulher branca. Ahi naõ ha fazer as finezas malhadeiras; que as finezas poderáõ ser fornalhas, mas naõ bigornas.

Se a fineza, na opiniaõ de v. m., morre de mimosa, e acaba satisfeita; morra que lhe

preſte, que naõ eſtaõ obrigadas as finezas a morrerem ás pancadas, nem os polvos a ſerem finezas. Iſto de morrer farta, naõ ſe fez ſó para Martha; que as apoplexias naõ ſaõ morgado, nem a fineza come em vaõ de Cupido.

O ponto he que a eſquivança trate de ſe apear do poleiro, que naõ hemos de ſoffrer hum capaõ com imperios de gallo. Metamò-nos todos em hum andar, e onde o humano he fôro, naõ ſeja deſafforo o inhumano. As ariſcas ſey eu que, naſcendo no Palacio de Nero, vieraõ a morrer no hoſpital do mal trapilho. Eſtas, que andaõ impando de queridas, vem talvez a entiſicar de deixadas: vem cõmummente a morrer daquillo, com que queriaõ matar. Por iſſo hum moço chamado Ovidio, velhaco de gentil entendimento, pôs a tyrannia de pedra miuda, que naõ he outra couſa huma traveſſura, por nome methamorphoſeos, mais que huma diſcurſada caveira da eſquivança.

Aglauros, Ninfa, que val o meſmo que agreſte, (filha de Fulano Cardozo, e Sicrana Alcachofra) que vendia reynol de eſpinho, ainda que era a Chéfe das Sylvas, por naõ querer emendar-ſe de precioſa, morreo de dôr de pedra.

Ana-

Anaxarte, dizem que tinha huma negra condiçaõ, pôs huma muda, e ficou como hum jaspe. Naõ sey que se diz de hum certo mocete, que lhe pedio hum favor: ella mandou-o pôr numa forca, elle encolheo os hombros, mas estirou o pescoço; ella foy o carrasco, que naõ tinha outro genio: elle era obediente, deixouse enforcar en el aire; só levou o pezame de naõ achar huma regateira, que o gabasse: em fim, elle morreo em tres páos, e ella em huma pedra.

Scylla, que he o contrapezo de Carybdis, (ou de quem Carybdis he contrapezo) Ninfa, foy aranha cavallos de Glauco, q̃ era hum Deos Marinho de pouco momento, cousa assim de Alfamista de Cupido; assentaõ outros que era Pampulheiro. Scylla vendia sem sal, mas pô-lo na moleira a Glauco: elle dizem que foy ter com Circe, por naõ achar outro Cirurgiaõ mais perto. A Circe, que era huma feiticeira, de puro carinhosa, fez sobre issõ taes conjuros, que deo com a pobrinha de Scylla em Pedrouços: como era ainda rapariga, dizem que morreo em cachopa. Deixaraõ-na os fados em herança á rhetorica culta para descripçaõ do risco, que em Castelhano he penhasco.

Nio-

Niobe, belleza jactancioſa, (vejaõ ſe ſeria tyranna) com cabedaes de ſoberba, muy prezada de piaõ de filhos, ſem rebuços, nem medos, tomava para ſi toda a gloria dos Partos; porèm levou-lhe o diabo as crianças com a Deoſa dos latoeiros, (digo a Deoſa Latona) que, indignada do ſeu atrèvimento, a pôs no Pedrado: ſentio iſto infinito a Deoſa Niobe, e ahi veyo a morrer a miſeravel no Seixal, ainda que dizem outros que em Alpedriz.

Naõ quero trazer mais exemplos ás ariſcas, porque naõ cuidem que para emendá las lhes metto pedreiras: lá ſe avenhaõ com as ſuas eſquivanças, mas ſaibaõ que Cupidilho, em lhe chegando a moſtarda, deixa ſinal nas pedras. E ſe no Amor ſe póde achar odio, elle o tem a eſtas bugias de cheiro, e fedorentas de genio, que vivem no bom retiro com carinhas de nojo, e beicinho de eſturro, com o eſtomago embrulhado, e o deſvio deſenvolto; que em certa occaſiaõ, para enſinar huma deſtas, foy Cupido, e mandou bugiar a aljava, e elle meſmo ſe entezou no arco por ſetta, e foy, e deo comſigo em Clori; por final, que como ſe frechou com a cabeça para a corda, foy, e deo-lhe á moça cos pés n'alma, depois de lhe ter feito no eſ-

tomago hum buraco, que lhe caberia eſte punho.

O diabo leve a Diana, (e naõ faria nada de novo) que ella foy a Luthera da eſquivança, e a Arria da inteireza; que em tempo de Valdevinos andavaõ as donzellas pelas eſtradas mais deſvalidas que carne de porco em Turquia, e mulheres em Sodoma.

Iſto quem? Diana, depois de jurarem duas Corujas que mais de huma noite a viraõ occupada com Endimiaõ, hum certo Pepino racional. Eſta tal foy a que prégou a abſtinencia dos homens, Miſſionaria dos melindres: e neſte caſo vay o pobrezinho de Pigmaleaõ, e ſahe-ſe namorado de durezas, como louco de pedras, eſmorecendo pela ſua eſtatua, que cada hum he louco com a ſua criança: e a naõ ſer a abençoada de Venus (que nunca lhe a maõ dôa) eſtá o pobre a eſtas horas mettendo os dentes em huma pedra.

O certo he que eſtes, que tomaõ o arco de Venus, a quem hum prégo pareceo hum cravo, ſaõ as alquilés de Cupido. Por iſſo diſſe bem hum certo Nones de França, vendo andar os outros aos pares rabiando por Madama Flor de Liz, (que era duro bodoque da béſta de Diana)

na) o preclaro, e tenebroſo Apollo Caſtelhano:

Dixo bien Dudon un dia
Viendo darla tantas bueltas:
Baſta ſeñores que andamos
Tráz la paja muchas beſtias!

Tenho-me eu commigo, que ſempre tratey a tyrannia como huma Podenga. Foy Poſtilha, que me deo a natureza. A' Roſa, que he Jeroglyphico de formoſura ariſca, pintou a natureza affogueada; e aquillo, a que os Poetas chamaõ purpura, chamo eu çamarra: com que no cadafalſo das flores ſahe de fogo revolto a eſquivança. A belleza, que picar de Roſa, naõ ha mais que fazer-ſe amante de botica. Naõ ha para a Roſa purgatorios, como os Boticarios: alli purgaõ os eſpinhos os máos humores da crueldade na eſtufa do lambique.

E para que demos hum nó no quebrado fio deſte diſcurſo, ſe v. m. tem contra Seringa o nome, eu tenho contra ella a crueldade. Aqui aſſento a catana Apologetica, pedindo a Deos Cupido que reparta com os fieis muito deſte meu genio; para que, propagada eſta pro-

veito;

veitoſa ſeita do deſprezo, extirpadas as herezias do melindre, ſe extinga nas Mercieiras de Nero a confraria da crueldade.

Mais: para que os homens, naõ ſe deixando albardar do deſcortez arrieyro da formoſura, vivaõ ſem o freyo da tyrannia, zombem da eſpora da eſquivança, campeem ſem a vara da inteireza; antes eſpôjádos no terreiro do goſto, dem hum couce nas eſtrellas de Cupido.

FIM.

RESPOSTA
A HUMA OBRA,

Que escreveo, sobre as Festas que se fizeraõ em Cintra a 10., *e* 11. *de Settembro do anno de* 1720.

O VENERAVEL IRMAÕ

BANDALHO DO DEZERTO

Ermitaõ da Peninha.

ESCRITA PELO HUMILDE IRMAÕ

PEDRULHO DA CHARNECA

Ermitaõ de Penha de França.

ANNO PREZENTE.

VENERAVEL IRMAÕ

LI a voſſa Carta, por hum privilegio, que tenho da eſcóla; porque, ainda que Ermitaõ indigno, ſey ler tambem cartas, como vós eſcrevê-las, e de entre ambos, venha o démo á eſcolha. Digo-vos, que nella vos eſtá ſahindo a ermitanice pela penna, como a outros a ſalvajaria pelos olhos: até ahi Ermitaõ! Porque nem mais rombo, nem mais charro, nem mais inſulſo; epîtetos todos de hum Ermitaõ legitimo: o que tem, que vos aponto eu com Povos em França. Naõ me deixará mentir a voſſa Carta.

Tomára ſaber que tentaçaõ ſoy eſta, que vos paſſou da ſáccola á eſcrivaninha? Para pegares em taõ bem aparada penna, deixaſte da maõ a bacia? Naõ era para vós mais propria, mais tratavel, e mais accommodada a almotolia, que o tinteiro, e a poeira? Metteis-vos a compôr Mercurios, que mais vos ſervirâõ de borrar papel, que de eſpalhar noticias? E que dirá agora a veneravel recua de corpulentos, roliços,

liços, e bem curados Ermitães, que obſervantes auſteros de ſeus ſaudaveis inſtitutos, naõ ouſaõ ſahir da pirangueira derrota de Pechelingues devotos, andando a corço da eſmóla pelas enſeadas de Lisboa, e fazendo agoada no porto da Piedade regateira.

Que diraõ aquelles, que, eſtrugindo os populares ouvidos com ſeu ſonoro brado, gaſtaõ ſua ronceira vida por eſſas praças, e por eſſas ruas, ratos da ſáccola, e corujas da almotolia? Que diraõ os que com a capa curta, a ſotana cebenta, o chapeo feito corcova, vaõ armando ás paſſagens ao mais recatado real e meyo, no ramo da bacia, com o reclamo do: Quem ſe eſtrea?

Que diraõ todos eſtes occupados em ſeus proveitoſos exercicios, em perpetuo, e incanſavel giro, requeſtando na colareja a fructa, na ſaloya a cebola, na couveira a chicoria, na pecheira a ſardinha; ſem mais diverſaõ, que a que lhes permitte a ſympatîa originaria de Ermitaõ á Ermida, recorrendo á mais retirada, aonde o campanario do louro convida para a oraçaõ de hum quarto? Eſtes ſim, eſtes, ſem adulterar os obſervados eſtatutos de ſua vadiarîa recoleta, vos eſtaõ condenando a empreza peregri-

regrina; em que desnaturalizais o nome Eremitico, occupando-vos nas noticiosas tarefas de gazeteiro.

Meu Irmaõ, tende entendido que a hum verdadeiro Ermitaõ, em materia de cartas, naõ se lhe permitte mais que o truque. Isto supposto, venha a vossa Carta a juizo; que eu, posto que indigno deste balandráo recolcto, tambem sou dos Ermitaes, que dezejaõ abrir as cartas de seus Irmaõs, para ver a orthographia leiga, e a Latinidade charra; e cumprio-me Deos meus dezejos com esta vossa Carta, que ainda que na orthographia virá justificada, tambem deo com hum Ermitaõ de consciencia, curioso de fazer a sua anathomia em bom Portuguez, como vós no máo Latim.

Mas advertira-vos eu de caminho, que, já que sois Ermitaõ, como o mostrais na Carta, vós naõ mettais a Prosodia, nem a orthographista; que o mundo he hum corpo a modo de gente, que tambem vive com máos humores: e se naõ houver esta licença, bem aviada está a vossa Carta. Deixay a critica para outros, que tem mais fogo; que por esta Carta o que se infere, he que estais baldo do naipe.

Meu amigo, huma Carta jocosa ha de ter o gra-

o gracejo por frontiſpicio; logo á introducçaõ divertida, por pateo, até paſſar á ſála do aſſumpto, em que todo o ornato ha de ſer jocoſo. E vós ſahis com huma inſcripçaõ fóra de tempo, ſezuda, e Catholica, de que uſaõ para edificaçaõ os ſervos de Deos, e os de boas conſciencias, em ſuas Cartas; e desbaratais logo com a critica das cartas Ermitôas, que ſem dûvida ſeria hum preludio engraçado, ſe todos tiveraõ o voſſo voto. Meu Irmaõ, muy eſquecido eſtais do Preſepio; em corpo de palha, naõ ſe põem cabeça de Anjo. Ou eſta voſſa Carta he jocoſa, ou ſeria? Se he ſeria, para que he aquelle principio jocoſo? Se jocoſa, para que a deixais taõ eſpuria de graça? Jocoſeria naõ he ella, que eſſe methodo dá-o Deos a quem he ſervido.

He o voſſo primeiro emprego copiar a imagem da Senhora. Arrojaſte-vos ao raſgo, mas fraqueou-vos a valentia no raſcunho.

Muitas vezes vi eu aquella Soberana Imagem, que a mais perito Phidias deveõ o avultado; ao mais primoroſo Apelles o colorido. Vi, e admirey todas as patéticas expreſſoẽs da magoa mais profunda, e taõ vivamente expreſſada, como ſe a meſma dôr tiraſſe

ſe ao Artifice da maõ a goiva, para que ſó ella a imaginaſſe, ou o Artifice fizeſſe da dôr goiva, para que ſe exprimiſſe. Ficando taõ animada a repreſentaçaõ doloroſa, que os que a ſeu altar chegaõ devotos, ſahem delle compaſſivos. Supponho que eſte era o conciſo deliniamento, com que querieis propôr a imagem á contemplaçaõ dos leitores, mas cahio-vos o tento, e perdeſtes o retrato. Mas ficay advertido; nunca com pincel de pinta monos vos atrevais a copias peregrinas.

Naõ poſſo deixar de condenar a voſſa penna, ou de eſcaſſa, ou de eſcoteira, quando vendo toda eſta Corte trasladada a Cintra, ſe deixa ficar muy enxuta, dizendo eſtas poderoſas, mas eſpurias palavras: *Houve huma taõ eſtrondoſa ſolemnidade, que vi a Terra de Cintra convertida em Corte.*

Com que mais ſahira Franciſco Rodrigues Lobo, ou que menos, e mais novo, diſſera o Author do Auto de Maria Parda? Aqui, Irmaõ, he que ſe aperta a penna, para reforçar a elegancia: que para ſe igualar com o aſſumpto, ha de voar remontada. *Verbi gratia*: Já a Serra de Cintra, vendo-ſe admittida a palacio da mais eſclarecida Nobreza, parece ſe elevava de ſober-

ba, antes que de empedernida; querendo fazer ſynonymos a grandeza do ſoberano, e o material do elevado. Agora parece que alcançava o ſegredo de a veſtir a natureza de taõ numeroſa, e avultada penedia, como offerecendo-lhe, para a noticia que devia dar á poſteridade de taõ feſtiva grandeza, ſe, para obeliſcos o avultado; para inſcripçoẽs o numeroſo.

As copioſas, e repetidas fontes de freſcas, e ſaboroſas agoas, cryſtallinos Phaetontes daquellas penedias, que precipitados no verde Eridano de viçoſas plantas, fecundaõ para ſuas exequias frondoſas alamedas. Trocando o viçoſo ſitio de Cintra em Portugueza Theſalia, podieis dizer: Que nellas anticipara a natureza cryſtallinos eſpelhos para os Narcizos da gentileza, e tranſparentes tanques para as garças da bizarria. Fechando a deſcripçaõ de terreno taõ bem occupado, como theatro do feſtejo, ſem invejar a Roma a gloria de ſeus Circos, e Amphitheatros; theatros de ſeus feſtivos jogos, e paleſtras para ſeus pugnadores brutos.

Depois que deſcreveſtes á gineta o tablado, e puzeſtes á curta o terreiro, eſtá galante a propriedade com que introduzis por inſpectores a curioſidade, e a devoçaõ! A devoçaõ, bem podieis

dieis vós deixá-la ficar em caſa, que ella alli eſtava ocioſa; porque vir ver feſtas, naõ he correr Vias-ſacras. E quem vay com devoçaõ buſcar huma Senhora milagroſa, naõ ſe lhe dá lá que façaõ tourarias na praça. Os freguezes pios da Senhora da Piedade, meu Irmaõ, naõ lhes he neceſſaria a adherencia da feſta para a ſua Romaria; porque antes querem achar a Ermida occupada com devotos, que ó adro còm touros: e naõ vaõ fóra de propoſito; porque vay muito de correr touros, a correr paſſos. Aſſim podieis mandar recolher a figura da devoçaõ para o veſtuario, e confeſſar que naõ acertaſtes com o nome ao auditorio. Que vieſſe a curioſidade, ſeja embora, mas era neceſſario enfarinhá-la, nos Cavalheiros, de tafulharia; e nos plebeos, de eſturdia.

Vamos á narraçaõ da veſpera. Ainda naõ vi fogo taõ frio. Dizeis que houve algum do ar; quanto ao eſcrito, todo eſtá raſteiro: elle lá duraria muito, que quanto aqui, tudo ardeo logo. Eſte, ſem dûvida, foy o unico fogo ſem linguas, porque nada diz; elle me pareceo fogo ſalvagem. O Prégador, que prégou pouco, he que prégando vos remedou os periodos eſcrevendo: eſtá livre, e abſolto de delicto,

que foy alto ſegredo da Divina Providencia o ſer Caetano, para ſahir predeſtinado.

Confeſſo-vos que ſobre tudo me exaſperou a incapacidade Ermitôa, com que vos arrojaſtes a eſcrever a entrada do noſſo Monarcha, acompanhado da mais eſclarecida Nobreza, quando de Mafra (Egypto Luſitano, em que vay creſcendo a ſagrada Piramide de ſua Real beneficencia, e piedade) paſſou a Cintra. E naõ pintais vós a Cintra eſtremecida, e enfiada de ſe ver elevada ao deſvanecimento de Real hoſpedaria, com privilegios de Palacio, e Mageſtades de Throno? Paſmado o incançavel vulgo de ſua penedia, aos eccos da ſaudade invejoſa de Lisboa; e as povoaçoẽs cryſtallinas de ſuas numeroſas agoas, ou emmudecidas do reſpeito, ou coalhadas do aſſombro? Mas aſſim entrais com pés de lãa, aſſim com a callada da eſcritura no catalogo da Nobreza, que parece que antes ides a furtar, que a expôr a noticia.

A que dais do Cavalleiro deſte dia, me pareceo huma exhalaçaõ da penna. Aſſim eſtreitaſtes o miſeravel no aperto de duas regras, que me parecia eſtá-lo vendo na ſella, antes como Capucho, que como Cavalleiro. Ainda aſſim vos eſtá muy obrigado, porque correo por voſ-

ſa

ſa conta o ſahir á gineta. Mas ſeria contra as regras da Arte, ſe elle ſahio taõ curto de eſtribos, como vós de encomios.

Ainda naõ vi feſta de cavallo com narraçaõ taõ eſcoteira: em fim, ficou o pobrezinho na voſſa penna ſendo ephimera da cavallaria, Eu ſupponho que atégora ninguem tem dado fé delle pela eſcritura, e entendo que devieis vós de alguma ſorte, que ſempre faria alguma, encorporá-lo em mais larga, e plauſivel noticia, eſtendendo-lhe nas vozes da penna o victor da garrochada. Mas vós o ſyncopais de modo, que, graças ao adagio, ſe ha quem faça de hum argueiro hum Cavalleiro, vos fizeſtes agora de hum Cavalleiro hum argueiro. Meu Ermitaõ, ſe vós havieis de tomar taõ mal o refego ás figuras, quem vos metteo a alfayate das feſtas.

Agora na desfeita della, acabado o dia, fizeſtes bem em alinhavar a eſcritura na Real retirada; porque o reſpeito faz abater os voos á penna, por mais que favorecida da elegancia, ſempre pobre de pleonaſmos para Mageſtoſos aſſumptos. De hum Monarcha, baſta dizer-ſe que fez aſſiſtencia; iſſo ſobeja para ennobrecer a noticia: mas naõ vos havieis de ir tanto atraz

do

do choro do ſilencio, ou metter-vos tanto na roda do recopilado.

E já que, ao montar o noſſo Monarcha a cavallo, fizeſtes reflexaõ no bruto ſoberbo, porque a naõ eſtendeſtes ao mais heroico periodo? As horas vos lembravaõ o carro do Sol, de que podieis tirar hum cavallo, para o melhorares de exercicio. Quinto Curcio vos offerecia o Bucefallo, para o adiantares de Cavalleiro. Os Poetas vos punhaõ diante o Pegazo, em que podieis fazer a mayor lizonja a Apollo, apeando delle a Perſeo, Principe da Aſſiria, e pegando no eſtribo ao Monarcha da Luſitana; e ſahis no cabo, com as creſpas palavras: *Soberbo por taõ grande Cavalleiro*: ſem advertir, que o grande, para o noſſo Monarcha, ainda vem curto; e que na Grammatica Portugueza naõ exprime o nome de Cavalleiro mais que a prenda de andar a cavallo. Meu Irmaõ, naõ vos mettais em reflexoẽs heroicas, com elegancias cerceadas.

Mas vamos á veſpera do ultimo feſtivo dia, e á viſtoſa eſcaramuça, com que o mais eſcolhido da Nobreza authorizou a praça. Digo-vos que tendes huma proza muy timorata; porque, por mais que lhe grite o aſſumpto, nunca

ca bota as maõszinhas de fóra. Tomara ſaber para que ſe fez o Labyrintho de Creta com o tecido, e engenhoſo de ſuas voltas, ſenaõ para apoyo, e encarecimento de deſtras eſcaramuças? Sendo cada Cavalleiro hum Thezeo induſtrioſo, que, mettido em huma continuada volta, naõ perde o fio da ſua eſquadra, tendo a melhor Ariadna na ſua deſtreza. Eis-aqui para que ſe fez o Labyrintho de Creta, porque o mais he fabula.

As contoadas, e alcanzias deſpedidas de maõs robuſtas, e reparadas de vigilantes adargas, que outra couſa era mais que huma figurada paleſtra de Marte, em que elle ſe eſtava vendo, naõ ſó multiplicado, mas excedido? Para que ſe fizeraõ as methaforas, ſenaõ para raſcunhos de acçoẽs luſtrozas?

Que outra couſa era aquelle Marcio jogo, ſenaõ huma inventada tormenta, offerecida aos olhos do goſto, e naõ do ſuſto? Os Cavalleiros, relampagos no aſſalto; os cavallos, ventos no movimento; as alcanzias, trovoẽs no eſtrondo, e os meſmos brutos banhados em eſcumas, montanhas cubertas da inundaçaõ das agoas. Eis-aqui o eſtylo, aſſimilhando-ſe ao aſſumpto: e vós ſahindo com huma

nar-

narraçaõ em oſſo, em que a noticia, antes ſa-
he a açoutar envergonhada, que a eſpalhar no-
vidades bem ouvida.

Mas naõ me póde eſquecer huma expreſ-
ſaõ encarecida, em que imaginaſtes que tinheis
eſtancado a rhetorica; e dizeis: Que na deſtre-
za, com que corriaõ os Cavalleiros, antes pare-
ce ſe cançava a viſta dos que reparavaõ, que
a ligeireza dos cavallos que corriaõ; e em boa
conſequencia, ſegue-ſe: (perguntay-o aos Phi-
loſofos) que os cançados eraõ os cavallos.
Irmaõ, aquelles cavallos naõ podiaõ cançar
taõ depreſſa, porque, antes que dromedarios
com ſellas, eraõ exhalaçoẽs enfreadas. Nem eu
ſupponho que entraſſe alli cavallo opilado, pa-
ra vos favorecer o conceito: que mais diſſereis
vós, de hum murſélo do tojo, e de hum quar-
tago de Ribeiro? Que mais do rocinante do
Quixote, que em duas vezes de galopeado ſe
eſtendia deſengonçado no terreiro? Meu Er-
mitaõ, nas cavallarices dos Grandes naõ ha
ciatica, nem gota: e até os pombos ſe criaõ
para aguias; porque em virtude do Pegazo, pa-
ra Cavalleiros remontados, naſcem com azas
até os potros. Sou de parecer que, para ou-
tras eſcaramuças, vos naõ mettais nas voltas.

Eis

Eis a veſpera do ultimo dia. Alli com admiraçaõ vi o fogo, diſcipulo do fumo, porque como o fumo deſappareceo o fogo. Eu naõ eſtou muito nos meteoros, mas todo o fogo foy huma exhalaçaõ. Algum ſantiamen devoto devia ſer o fogueteiro. A eſtoupa do Papa naõ arde mais depreſſa. Grande homem perdeo em vós a Noroega, para zombar das ſuas ſombras diuturnas, na induſtria que tendes de fazer as noytes pequenas. Bem podeis ter a gloria de lograr huma penna com virtude de eſtancar fogo: e bem póde Lisboa comvoſco mandar bugiar as bombas do Senado.

Bom ereis vós para Miſſionario das Veſtaes; lá hia n'um ſopro o fogo ſempiterno. Sou de parecer, que nas Feſtas naõ ſejais o mordomo do fogo, viſto ſe vos acabar taõ depreſſa a polvora da proza. Mas vós podieis chegarvos áquelle adagio, que eu naõ entendo, de que deixar ás eſcuras, he deixar ás boas noytes; e dizer que, por melhorares de noyte, abbreviaſtes de lume.

Chegou o dia: Toureou o Duque, reduzindo a valentia, e a deſtreza a todas as regras da Arte. Eis-aqui como vos havieis de acolher ao laconico, já que vos faltava o frazeado. Mas

vós muy affoito de conceituoso, e de rhetorico, entrais com o Duque na praça, e sahis com huma fanada, e encolhida, ethopeya, que quer dizer expressaõ de acçoẽs da pessoa, debuxando as virtudes, as forças, as destrezas, e as cavallarias do Duque D. Jaime.

Quanto ao jogo equestre, meu Ermitaõ, aquellas prendas, ainda que as cultive a palestra, saõ bem empregados dispendios da natureza; e saõ necessarios todos os primores do artificio rhetorico, para lhe exprimir o natural, e o adquirido.

O Duque he hum Alexandre Lusitano em mandar os cavallos, e hum segundo Theseo em domar os touros. Destro, e robusto. A valentia lhe inspira os arrojos, e a destreza lhe consegue os acertos. Quanto ao genio, assim redundaõ em seu espirito as generosas qualidades da grandeza, que até se lhe participaõ ao exterior da estatura; tendo nesta huma tal proporçaõ, e harmonia, que bem parecem recõmendaçoẽs da natureza: querendo esta que se lhe deva a industria de fazer avultar no corpulento as ostentaçoẽs do Soberano.

Vede vós lá agora, com o Pigmeozinho da vossa fraze; como tomastes as medidas a hum

espi-

eſpirito duas vezes gigante! Meu amigo Ermitaõ, de gigantes, o pincel mais affouto naõ paſſa de hum dedo; e vós naõ vos atrevieis a menos, que a todo o corpo. Pois ſe lhe tomaſtes mal a medida, vede como lhe cortarieis bem a galla. He verdade que quizeſtes pôr aquelle Principe de vinte e quatro, pondo-o de golilha, a que eſtaõ muy obrigados os Miſtéres primitivos; porque com aquella eſcuſada advertencia lhe authorizaſtes a ſua antiga móda.

Meu zotiſſimo Ermitaõ, aquellas, e ſimilhantes menudencias, aonde ha tanto heroico, em que exercitar a penna, deve eſtudá-las o deſcuido, porque ſe naõ mettaõ a occupar o reparo: e porque o foy igual no eſtylo, com que fechaſtes o periodo do retrato naquellas taõ elegantes palavras: Porque ao meſmo tempo, em que era mageſtozo, pelo agigantado da eſtatura, era tambem ſummamente ayroſo. Digo que havieis de dizer: Segurando o mageſtoſo no agigantado, nem o agigantado lhe malquiſtou o ayroſo. O que ſuppoſto, deixay a deſcripçaõ dos Auguſtos para os Ciceros; e naõ vos mettais com o coto de huma penna a medir o Colloſſo da Fidalguia Luſitana.

Quanto aos golpes, que deo no touro, já

ſe tinha anticipado o ſeguro na robuſtez do braço; ſendo os que repetio taõ deſmedidos, que naõ podia negar a eſpada o pulſo, de que fora inſtrumento. O equivoco das ſortes em ſimilhante caſo, já eſtá çafado com o uſo; e era neceſſario engenhar outro, em veneraçaõ da novidade do aſſumpto: diſcreteando que, como ſorte he o meſmo que fortuna, eſtava o Duque com tanto dominio nella, que, a pezar do incidente da ſorte, naõ podia ter dûvida o lográ-las, como eſtava na ſua maõ o fazê-las.

Acabaraõ-ſe as Feſtas, vamos agora ás mangas. Eu as vejo taõ vazias, e taõ ſuperfluas, que me parecem perdidas. Por certo, que aqui me puz parado a ver a que propoſito cirziſtes alli aquelle remendo, cozeſtes aquella quartapiza, e alinhavaſtes aquella cauda. Alli o que ſe ſeguia, eraõ duas palavras ao Duque ſobre o ſeu zelo, e ſua devoçaõ, promettendo-lhe, na Piedade da Senhora, huma fauſta poſteridade para ſua Caſa. E acabou-ſe a Feſta.

Mas introduzires hum Dialogo depois de fechada a Igreja! Meter-vos a eſtadiſta de burel, com recordaçoẽs do antigo, como çapateiro velho! Muy ſatisfeito de que ſe renovaſſe o tempo, em que os noſſos Monarchas honravaõ as caſas

caſas dos vaſſallos com a ſua preſença; como ſe neſte noſſo ſeculo o naõ eſtiveſſemos nós vendo praticado! Pois a que propoſito buſcaſtes eſta adherencia, para introduzires a voſſa liſonja com ſua comitiva de ignorancia?

Naõ ſabem muy bem, ainda os Reynos eſtranhos, que ſaõ Pays os noſſos Soberanos Monarchas, que olhaõ para os vaſſallos, como para filhos? Pois de Pays taõ beneficos, que honras naõ eſperaõ huns filhos vaſſallos? Eſſa voſſa prova já vem tarde para fazer vaſſallo de diſtinçaõ ao Duque, quando outros tem logrado eſſa benignidade. Nem no noſſo Inclyto, Soberano, e humaniſſimo Monarcha ſe póde fazer novidade o entrar em caſa do Duque; porque entra nella como por ſua caſa. Pois ſe iſto he couſa aſſentada, para que he apontar argumentos, que inferem duvida?

Vamos agora ao additamento, já que quizeſtes acarretar para o aſſumpto eſte taõ improporcionado contrapezo, em vez de cerrares a abobada deſta voſſa deſcripçaõ encartada, dando graças á Senhora, a que ſe conſagrou a Feſta; e naõ metter-vos com tanta traveſſura hiſtoriada a encontrar aquelles amigos, que lo-

graraõ o deliciozo da voſſa practica, e o exemplar da voſſa companhia, introduzindo aquelle Dialogo da Real, e eſclarecida Nobreza do Duque, e ſua Caſa, authorizada com a Real prezença, como ſe iſſo naõ pareceſſe já foro na ſua Caſa, e houveſſe neſte ponto alguma duvida na Nobiliarchia Portugueza; podendo, ſem ires com licença de máo Filoſofo a buſcar outro meyo, ſeguir o primeiro aſſumpto, dizendo: Que naõ era muito que o Duque alargaſſe a maõ, no culto das Imagens, e Caſas Sagradas, quando toda a ſua vida, ſem ſuſto dos Padres Bernardos, he o Eſmoler Mór de Portugal.

Nunca o buſcou a neceſſidade, que o naõ achaſſe com a porta, e com a bolſa aberta. He o ſeu Palacio o celleiro dos pobres, filhos de Santo Antonio; e no Duque achaõ o ſegundo Jozé, para lhes encher aquelles ſaccos: e naõ contente com ſer o ſeu Jozé para a fome, he o ſeu Abraõ para a hoſpedajem; pois no ſeu meſmo Palacio lhes ſuſtenta hum Hoſpicio. Deos lhe immortalize avida, como Feniz da caridade Portugueza, que aſſim arde em huma taõ invencivel chãma, que nem na cabeça lhe diviſa a cinza.

Com

Com que, meu Irmaõ, o que havieis de dizer para gloria do Duque: Bemquisto, amado de Deos, e dos homens, como exemplar de Principes esmoleres: era o que talvez muitos naõ sabem, que todos os annos dispende em esmólas mais de doze mil cruzados, assistindo a Conventos, e Mosteiros de Frades, e Freiras pobres, mandando-lhes trigo, azeite, legumes, e cera para o Culto Divino. Aos Religiosos, que estaõ no Hospicio, dentro do seu Palacio, dá cem moedas cada anno para seu sustento. Na roda do anno veste muitos pobres; acode ás Almas com continuos suffragios de Missas, fóra a quotidiana esmóla dos pobres vergonçantes, que nunca sahem vazios da sua porta, como costumaõ sahir de muitas, e ainda com más respostas.

Pouco tempo há que deo aos Padres Loyos de Evora hum throno de prata, e huma Custodia, que se avalia tudo em doze mil cruzados. Finalmente, he o Duque taõ esclarecido, como Catholico; taõ liberal, como Soberano, e taõ bemquisto, como tratavel, e humano; e tem o mais honrado chapeo, que descobrio cabeça de Principe. E porque alcança com a profundidade, e clareza de entendimento,

to de que todos o conhecem dotado, que a ſua cortezia, há de ſer como a ſua riqueza, que ſe ſe naõ diſpende, naõ ſerve: eſſa he a razaõ, porque hum politico reparou, que na ſua liteira naõ ſe achavaõ corrediças de vidro, mas hum encerado de panno; porque nas cortezias he mais prodigo, que vidrento. Grande quináo para Cavalheiros novos, que cuidaõ que a fidalguia he andar de eſtatua, mettendo-ſe a divinos, á cuſta de baboſos: que paſſaõ por hum Sacerdote, como por vinha vendimada; e por huma carroça como por huma tribuna. Meu Ermitaõ, ficay niſto, que o Duque eſcuzava o voſſo Dialogo para ſeu pregoeyro; porque ſabe todo o mundo que he Grande para ſi, e Grande para todos.

A ſua oxaria he a meſa dos famintos; a ſua bolſa o theſouro dos neceſſitados; a ſua caſa o couto dos perſeguidos, e a ſua grandeza o eſcudo de todos. Aſſim, ſou de opiniaõ que naõ torneis acahir neſta tentaçaõ de diſcreto, com alparavazes de noticiozo, e naõ vos metais a fazer Relaçoẽs; que noſſos primeiros amos eraõ taõ diſcretos, como grandiozos, e naõ fizeraõ mais que duas (ſe a hum

Er-

Ermitaõ he decente hum equivóco) huma em Lisboa, outra no Porto. Naõ ſe vos metta em cabeça que a curioſidade Lisbonenſe he tôla, para lhe offereceres aos olhos huma narraçaõ de todo eſtofo, que era capaz de deſinquietar a eſcrivaninha a hum Tullio; e no cabo pondes-lha de eſtylo de refugo, e de fraze enſoſſo: o que importa he emendar, que naõ ſois vós taõ grande, que vo-lo naõ poſſaõ fazer, e attender, que em outra materia naõ ſey que poſſais dar dias ſantos; mas neſta ſey que naõ podeis fazer folhinas, porque naõ acertais com as feſtas.

E tornando-nos a enfronhar no noſſo burel, o meu lagarto, daqui da cova de Penha de França, ſe vos faz lembrado. Elle atégora aqui eſtava entrevado de velho, ſem lhe ſervirem quantas mulêtas aqui o eſtavaõ convidando: mas com huma piedoſa maõ de unto, que lhe deo algum official mezinheiro, ſahio como de novo; com que nelle, quando menos, temos o Feniz dos lagartos. Tomára que o vireis, que parece huma criança, e ha bem poucos annos que era hum lagarto mais velho que a ſerpe. Naõ faltaõ curioſos a fazer-lhe viſitas, e dizer-lhe graças. Elle diſſimula tudo, que he graõ

lagarto. Aos Domingos he a ſua çafra. A alfama em pezo o viſita em romaria; e elle alli eſtá como huma beſta de páo, de quem diſſe hum diſcreto o outro dia, que ſó agora ſe lhe podia applicar aquelle axioma da eſcóla: L. lagarto, P. pintado.

Dou-vos eſta noticia, porque naõ cuideis que os lagartos da Penha ſaõ lá como as oſgas da Peninha; e para que tireis daqui huma proveitoſa cautéla, que vem a ſer: que vos naõ affouteis a pôr-vos em campo com pernas de lagartixa; porque vos póde tahir hum lagarto. Deos vos guarde, que naõ falta aos bichinhos da terra.

Deſta minha bruta toſca, e empenhaſcada gruta de Penha de França, voſſo, antes barato, que cariſſimo, o Ermitaõ ſolapado, Pafuncio do deſterro. Naõ já Braz Jorge da Amargura, que mudou o nome na Criſma, por achar eſte com pouca graça.

FIM

DESTE PRIMEIRO TOMO.